



SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

Morfologia e rito - fundamentos para um projecto de recuperação

Paulo Dias | Orientador: Pedro Matos Gameiro | Co-orientadora: Marta Sequeira

Universidade de Évora | Mestrado Integrado em Arquitectura | 2014



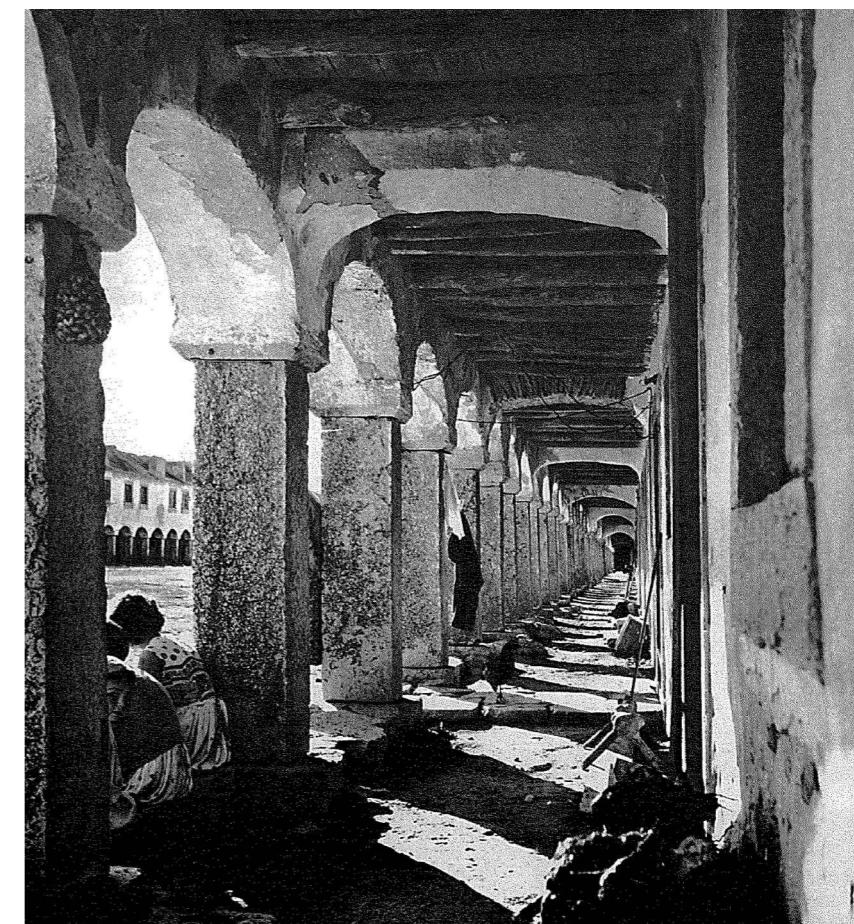
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

Morfologia e rito - fundamentos para um projecto de recuperação

Paulo Dias | Orientador: Pedro Matos Gameiro | Co-orientadora: Marta Sequeira

Universidade de Évora | Mestrado Integrado em Arquitectura | 2013

VOLUME I



Este trabalho de dissertação não tem por base o novo acordo ortográfico.

Ao Pedro Gameiro e à Marta Sequeira,
pela inquestionável dedicação, pelo entusiasmo e pela ajuda prestada no desenvolvimento deste trabalho.

À Nilce Teixeira,
por toda a ajuda, entusiasmo, carinho, motivação e por tantas vezes me ouvir e apoiar de forma inquestionável.

Aos meus pais, por tudo. Ao meu irmão, pelo apoio. Aos meus amigos, pela ajuda.

Agradecimentos

ÍNDICE

Volume I	página
Resumo	7
Introdução	13
<i>1. Barbarium Promontórium</i>	17
<i>2. O Santuário no promontório do Espichel</i>	29
<i>3. Romeria a Santa Maria do Cabo</i>	41
<i>4. Cronologia Histórica</i>	45
<i>5. Evolução Morfológica</i>	49
<i>6. Recuperação do Santuário de Nossa Senhora do Cabo</i>	81
<i>7. Evolução Morfológica - Síntese</i>	137
Bibliografia	140
Créditos de Imagens	142

Volume II

Anexos	
[SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - <i>Memórias sobre a antiguidade das Romarias...</i>	5
Projectos de Intervenção - Arquivo SIPA	227
Fotografias - Arquivo SIPA	237
Fotografias - Arquivo fotográfico C.M. de Sesimbra	245
Fotografias do autor	249

RESUMO

O Santuário de Nossa senhora do Cabo, erguido sobre o planalto do Cabo Espichel, localizado a oeste da Vila de Sesimbra, pouco depois da povoação da Azoia, apresenta-se hoje com uma estrutura muito complexa e, por estranho que pareça, em claro abandono. Mas nem sempre assim foi. Desde sempre, vários foram os devotos que se dirigiam a este local, quer este fosse assinalado por uma complexa estrutura, no século XVIII, ou por uma simples ermida, no século XV. Esta realidade encontra-se retratada num manuscrito de 1854 (cuja autoria aqui se atribui a Francisco Ildefonso dos Santos) pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal com a designação de *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* e que, ineditamente, é publicado e transcrito integralmente nesta tese. Este documento revelou-se fundamental para uma compreensão do sítio do Espichel, e descobriram-se inúmeros aspectos até aqui desconhecidos. Com base na descrição deste manuscrito, relatos de época e gravuras, este trabalho de investigação propõe uma hipotética reconstituição da evolução morfológica do santuário ao longo dos tempos, bem como uma possibilidade de intervenção arquitectónica. Assim, este estudo não só contribui para o conhecimento sobre a estrutura arquitectónica do Santuário do Cabo Espichel, como para a enunciação de uma possível metodologia de intervenção em conjuntos deste tipo. Esta intervenção estabelece-se em continuidade com a história do edifício, mantendo o espírito do uso de outros tempos, que está, sem dúvida, intimamente ligado à geografia do lugar, e ao facto de se encontrar no lugar fim de terra que, em tempos, se considerou ser o *Barbarium Promontorium*.



Fig. 2 Promontório do Cabo Espichel, 2012.

ABSTRACT

The Sanctuary of Nossa Senhora do Cabo, built on top of the plateau of Espichel Cape, located west of Sesimbra town, next to the Azoia village, presents itself nowadays with a highly elaborated structure and, as odd as it seems, clearly abandoned. But it wasn't always like this. Since it has been built, there were a lot of devotees that visited this place, whether as an elaborated structure, in the 18th century, as well as a simple hermitage, in the 15th century. This fact was portrayed in an 1854 manuscript (whose authorship is attributed to Francisco Ildefonso dos Santos) that can be found in the Biblioteca Nacional de Portugal, named *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* which is, unprecedently, fully published and transcribed on this thesis. This document has revealed itself essential to a full appreciation of Espichel place, and have been discovered several aspects unknown until now. Based on the description made on the manuscript, reports of that period and illustrations, this research work propounds an hypothetic reproduction of the sanctuary's morphological evolution through time, as well as a possible architectural intervention. Therefore, this study not only contributes to enlighten about the architectural structure of the sanctuary of Espichel cape, as the exposure of a possible intervention methodology on this type of buildings. This intervention establishes itself continuously with the building history, preserving the spirit of its purpose in older times, which is, unquestionably, deeply connected to the place's geography, and to the fact that finds itself in the place of land end, that once was considered to be the *Barbarium Promontorium*.



Fig. 3. Ermita da Memória, 2012.

O princípio, e origem de haver na Egreja de Deus o costume de peregrinar, e fazer romarias por motivos de devoção he cousa muito antiga. Os Historiadores, e Autores Ecclesiasticos estão cheios de provas da antiguidade desta devoção. Desde os primeiros séculos costumáram os Fieis ir visitar os Logares Santos em que se tinham obrado os principaes Mysterios da nossa Santa Religião. (1)

(1) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] in *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...*



Fig. 4. Santuário da Nossa Senhora do Cabo assinalado a encamado sobre a «Carte chorographique des environs de Lisbonne», Harvard Map Collection, 1821.

INTRODUÇÃO

O objecto de estudo deste trabalho é o Santuário de Nossa Senhora do Cabo, localizado a oeste da Vila de Sesimbra, pouco depois da povoação da Azoia, no limite escarpado do promontório do Cabo Espichel.

Sucedendo, possivelmente, um culto muçulmano (2), este local de hierofanias afirmou-se, ao longo de aproximadamente seis séculos, como um lugar de romagem e intensa devoção cristã.

Os oradores do orago de Nossa Senhora do Cabo (3) edificaram neste local, no século XV, um santuário em sua homenagem - o Santuário da Nossa Senhora do Cabo. Este terá sido um local de grande devoção e dedicação, albergando centenas, se não milhares de pessoas oriundas da grande Lisboa e do seu termo, a que se lhes juntavam outras dos mais distintos locais. Contudo, contrapondo o esplendor de outros tempos, o conjunto edificado no Cabo Espichel apresenta-se hoje, em parte, num estado avançado de ruína e assiste a um abandono progressivo das suas gentes. Em parte, o abandono e o consequente declínio devem-se aos círios saloios terem deixado de realizar, a este local, a partir de 1887, as suas romarias (4). Porém, o ponto alto de decadência deu-se após 1974. Deste ano em diante, os sesimbrenses ocuparam ilegalmente as hospedarias e, servindo-se delas o ano todo, ali se mantiveram cerca de 25 anos (5). Hoje, e devido, em parte, a esta ocupação, é visível uma série de anexos em torno do conjunto.

As tentativas de recuperar o esplendor que o conjunto teve noutros tempos têm sido várias. No seguimento das obras que a Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) vinha a desempenhar no santuário desde 1964 surgiu, em 1968, o primeiro projecto de recuperação do santuário, promovido pela mesma entidade com a autoria de Francisco Keil do Amaral, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias (6). O projecto, no entanto, não teve seguimento. Em 1986, após a Confraria da Nossa Senhora do Cabo aceitar doar ao Estado a ala Norte das Hospedarias, foi criado um grupo de trabalho (arquitectos Ana Rosa Freitas e José Fernando Canas) para dar continuidade ao projecto inicial (7). Em 1995 foi publicado, em decreto-lei (8), a notícia de que o Estado tomava posse administrativa do santuário, aceitando deste modo a doação da ala Norte das hospedarias, destinando o seu uso a uma pousada. A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais comprometeu-se a recuperar todo o conjunto e, depois de terminada a intervenção, a ala Sul das hospedarias seria devolvida à Confraria (9). Nesse mesmo ano, o arquitecto Victor Mestre foi incumbido da reestruturação do projecto anterior, para a reabilitação do Santuário e a sua transformação em Pousada do Cabo Espichel. A Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, a Câmara Municipal de Sesimbra, a Direcção-Geral do Património e a Empresa Nacional de Turismo (Enatur) realizaram, devido à complexidade do projecto em causa, um protocolo, que nunca chegou a ser assinado (10). Apesar disso, a DGEMN iniciou no local, a partir de 1997, obras de recuperação da Igreja. Paralelamente, as hospedarias, que ainda permaneciam ilegalmente ocupadas, foram alvo de acções de despejo. Contudo, em 2003, o Estado vendeu a Enatur-Pousadas de Portugal, afastando a possibilidade do projecto de recuperação e adaptação a pousada ser concretizado.

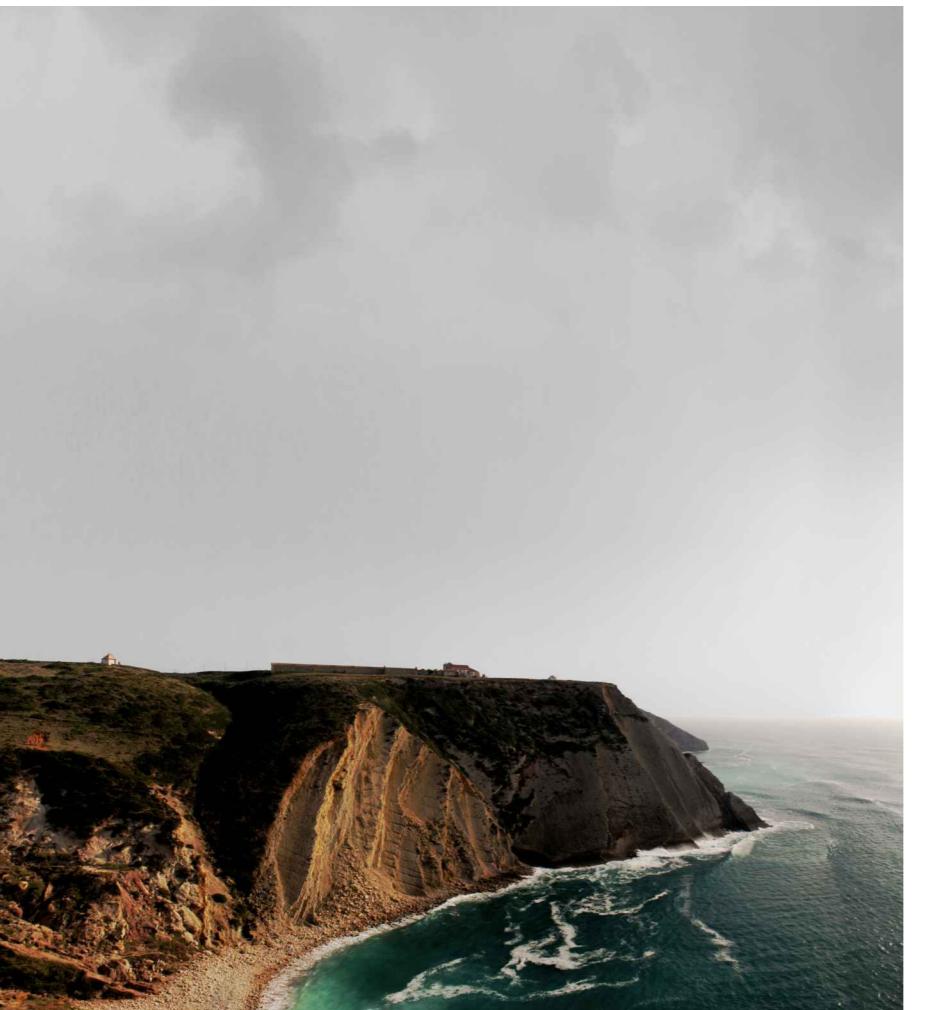


Fig. 5 Promontório do Cabo Espichel, 2012.

(2) Ver p. 50 deste trabalho.

(3) Círios saloios e, por vezes, financiando as obras, a Família Real Portuguesa.

(4) PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim . Lisboa: Argusnauta, 2008, p. 311.

(5) Tal situação já não se verifica actualmente. Em 1996 as janelas e portas das hospedarias começaram a ser emparelhadas, evitando a ocupação indevida.

(6) Ver projecto em Anexo, p. 227.

(7) Ver projecto em Anexo, p. 231.

(8) Decreto-lei nº 40/95, de 18 de Novembro 1995.

(9) As obras de recuperação do conjunto deveriam estar concluídas em 1997.

(10) PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim . cit. 4, p. 306.



Fig. 6 Santuário da Nossa Senhora do Cabo, 2010.

Com a realização deste trabalho, pretende-se a recuperação integral do Santuário da Nossa Senhora do Cabo, tendo como base um processo de reconhecimento do seu carácter e da sua vocação primordial. Neste processo, pretende-se que a nova intervenção tenha a capacidade de respeitar e manter o espírito do uso do edifício, bem como proporcionar ao novo utilizador a possibilidade de habitar este santuário, construído num local tão inhóspito. Para tal, foi realizado um trabalho de investigação sobre o santuário tendo como principal objectivo reconhecer a evolução que o edifício sofreu ao longo dos tempos.

As investigações realizadas até ao momento debruçam-se essencialmente sobre a documentação escrita existente. Dos estudos realizados até então, destaca-se *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*, publicado por Heitor Baptista Pato em 2008 (11), que, através da análise dos documentos escritos existentes, descreve a origem do culto neste local, as suas lendas, as suas tradições, a antiga configuração do santuário, os projectos elaborados que pretendiam a sua recuperação e sensibiliza para o estado de abandono que o conjunto apresenta.

Este trabalho, de modo a contribuir para o conhecimento sobre este conjunto, parte de uma análise cuidada não só dos elementos escritos, como também dos elementos desenhados existentes - constantes no arquivo do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico), nas obras *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel* (12) da Fundação Calouste Gulbenkian, *Arquitectura: O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel* (13) de António Freitas e *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social* (14) de Gustavo Portocarrero, e nos painéis de azulejos presentes no interior da Ermida de Memória. Por outro lado, entre a documentação escrita recolhida encontra-se um manuscrito redigido em 1854 com a designação de *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* (15) cuja autoria aqui se atribui a Francisco Ildefonso dos Santos (16). Este manuscrito considera-se ser um elemento essencial para um correcto entendimento do Santuário da Nossa Senhora do Cabo que nunca antes foi publicado e que nesta investigação se encontra integralmente analisado e transcrito (ver em anexo, p. 5). Este documento inédito revelou-se fundamental para uma análise e compreensão mais consciente da evolução morfológica do santuário e permitiu a descoberta de inúmeros aspectos até aqui desconhecidos.

Em resultado da informação recolhida, tornou-se possível realizar o que se encontra em falta nas investigações levadas a cabo até hoje: um estudo gráfico centrado na evolução morfológica a que o Santuário foi sujeito, bem como a definição do programa original dos espaços do edifício. Este trabalho poderá servir, no futuro, como base para estudos arqueológicos que permitam comprovar as hipóteses aqui levantadas.

Em paralelo com as descobertas decorrentes da investigação, e como sua consequência, foi realizado o projecto de arquitectura de recuperação do Santuário. A metodologia utilizada para a elaboração deste projecto poderá servir como modelo para futuras intervenções em estruturas semelhantes à deste santuário e contribuir para a recuperação do património edificado.

(11) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. cit. 4. Heitor Baptista Pato é um investigador que em muito tem contribuído para a valorização do Santuário da Nossa Senhora do Cabo no Espichel.

(12) GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: 1964.

(13) FREITAS, António - *Arquitectura: O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel*. nº 70, Lisboa: Março 1991.

(14) PORTOCARRERO, Gustavo - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Colibri, 2003.

(15) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...*. Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889 (cópia de 1854).

(16) Actualmente o manuscrito é descrito como um documento anônimo. Mas, no estudo introdutório, da autoria de Jorge Miranda, ao terceiro volume *Memorial histórico ou coleção de memórias sobre Oeiras: desde o seu princípio, como lugar e Cabeça de Julgado...*, editado pela Câmara Municipal de Oeiras em 2000, são referidos vários textos anônimos, mas possivelmente atribuíveis ao historiador local Francisco Ildefonso dos Santos, nomeadamente os que se debatem sobre os círios de Nossa Senhora do Cabo e da Atalaia. Esta obra encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal com a cota C. G. 13376V. Com base nestes indícios, é possível que a autoria do manuscrito seja Francisco Ildefonso dos Santos, que o terá redigido entre 1854 e 1857 - último ano descrito no manuscrito.

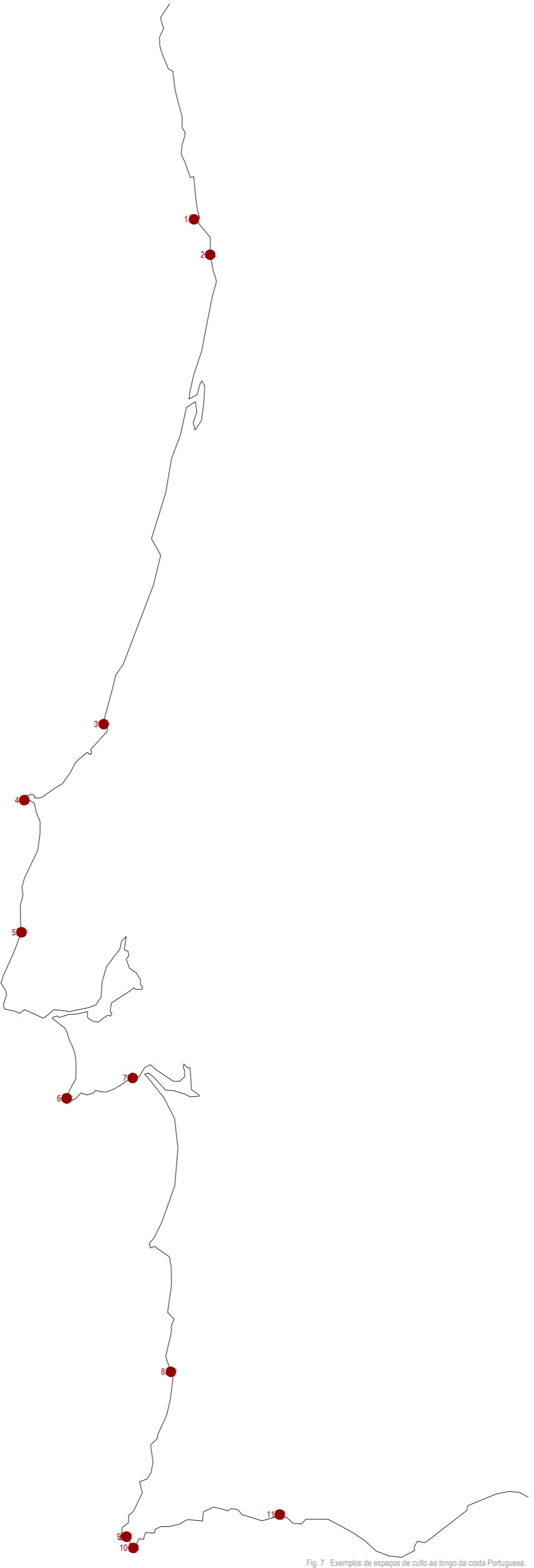


Fig. 7 Exemplos de espaços de culto ao longo da costa Portuguesa.

1. BARBARIUM PROMONTÓRIO

Então, lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético [Cyneticum iugum], ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros [...] Segue-se um promontório, que assusta pelos seus rochedos, também ele consagrado a Saturno [Saturni promonturium]. Ferve o mar encrespado e o litoral rochoso prolonga-se intensamente (17).

Avieno no séc. IV, «Orla Marítima»

Os acidentes geográficos e geológicos foram, desde a mais remota antiguidade, associados à presença de forças que transcendem o poder da Humanidade. Em homenagem aos seres divinos, aí se ergueram santuários, reverenciando-lhes o seu poder, agradecendo-lhes os seus favores e acalmando-lhes a sua ira.

Heitor Baptista Pato, em *O Culto dos Promontórios em Portugal*, sublinha:

«O culto destes locais numinosos ter-se-á iniciado em longínquas épocas pré-históricas com a qualificação dos primeiros espaços sagrados ou a ereção dos primeiros santuários. No mundo ocidental, e com a romanização, assistir-se-á não raras vezes à assimilação ou identificação desses antigos cultos a divindades romanas, num processo de interpretatio que os gregos já haviam aplicado e que os cristãos irão prosseguir e ampliar, reocupando e reconvertendo os velhos santuários pagãos, ou adaptando antiquíssimos ritos, para os atribuir à nova fé...» (18)

Em Portugal, rios como o Douro, o Côa, o Guadiana e o Tejo, que correm por entre vigorosas serras deixando para trás enormes desfiladeiros devido à força das suas águas, construíram desde cedo locais preferenciais de culto (só disso testemunho as pequenas capelas e santuários que se ergueram ao longo das suas margens, tendo muitos desaparecido devido às intempéries). Ao longo de toda a costa marítima, e à semelhança do que acontece nas margens ribeirinhos, esta veneração dos promontórios «que dominam as arribas escalvadas, aprofundando o mar do desconhecido e sobre ele avançando em cunha como pontas inexpugnáveis» (19) foi igualmente praticada e até de modo mais intenso, devido à sua condição geográfica extremada. Estas terras do *fim* têm constituído, desde sempre, locais de hierofanias apropriados pelas mais diversas religiões. O cristianismo fez com que muitos destes locais de finisterra, ao longo de toda a costa portuguesa, e em especial os cabos, fossem dedicados ao culto cristão.

A esta prestação de culto em locais de finisterra, associou-se a mitologia oceanica. Várias foram as construções erguidas nesses locais. Por vezes, consistiam em simples cruzeiros. Noutros casos, em pequenas capelas. E em casos excepcionais, e devido à grande expressão do culto prestado nesses lugares, foram erguidos templos de maior dimensão. Estas construções contribuíram largamente para uma espécie de prolongamento do território, funcionando como lugares de peregrinação.

(17) Descrição de Avieno sobre o território dos Cínetos (tribo que ocupou parte da Península Ibérica no séc. X a.C.). Avieno, assim como Estrabão, descreve erradamente o Cabo de São Vicente (Cyneticum iugum) como sendo o ponto mais ocidental da Europa. Descreve também o cabo de Sagres como *Saturni promonturium*. Avieno, *Rufo Festo - Orla marítima*, 2^a ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992, pp. 22 e 47.

(18) PATO, Heitor Baptista - *O Culto dos Promontórios em Portugal*. Celibebia.net, 2007, disponível em: <<http://celibebia.net/articulo.asp?id=2938>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2012.

(19) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. cit. 4, p. 21.



Fig. 8. "Barbarum Promontorium" - Cabo Espichel, 2012.

No extremo poente da cadeia arrábica, onde a terra escarpada se funde com as bravias águas do Atlântico, surge então, num dos pontos mais elevados da costa portuguesa, o local que Ptolomeu designou, no séc. II, de *Barbarum Promontorium* (20) - o Cabo Espichel.

De características múltiplas e contraditórias, esta «falésia do abismo» assume-se hostil à habitabilidade e propícia ao estímulo da mitologia. A luminosidade, o solo áspero, a escassez de vegetação, o clima duro, as enormes falésias e a extensão de horizontes fazem deste local um testemunho em que a Natureza se mostra imaculada na sua majestosa beleza, mas também rude e aterradora.

Aqui, como em todos os *fins de terra*, onde o desconhecido, o mistério e o medo se misturam, originaram-se histórias e lendas (21). Crenças e mitos foram passando de geração em geração. Foi esta demanda, esta aproximação ao sagrado que, ao longo de séculos, atraiu gentes oriundas de ambas as margens do rio Tejo ao sítio do Espichel.

A este local foram-lhe atribuídos vários nomes. Terá sido apelidado de «Cabo da Santa Esperança», pelas pessoas que a este lugar se predispunham a ir em romaria na «esperança de achar remédio às suas enfermidades: fim de todos os males, e princípio de todos os bens» (22).

Neste lugar despovoado - onde a vegetação é rasa e escassa, o ar é frio, húmido e salino, o habitar é difícil - a pequena povoação da Azóia ganha destaque emergindo no monótono planalto, percebendo-se de imediato o porquê da afirmação dataada de 1366, «jazem em huu dos cabos do mundo e fora de todo o caminho» (23), realçando a dificuldade e o isolamento imposto a quem nestas terras se pretenda estabelecer.

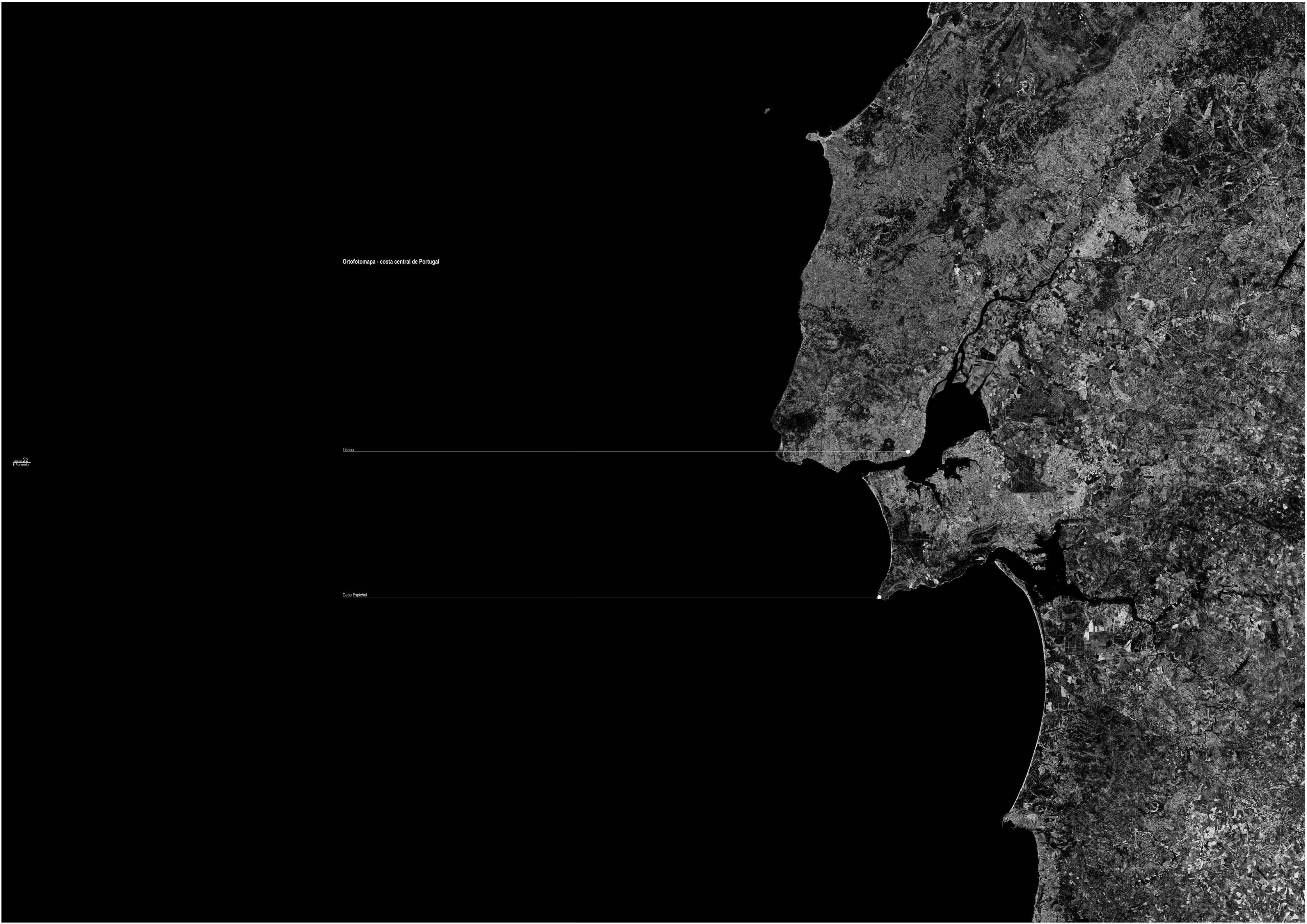
(20) O Cabo Espichel é também ele referido como Cabo Câmpico. Este topónimo deriva de Cempso. Os Cempcos eram tribos indo-europeias sedentárias, desde o séc. VI, ao longo do Alto Alentejo e da Estremadura espanhola e estendendo-se talvez, como refere o topónimo, até à costa ocidental. AVIENO, Rufio Festo - *Orta Meritima*, cit. 17, pp. 22 e 47.

(21) Ver lendas em anexo, p. 19.

(22) PEDROSA, Fernando Gomes - *A origem dos topónimos "Espichel" e "Sesimbra"*. Nautical-archaeology.com; Projeto Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias - Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL. 2011. Disponível em <<http://nautical-archaeology.com>>, acesso em 28 de Dezembro de 2012. O estudo de Fernando Pedrosa sugere uma outra possibilidade para a origem do topónimo *Espichel*: coloca a hipótese de, influência francesa, poder advir de Cabo de São Miguel (Cabo de Saint Michel).

(23) Cit. in PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 15.





Ortofotomap - costa central de Portugal

Lisboa

Cabo Espichel



Ortofotomap - Cabo Espichel

Praia dos Lagosteiros

Santuário de Nossa Senhora do Cabo

Farol do Cabo Espichel



Fig. 12. Cabo Espichel, 2009.

O extenso promontório encontra-se a, aproximadamente, 130 metros de altitude. Fustigado pelos fortes ventos que sopram exorbitados desde o Atlântico, a sua superfície apresenta-se hoje aplanada. Em oposição a este planalto, regular e horizontal, o cabo é composto por enormes arribas que, incansavelmente açoitadas pela força das suas ondas, se prolongam vertiginosamente oceano adentro. No sopé da arriba, e ao longo de toda a sua extensão, surgem, formadas pela abrasão marítima, praias cavadas (como é exemplo a praia dos Lagosteiros, a norte do promontório onde assenta o Santuário), assim como inúmeras reentrâncias e grutas que, por vezes, chegam a atingir quilômetros de extensão.

Embora o promontório se localize no limite montanhoso da Serra da Arrábida, toda a região é praticamente plana até aos seus extremos, descendo numa condição suave para norte, ou repentinamente nas falésias do Cabo. No seu topo, os horizontes prolongam-se, permitindo vislumbrar de forma clara o grande areal da Caparica e até mesmo, em dias de menor nebulosidade, a longínqua Serra de Sintra.

Ainda antes de nos aproximarmos da costa, o isolamento, que facilmente é atribuído a estes locais de fim de terra, vai-se fazendo sentir. Após deixarmos as povoações próximas do Cabo, a primeira sensação é a da repentina abertura de horizontes. O mundo conhecido, limitado por barreiras visuais construídas pela Natureza ou pela mão do Homem, é deixado para trás. Entramos numa paisagem marcada pela escassa vegetação e ocupação humana. Aqui, o ar salino torna-se mais húmido, o silêncio aumenta. Apenas se ouve o som do vento que sopra, agora sem qualquer impedimento à sua passagem.

O percurso, pautado por leves depressões, é quase todo plano. E, pela primeira vez e ao longe, ao ultrapassar um dos suaves outeiros é avistado, no horizonte, o Oceano Atlântico. Do lado direito surge uma pequena elevação que bloqueia novamente a visão sobre o oceano. Quando a elevação é deixada para trás, percebemos que nos encontramos já muito próximo do mar.

A vegetação, o vento e a presença das colinas não se alteram antes da entrada no cabo, o próprio som do mar não se faz sentir antes deste momento. Ao entrarmos no limite do cabo percebemos imediatamente que nos encontramos num local de finisterra.

Aqui, os limites entre o chão e o abismo estão claramente definidos. O som fustigante do mar e do vento aumentam gradualmente de intensidade, mas embora todas estas características sejam indícios do limite de terra, é quando nos aproximamos das grandes falésias que a Natureza se revela agreste e assustadora, mas a vontade de nos deslocarmos para o seu limite e de alcançar este ponto é inerente a todo o ser humano. O próprio cabo demonstra essa mesma vontade. Através da sua configuração recortada, irrompe oceano adentro, como que indicando uma direção. A sua projeção na arriba leva-nos a percorrer o lugar de igual modo. O nosso olhar e movimento tornam-se perpendiculares à linha de costa levando-nos rumo ao sol poente, a o mar. Terá sido talvez esta, a vontade de quem, em tempos, decidiu demonstrar a sua devoção no Cabo Espichel, iniciando o culto neste lugar fora de todos os outros.

2. O SANTUÁRIO NO PROMONTÓRIO DO ESPICHEL



Fig. 13 Santuário de Nossa Senhora do Cabo, década de 60.



Fig. 14 Hospedarias, década de 60.



Fig. 15 Arraial, década de 60.

A quem decide encaminhar-se e acolher-se neste Santuário, construído pela vontade dos romeiros de adorar Santa Maria, passando a povoação da Azoia e percorrendo a estrada sinuosa que lhe faz acesso, observa-se uma paisagem desabitada, pontuada por construções clandestinas e paradas no tempo. Para além destas, e como marco da ocupação humana, interrompendo o horizonte, avista-se o aqueduto que, por vezes enterrado, outras rasteiro, nos encaminha em direcção ao promontório. Ao longe, pousado sobre o imenso planalto, avista-se o Santuário da Nossa Senhora do Cabo que, à semelhança dos templos gregos, se coloca de forma estratégica e indicadora de respeito mútuo entre Homem e Natureza.

De planta ortogonal, em forma de U, com orientação este-oeste, e aberto à terra e não ao mar, o conjunto expressa uma clara renúncia a todo o simbolismo que o oposto lhe atribuiria. Através da colocação da igreja (a oeste) e da criação de duas alas paralelas de hospedarias (a norte e a sul), cria-se no seu seio uma atmosfera protectora dos fortes ventos que sopram ao longo de toda a costa. Todo o conjunto transparece uma sensação de conforto oferecida pela escala humana.

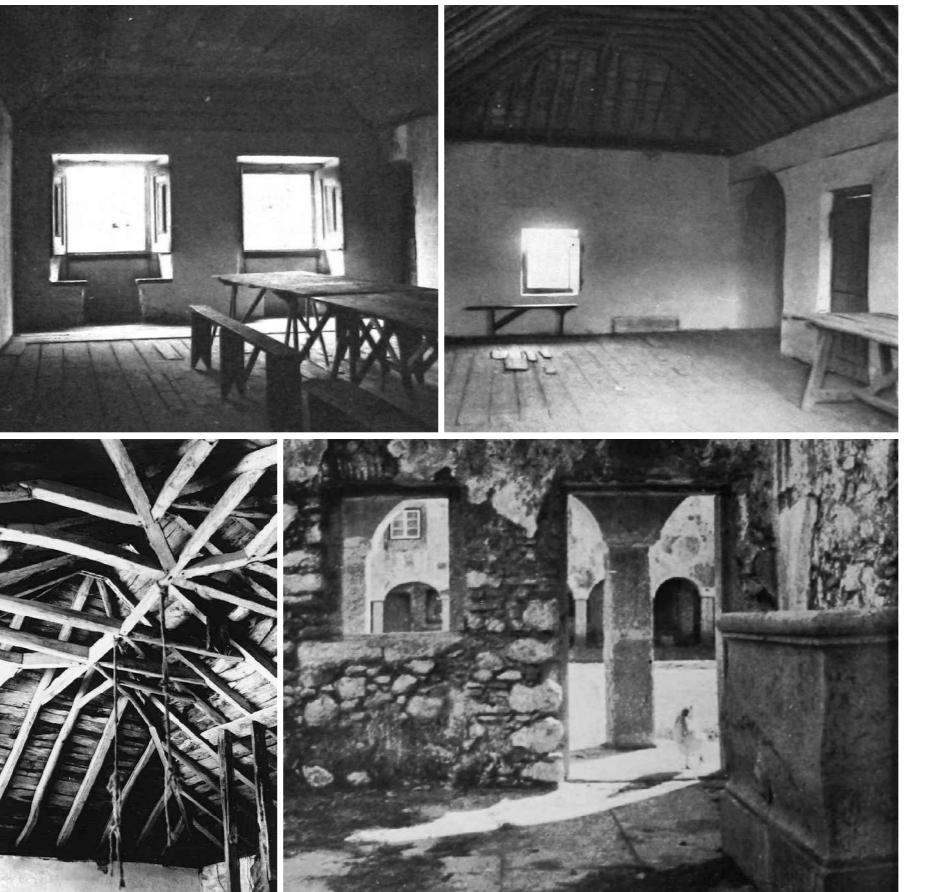
As duas alas de hospedarias, paralelas entre si, encontram-se construídas em dois níveis - primeiro com uma arcada -, possibilitando o acesso abrigado até ao templo, assim como um reforço axial ao conjunto. Estas duas alas, criadas ao longo do séc. XVIII, pontuadas pela igreja a poente, formam ao centro um grande terreiro - o arraial. Heitor Pato afirma que este terreiro poderá ser considerado como a primeira praça absolutista de Portugal (24). O investigador descreve igualmente que a esplanada criada no Cabo Espichel se assume como «um lugar público em que a arquitectura, obedecendo a um programa urbanístico rigorosamente planeado, serve antes do mais de enquadramento para um palco cénico no qual o povo observa, admira, inveja e acata as representações áulicas do poder régio e/ou religioso; já não uma ágora em que o povo livremente se manifesta na sua natural exuberância, mas o fórum racionalizado que tenta ordenar a natural desordem da espontaneidade» (25). Os arquitectos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco da Silva Dias, co-autores de *Arquitectura Popular em Portugal*, afirmam que a «sequência do desenho dos arcos marcados pelo escuro do paramento recolhido, aliam-se numa escala que se adivinha colectiva, mas não exclui a presença do indivíduo e fazem do largo um dos mais belos conjuntos da região, só com paralelo, já duma concepção erudita, no Terreiro do Paço, em Lisboa» (26).

Neste grandioso espaço comunitário realizavam-se as mais diversas actividades - quais procissões, missas, feiras, jogos tradicionais, cavalhadas, e até mesmo touradas. Era no arraial que chegava a berlinda da Senhora, vindas de Lisboa, contendo no seu interior a imagem de Maria. Actualmente, ainda se realizam missas campais e procissões neste local.

(24) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 264.

(25) Idem., p. 264.

(26) ORDEM DOS ARQUITECTOS - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p.157.



Figs. 16, 17, 18 e 19 Interior das Hospedarias, década de 60.

Além de criarem um espaço central comunitário, os dois corpos de hospedarias orientam o romeiro para um ponto focal, a igreja. O templo torna-se uma peça central, coroando a grandiosa praça pública. Em comparação com outros santuários que, por se encontrarem em locais elevados e de topografia irregular, são antecedidos por escadarias que rematam num ponto mais alto - a igreja -, no Espichel tudo é plano. O romeiro «dirige-se então em frente e não para cima, e a altura desse olhar é traçada precisamente pelo ponto de fuga da longa sucessão das arcadas téreas que enquadram e realçam o templo, antecedendo-o quase a jeito de galilé» (27).

As hospedarias (28), construídas através do empalhamento de pedra irregular e de pequena dimensão, são formadas por módulos de planta rectangular que se repetem, sucessivamente, lado a lado. Cada módulo divide-se em dois pisos: o piso térreo - as lojas - e o piso superior - os sobrados. As lojas encontram-se recuadas em relação à arcaria, permitindo o acesso abrigado ao seu interior. Apesar de conterem menor área que os sobrados, dispõem igualmente de uma cozinha rudimentar «com duas fornalhas, uma grande mesa, dois bancos corridos e um cabide» (29). Sendo modesto, o equipamento destas habitações, tudo o que se julgava necessário à permanência dos romeiros durante as festividades (que duravam em geral, quatro a cinco dias), era transportado em carroças, mulas ou, nalguns casos e em dias de boa maré, em pequenas embarcações que ancoravam junto da praia dos Lagosteiros, sobranceira pela Ermida de Memória. Para acceder aos sobrados era necessário subir uma escada comum a cada dois módulos, iluminada pela luz difusa vindas da arcaria e por uma pequena janela no seu topo. Este esquema modular é respeitado ao longo de quase toda a construção, apenas com a excepção das primeiras e últimas quatro hospedarias da ala Norte, que apresentam dimensões maiores e uma organização mais complexa. Ao contrário do que hoje existe no Santuário, julga-se que a cobertura das hospedarias, em vez de única e de duas águas - à semelhança do que acontece no inicio da ala norte e próximo da igreja - tenha sido múltipla (uma para cada módulo) e de quatro águas (30). Este método construtivo permitia facilmente a edificação de novas hospedarias em continuidade com a estrutura existente.

Todas as características destas construções - o pavimento das lojas em pedra ou terra, os sobrados com pavimentos de tábua corrida, as proporções dos espaços e coberturas, as chaminés paralelas ou perpendiculares à fachada e mesmo o facto de se erguerem em dois pisos - demonstram, de forma clara, o respeito pelo emprego das técnicas de construção da região saloia. Conforme é descrito pelos autores de *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*:

«Não existem, neste país, muitos conjuntos arquitectónicos tão acentuadamente de cá, em que a marca de uma região se imponha com aquela sóbria e sábia evidência. Há em Portugal, é claro, edificações de outro vulto, de outra riqueza, de outra erudição estilística. Mas não são tão nossas, tão enraizadas nas realidades físicas e espirituais inerentes a uma região, à gente que nela vive e que no seu contacto diário se afeiçou, dando-lhe feição» (31).

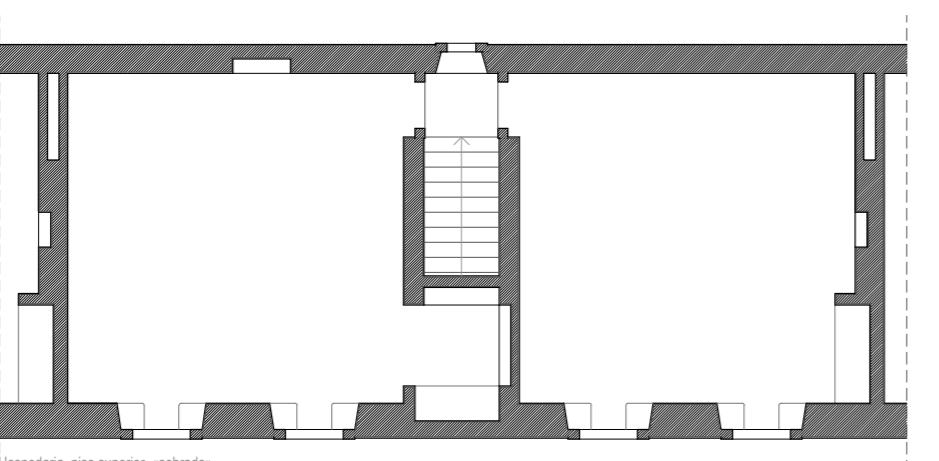
(27) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 265.

(28) Escrito há quase quarenta anos, o livro *Architecture without architects* de Bertrand Rudecksky demonstra de forma clara a adaptação do homem às condições que o rodeiam, e a capacidade que o homem sempre teve para superar e se adaptar a essas mesmas condições. Este livro revela uma arquitectura produzida sem a intervenção de arquitectos, uma arquitectura feita pelo homem comum, respondendo às necessidades de uma comunidade. Este tipo de construção tem sido muitas das vezes descurada e caracterizada como acidental, mas cada vez mais reconhecemos nela uma grande capacidade e inteligência humana para responder às necessidades impostas. Alguns dos exemplos presentes neste livro remontam a dezenas de séculos atrás e demonstram que o conhecimento prático dos seus construtores ignorantes são fontes inexploradas que podem servir de exemplo ao homem industrial que vive em cidades caóticas. Entre os inúmeros exemplos dados por Rudecksky, encontramos as hospedarias do Santuário da Nossa Senhora do Cabo, apresentadas como um exemplo claro e intencional de uma resposta dada pelo homem perante uma necessidade eminente. RUDOFSKY, Bernard - *Architecture without architects*. New York: Museum of Modern Art, 1964.

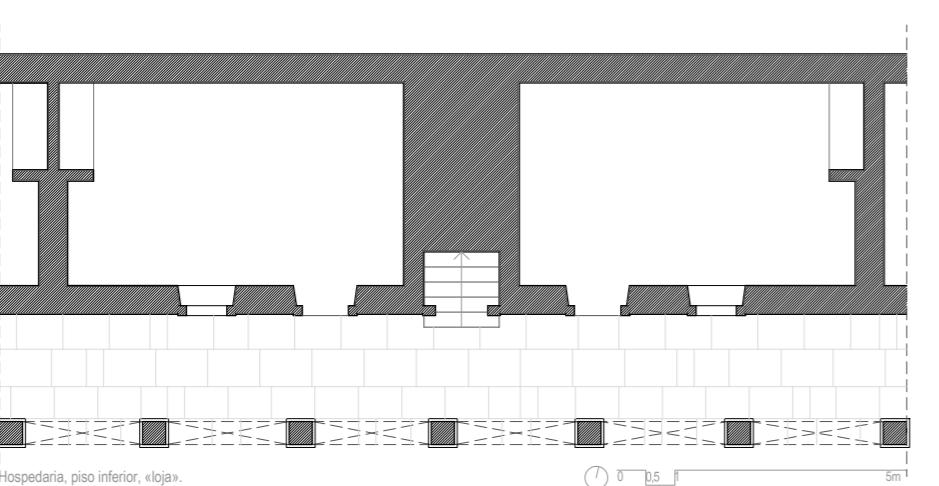
(29) GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964, p. 35.

(30) Os telhados eram assentes num forro de madeira, sustentado por uma asna.

(31) GULBENKIAN, Fundação Calouste. Op. cit., p. 6.



Hospedaria, piso superior, «sobrado».



Hospedaria, piso inferior, «loja».



Fig. 20 Casa da Água, década de 60.

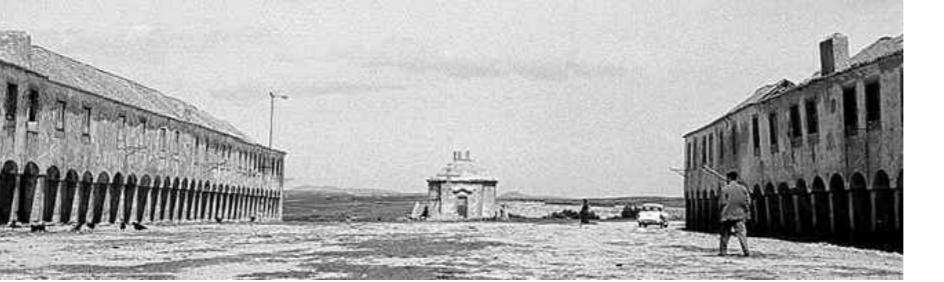


Fig. 21 Vista do interior do Arraial com Casa da Água ao centro, 1958.



Fig. 22 Complexo da Casa da Água, 2012.



Fig. 23 Ilustração do interior da Casa da Água, 1880.



Fig. 24 Tanque das duas bicas, 2012.

Adoçado à ala Norte das hospedarias e acedida por uma passagem em túnel - que liga o interior do arraial com o exterior a norte - encontra-se o espaço que em tempos terá sido designado de Casa da Ópera. Actualmente, e como testemunho da sua existência, restam apenas as suas paredes, tendo recebido, talvez pela última vez, no inicio do séc. XX, a realização de representações teatrais (32).

Coroando todo o conjunto a nascente, no prolongamento do eixo da igreja e do cruzeiro, e limitando visualmente o arraial, emerge sobre uma acentuada depressão do terreno uma pequena construção de projeção palaciana - a Casa da Água. A Casa da Água, antecedida por uma escadaria de cinco lanços, é fortemente envolvida numa estrutura murada que é interrompida a norte por dois pequenos vãos, proporcionando uma visão panorâmica sobre o mar. Esta aprimorada construção, de planta hexagonal e cobertura em cúpula, é rematada por um lanternim de seis janelas (actualmente bastante danificado, assim como todo o edifício). No seu interior, bancos correm ao longo das paredes, em tempos revestidas por sítihos de azulejos, da Fábrica de Belém, representando cenas de caça e alusivas aos círios. Também no seu interior, embora danificada, encontra-se uma fonte rocallie, inspirada certamente na obra de Bernini. Com a conjugação de todos estes elementos - uma luz zenital e difusa que reflectia sobre o conjunto azulejar, bancos proporcionando zonas de descanso e fruição, a constante passagem de água e um ambiente de frescura e repouso - viria esta obra arquitectónica a constituir uma das «casas de fresco tão tradicionais na arquitectura palaciana e conventual dos séculos XVI e XVIII» (33).

Embora a água já não chegue à Casa da Água desde 1970 (34), foi em tempos movida através do aqueduto, repartida pela fonte que existe no seu interior e por um sistema de encanamento que a conduzia para a horta e para os sucessivos tanques, interiores e exteriores. Este sistema possibilitava a irrigação dos terrenos da horta e, de igual modo, o fornecimento de água potável aos romeiros que principiavam a entrada no Santuário.

Construída numa depressão, a horta é constituída por três plataformas que proporcionam áreas distintas de produtividade. A plataforma mais elevada encontra-se orientada a poente e protegida a nascente por um muro. Não se encontrando totalmente protegida dos ventos, com uma insolação constante ao longo de todo o dia e com um terreno seco devido à difícil irrigação. A segunda plataforma encontra-se numa posição intermédia, orientada a norte e protegida dos ventos. Aqui, a insolação é constante em metade do dia e o terreno é de fácil irrigação. Por último, a terceira plataforma, a mais central de todo o conjunto e a de cota inferior, é totalmente protegida dos ventos, o terreno é húmido e de fácil irrigação.

(32) O jornal *Diário de Notícias* de 27 de Setembro de 1905, e o mesmo jornal passados vinte anos, dá a conhecer as actuações por parte de «um grupo de rapazes» neste velho teatro.

(33) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 272.

(34) Idem., p. 272.



Fig. 25 Aqueduto, sem data.



Fig. 26 Fonte rocaile, 2012



Fig. 22. *T. corynorhini* sp. n.



Fig. 22. T



Fig. 2242. *U. 2242*. *U. 2242*.



Fig. 22. *P. longirostris* sp. n. (♂). *l*—*l*, 6640; *Fig.* 22. *P. longirostris* sp. n. (♂). *l*—*l*, 6640.



Fig. 31 Horta, 2012.

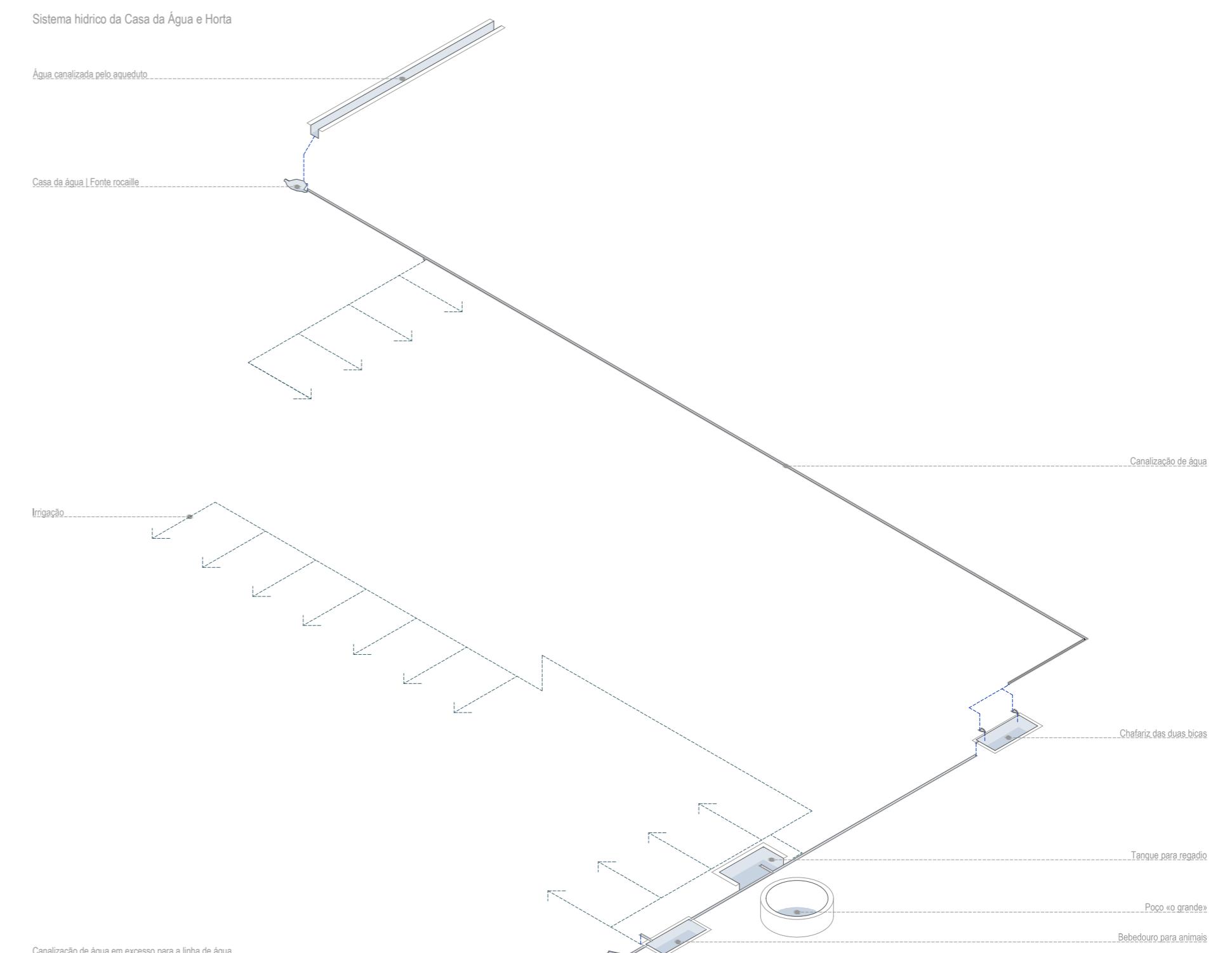




Fig. 32: Ermida da Memória, década de 60.



Fig. 33: Ermida da Memória, 2012.

A noroeste do conjunto, no limite escarpado do promontório, e fora de toda a ortogonalidade que o edifício emprega, situa-se a Ermida da Memória. Segundo a lenda, terá sido neste mesmo local que foi encontrada uma imagem milagrosa, originando a edificação da actual ermida. No seu adro é-nos possível vislumbrar todo o horizonte, assim como, no sopé da arriba, a praia dos Lagosteiros e a própria escarpa que a sucede em tons de ocre iluminado pela luz directa do sol.

A oeste da pequena ermida, no limite poente do promontório, subsiste um pequeno muro e um pavimento lajeado. Estes vestígios são o que hoje resta da fortificação que neste ponto existiu - o Forte da Nossa Senhora do Câbo.

O Santuário que, ao longo de séculos, manteve uma forte vivência e em nome do qual todas as obras necessárias ao seu bom funcionamento eram realizadas, apresenta-se hoje em claro abandono. Os romeiros, que em tempos se deslocavam a este local para louvar a Nossa Senhora e pernoitar no interior das hospedarias, deixaram de o fazer.

O progressivo descuido das entidades (35) que têm responsabilidade sobre o conjunto tem contribuído para a criação de inúmeros problemas e intervenções desajustadas. Graças a uma intervenção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, todos os vãos das hospedarias se encontram entapados, evitando o uso inapropriado das suas instalações, e, de igual forma, condicionando a sua utilização correcta. Algumas zonas, como é exemplo a Casa da Ópera e as construções que ladeiam a igreja a norte, encontram-se num estado avançado de ruína, necessitando urgentemente de intervenção. A Casa da Água e o recinto murado que a ladeia encontram-se, também, esquecidos e sem qualquer uso. O próprio aqueduto, que em tempos trouxe água a este complexo, já não a consegue transportar por falta de manutenção, sendo que se perde pelo caminho, irrigando os terrenos baldios. À entrada do Santuário, próximo da estrada que segue em direcção ao Farol do Cabo Espichel, o antigo espaço de paragem e apeamento, onde outrora os romeiros se abasteciam de água, encontra-se hoje pouco considerado pelo cruzamento da nova estrada e pela construção de um pequeno edifício que fornece electricidade para a igreja.

(35) Confraria da Nossa Senhora do Câbo e Estado Português (a Norte das hospedarias).

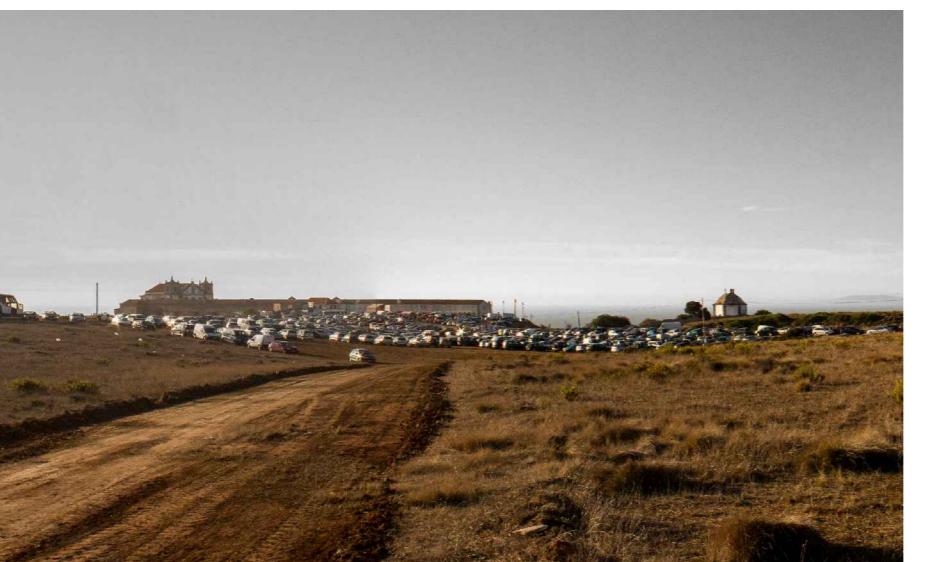


Fig. 34 Santuário rodeado por veículos, 2012.

Em 2008, por ordem da Câmara Municipal de Sesimbra, e numa tentativa de evitar o estacionamento abusivo no seu interior, o vasto arraial foi limitado através da colocação de pilares nos seus limites este e sul. Esta intervenção atribuiu, ao arraial, um limite artificial. Por ordem da mesma entidade, o arraial foi pavimentado com gravilha, mudando drasticamente a sonoridade no interior do espaço.

Embora o edifício se encontre geralmente em abandono, em certos dias do ano - quando a realização de actividades religiosas, como procissões e missas campais - o lugar do Espichel enche-se de devotos e outros curiosos. Esta condição, bem como o facto de as pessoas se deslocarem cada vez mais de automóvel, leva a que, nesses dias, o Santuário seja praticamente consumido pelo exagerado número de veículos que o rodeia. Por vezes verificam-se situações extremas, de que é exemplo o parqueamento dentro do recinto da Casa da Água. Esta situação é provocada pela falta de regulação do trânsito nestes dias, assim como por uma grande indefinição relativa ao parqueamento.

Com o intuito de dar continuidade à tradição de outros tempos, os novos devotos continuam, em parte, a pernoitar no Santuário durante alguns dias. Condicionados pelo entalhamento das hospedarias, ocupam agora os espaços envolventes ao Santuário com barracas montadas de forma espontânea.

Contrapondo a lógica do Santuário, as novas intervenções e a ocupação inapropriada dos seus espaços envolventes atribuem ao lugar uma forte desordem.



Fig. 35. Cabo Espichel, 2012.

3. ROMERIA A SANTA MARIA DO CABO

A ocorrência de romarias a determinado lugar de culto está, na sua generalidade, intrinsecamente ligada a um acontecimento milagroso. De forma popular, esse milagre está associado a uma aparição. Esta ocorrência serve de alavanca para que gentes oriundas de vários locais recorram a este sítio⁽³⁶⁾.

Em meados do séc. XIV, as romagens de peregrinos em direcção a este cabo ganharam expressão. Foram referenciadas em 1366 numa carta régia da chancelaria de D. Pedro I. Este é o primeiro documento, que chegou até hoje, que menciona a existência da «Romeria a santa maria do cabo»⁽³⁷⁾.

Entre os inúmeros motivos que, ao longo do tempo, levaram as pessoas a recorrer a divindades para alacria das suas aflições, destacam-se os surtos de peste. As doenças eram trazidas e propagadas, na maioria das vezes, por embarcações estrangeiras. O contágio era emblemático, afectando grande parte da população. O conhecimento insuficiente sobre medicina levava a um grande número de mortos durante o surto de peste.

Em meados do séc. XIV, com o aparecimento da peste negra, a população do reino é reduzida para metade. Em consequência de tal infotúnio, em 1384-85⁽³⁸⁾, a Senhora do Cabo recebe um enorme reforço das gentes provenientes de Lisboa e do seu arco saloio. O que em primeira instância revela uma clara devoção à Senhora do Cabo, permite, a quem aí se desloque, isolar-se dos infectados.

(36) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 94. O culto ao local do Cabo Espichel antecede o acontecimento milagroso. Enquanto em 1366, na carta régia entregue em Torres Vedras (UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro de Estudos Históricos - *Chancelaria de D. Pedro I: 1357-1367* - Ed. Marques, A. H. de Oliveira. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.), são referidas romarias à Senhora do Cabo, já o aparecimento da imagem de N. Senhora do Cabo é atribuído ao reinado de D. João I (1385-1433). Duas datas são apresentadas para tal acontecimento: 1384-85 e 1410-11 (SANTOS, Francisco Ildefonso dos - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Manuscrito PBA, 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889*, cópia de 1843, p. 43 e 95).

(37) UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Centro de Estudos Históricos - *Chancelaria de D. Pedro I: 1357-1367*. Ed. Marques, A. H. de Oliveira, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1984.

(38) Possível data para o aparecimento da «Imagem Milagrosa» de Nossa Senhora do Cabo.

No séc. XV, com a crescente adesão de peregrinos oriundos de Lisboa e do seu Termo, é estipulado o Giro Saloio. O Giro, iniciado em 1431 pela freguesia de Alcabideche, colocou em prática o que, segundo Heitor Pato, poderá ser o exemplo mais antigo de culto itinerante à Nossa Senhora (39).

Este Giro, organizado por 30 freguesias da região a Norte do Tejo (40), consistia na deslocação cíclica e anual ao Santuário. Pertencendo a este sistema, cada freguesia, acompanhada duma bandeira e mais tarde duma imagem, era responsável pela organização da romaria até ao Cabo, uma vez em cada 30 anos. No Santuário, no último dia de festejo, a freguesia dos festeiros encerrava a responsabilidade de comemoração com a passagem da bandeira e da imagem, sendo entregues à freguesia que festejava no ano seguinte. Este processo peculiar manteve-se intocável ao longo de quase cinco séculos.



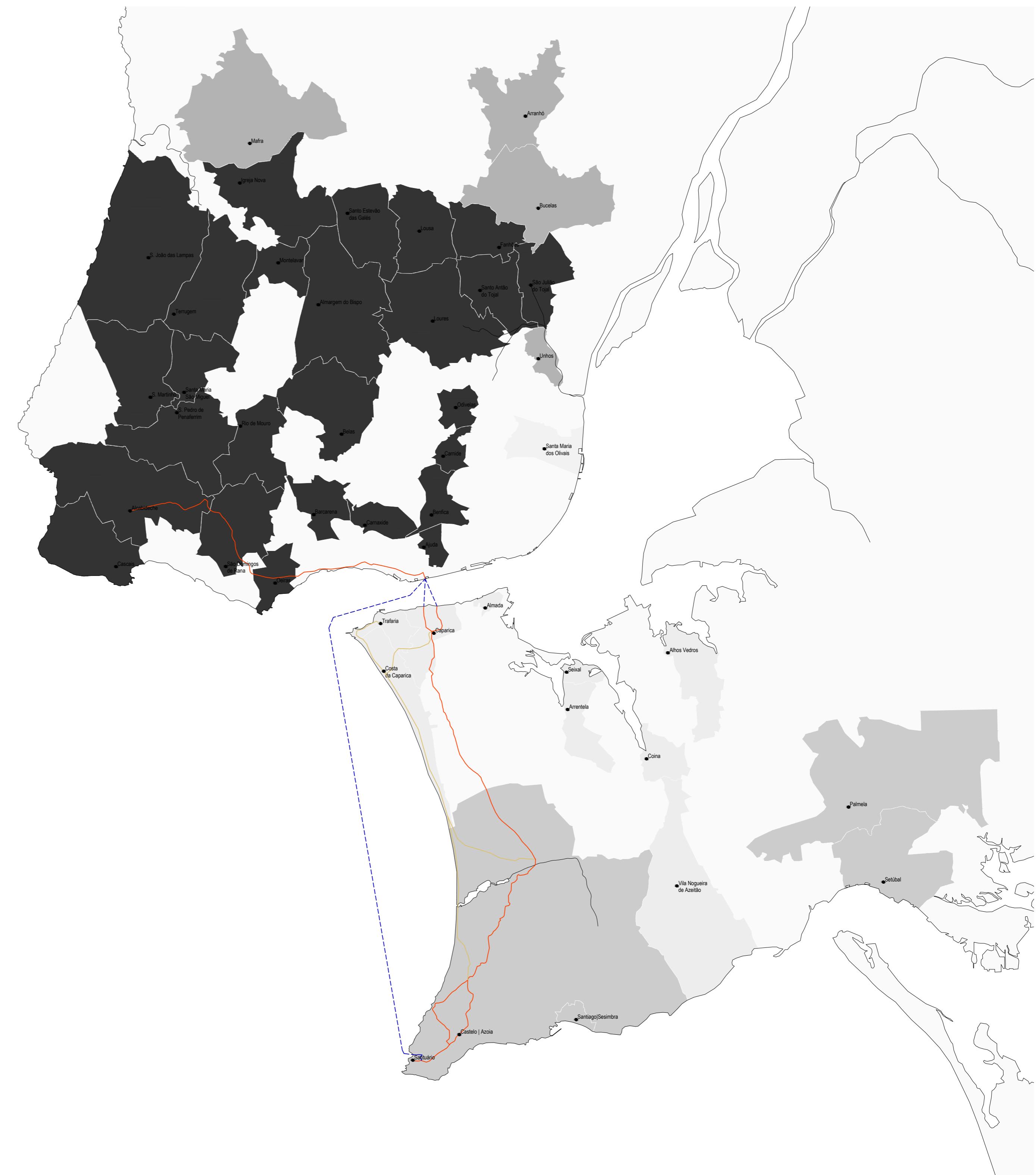
Em 1701, Thomas Cox, em visita a Portugal, participa numa das romarias em direção ao Santuário. Nos seus apontamentos faz uma pequena descrição do percurso efectuado:

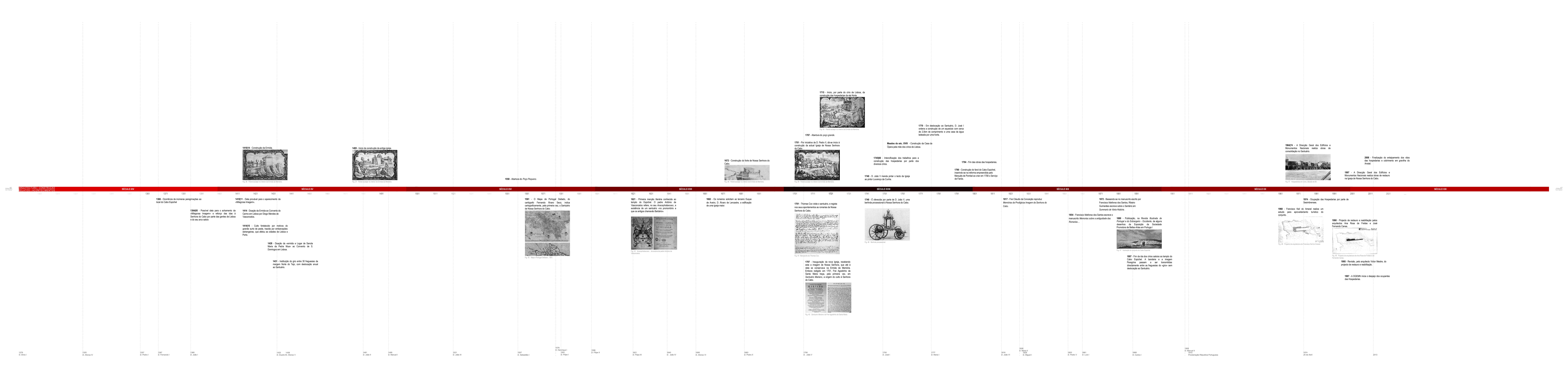
«Em Julho fui ao cabo. O nosso guia tomou-nos por bons católicos em visita à nossa Senhora daquele lugar e começou a abrir-nos o coração. Contou-nos que desde que assumiu função tão santa nunca mais precisou de temer os ladrões, nem lobos, nem qualquer outro acidente, pois a senhora daquele lugar cuidava de todos os que a vinham ver. [...] Na estrada, vi grande quantidade de pinheiros, debaixo das árvores, giesta, rosmarinho selvagem e algumas ervas aromáticos, mas nada parecido com relva. Há caça excelente para uma arma, mas está reservada para o Rei. Subimos uma grande montanha de terra. No caminho vemos um grande lago (lagoa de albufeira), para onde deixam entrar o mar, uma vez de três em três anos, por causa do peixe» (41).

(39) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 160.

(40) Das 30 freguesias incitadas, quatro delas abandonaram o giro: Bucelas (1709), Unhos (1711), Arranhó (1716) e Mafra (1722). A freguesia de Olivais ingressou no giro e, embora tenha festejado em 1704, voltou a abandoná-lo.

(41) COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007, p. 324.





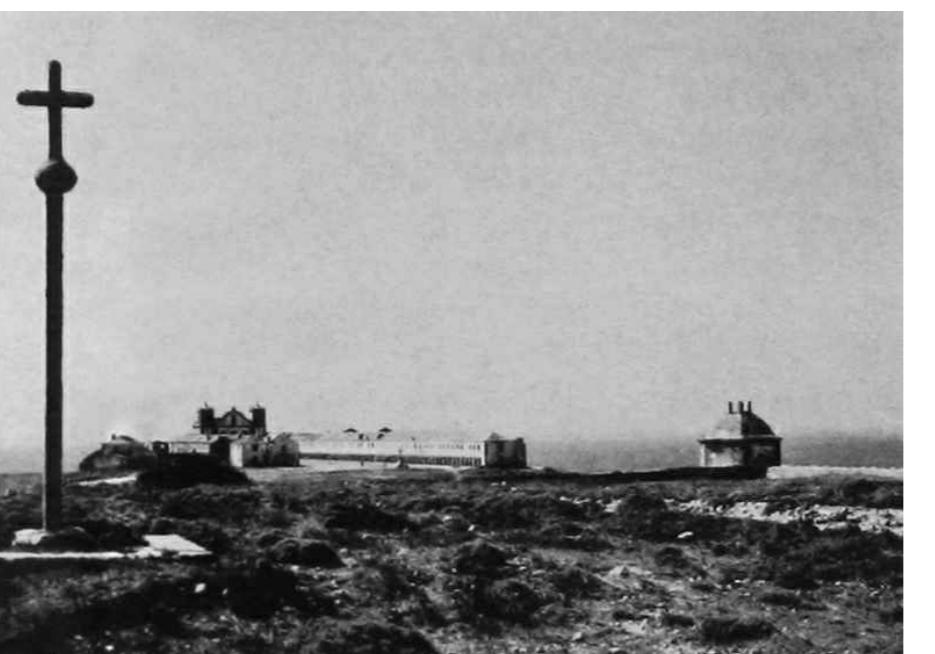


Fig. 50. Segundo cruzeiro e Santuário, sem data.

5. EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA

No mar Occeano, para a parte do meio dia da Côte, e Cidade de Lisboa, mete a terra huma ponta, ou despenhada rocha, a que os navegantes chamão o Cabo de Espichel, e os antigos chamarão Promontorio Barbarico: o que nós poderamos chamar com mais razão, Promontorio Luminozo, ou de Santa Maria, não só por ser escolhido por theatro de suas maravilhas, obradas não só neste sitio, mas no da Arrabida; mas porque no mesmo anno em que Deos feito homem veio ao mundo, se viu aquelle monte, Promontorio todo cercado de luzes, ou coroado de huma soberana, e resplandecente luz [...] Neste sitio sobre a rocha se vê ao presente huma Ermidinha, que se edificou pra memória, a que chamão o Miradouro; he tradição constante, que apparecerá a Imagem de N. Senhora, que por ser vista naquela rocha, a que chamão o Cabo, a denominárono com este titulo (42).

Francisco Ildefonso dos Santos

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo, tal como o conhecemos hoje, é o resultado, inquestionável, da dedicação e devoção por parte dos círios, que em tudo contribuiram para o seu crescimento e reconhecimento.

Ao longo dos séculos, adequando-se à permanência dos romeiros neste local tão inóspito, a estrutura do Santuário foi alterada e adequada às necessidades da época. De forma radical, no séc. XVIII, o santuário é reorganizado. Passa de uma estrutura desorganizada em torno da igreja, para uma estrutura racional e normalizada. Para tal, e devido à escassez de recursos, todo o antigo conjunto de hospedarias foi demolido, assim como a própria igreja.

Ao longo dos anos, o Santuário tem sido um ponto de ancoragem para investigadores das mais diversas áreas, como História, Arqueologia e Arquitectura. Mas, apesar dos estudos realizados em torno do santuário, nenhum propõe a reconstituição do antigo arraial, assim como da evolução do conjunto ao longo dos séculos.

Podendo contribuir fortemente para colmatar esta falta de informação e, do mesmo modo, cooperar para uma análise mais sensível e fiel deste conjunto, elaborou-se um estudo centrado na evolução morfológica do Santuário. Como suporte de investigação foram utilizados relatos de época, gravuras (painedel azulejar no interior da Ermida da Memória) e algumas plantas já publicadas que retratam a situação actual do Santuário (43).

(42) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cíp. 15, p. 11.

(43) Plantas publicadas nas seguintes monografias: MARTIN, John H. - *The Sanctuary of our Lady of the Cape*, in: *Portuguese studies review* - V. 3, n. 1; New Hampshire : International Conference Group on Portugal, 1995 e GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

Santuário em 1414

Segundo a lenda, terá sido descoberta, no promontório do Espichel, uma pequena imagem.

[Os seus descobridores.] «conforme as suas forças, tratarão de arranjar hum pequeno vão em forma de Ermida, ajuntando muitas pedras soltas, que por ali havia, e pondo humas sobre outras para formar paredes, deixando huma das maiores no centro para servir de altar, e nella colocarão a santa Imagem, tendo coberto aquelle vão com muitos ramos de alecrim, que naquelas matos abundava, e o altar; das mesmas ervas aromáticas, em que tantos tempos estivera escondida aquella Joia [...] fez do melhor modo que poude, um Cruzeiro, que segurou com pedras defronte da Ermidinha» (44).

Tratando-se de uma lenda, poder-se-á encarar esta descrição como uma tentativa de construir um inicio fiável ao culto cristão que, pelas características da Ermida da Memória, substituiu o culto islâmico até então praticado.

Uma vez que o templo improvisado pelos descobridores se revelava inadequado, dada a grande afluência de peregrinos, em 1410-14 terá sido construído ou renovado um templo no Espichel - a Ermida da Memória (45). Este edifício surge sobranceiro às escarpas abruptas que se elevam no extremo norte do Cabo Espichel, no mesmo local onde o milagre terá ocorrido.

A existência da pequena Ermida no séc. XIV é comprovada por dois documentos. O primeiro, de 1414, demonstra a sua doação, por Diogo Mendes de Vasconcelos, ao Convento do Carmo em Lisboa. O segundo, de 1428, refere a doação da «ermida e Lugar de Sancta Maria da Pedra Mua» aos padres dominicanos de Benfica pelo mesmo Diogo Mendes de Vasconcelos (46).

Francisco Ildefonso dos Santos - presumível autor do manuscrito *Memórias sobre a antiguidade das Romarias* -, referindo-se ao ano de 1431, também ele relata que 21 anos já se teria passado desde o aparecimento da milagrosa imagem, assim como da construção da pequena ermida no promontório do Espichel (47). E, não existindo mais nenhuma descrição de época que sustente outras possibilidades, em 1414, a Ermida da Memória seria o único elemento construído pela mão do Homem neste vasto promontório.

Em 1414-15, e à semelhança do que já aconteceu noutras alturas, a população de Lisboa sofre inúmeras baixas com a peste (48). Nesta data, o culto a Santa Maria, no promontório do Cabo Espichel, recebe um grande número de devotos (49).

(44) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 26.

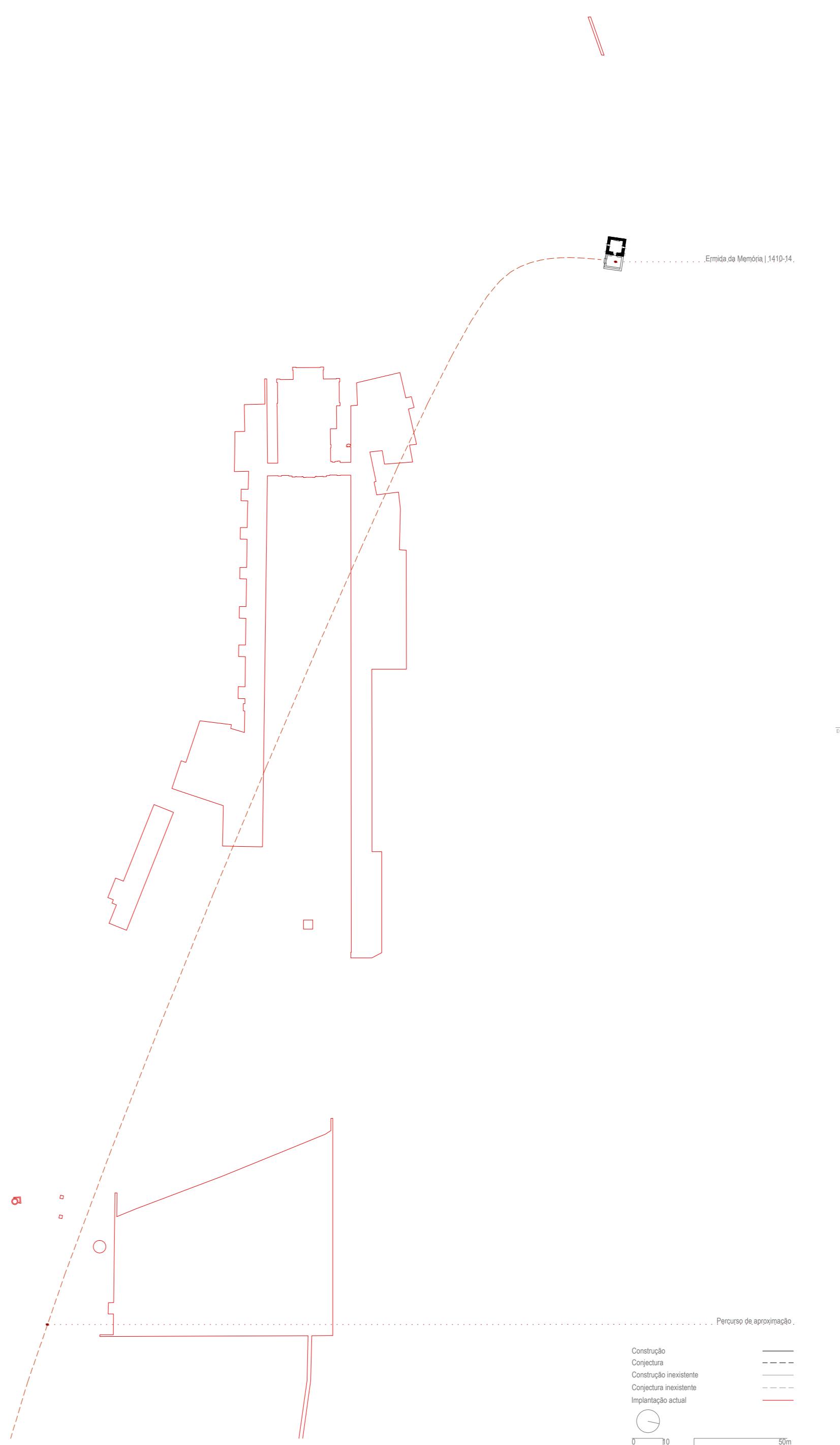
(45) A construção da Ermida da Memória é quase sempre datada de 1410-14. Embora esta seja a data sugerida, é notória a influência árabe na sua construção, assemelhando-se, nas suas proporções e desenho, a uma cuba muçulmana. Tais características permitem colocar a hipótese da data da sua construção ser anterior ao séc. XII, aquando da ocupação árabe deste território. Poder-se-á encarar os relatos da construção da Ermida, como a cristianização do antigo edifício muçulmano ao qual foi atribuído o orago de Nossa Senhora do Cabo. Esta situação equipara-se ao ocorrido em Reguengos de Monsaraz, onde, no domínio almóada no séc. XI-XII, foi construída uma cuba muçulmana e, mais tarde, com a conquista cristã, convertida para o culto cristão e hoje descrita como capela de S. João Baptista.

(46) Salienta-se que nenhuma destas doações obteve êxito, devido à grande dificuldade de superar as imposições deste lugar tão inhóspito e agreste. A data de 1414 é confirmada no seguinte documento: S.TA ANNA, Frei Joseph Pereira de - *Crónica dos Carmelitas da antiga, e regular observância nestes reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Lisboa: Of. Herdeiros de António Pedrozo Garam, 2 vols., 1745 e 1751, Tomo II, Doc. XVII, p. 406 e 822. A doação de 1428 é referida em: CÁCEGAS, Frei Luís de - *Da história de S. Domingo: particular do reino e conquistas de Portugal por Luiz Cacégas da mesma ordem e província...* Lisboa, Typ. Panorama, 1868 (3^{ed.}). Porto: Lello e Irmão, 1977, Parte II, Livro II, Cap. XVIII, p. 883.

(47) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 95.

(48) Este surto de peste afectou não só a cidade de Lisboa, como também a do Porto, tendo como consequência um grande número de vítimas - uma das quais, a Rainha D. Filipa de Lencastre, mulher de D. João I. Ver: D. Filipa de Lencastre. In: Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013, disponível em: <<http://www.infopedia.pt/5d-filipa-de-lencastre>>. Acesso em 21 de Janeiro de 2013.

(49) PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Cit. 4, p. 103.



Santuário em 1495

A afluência de peregrinos aumentou com o passar dos anos. Em 1495 «dasse princípio a nova Egreja de N. S. do Cabo» (50). A Ermida, já bastante degradada, era insuficiente para conter o grande número de peregrinos que a ela ocorriam.

Por descrição de Francisco Ildefonso dos Santos, a nova igreja encontrar-se-ia num local menos central do que a actual, e mais próxima da pequena ermida (51). A sua orientação deverá ter sido semelhante à actual igreja, permitindo um fácil acesso ao seu interior assim como uma maior proteção dos ventos que sopram do Atlântico.

Uma das gravuras existentes no interior da Ermida da Memória representa em painel azulejar a antiga igreja de Nossa Senhora do Cabo. Embora só realizada em meados do séc. XVIII, a gravura permite estabelecer várias semelhanças de proporção e desenho com outras igrejas e capelas construídas ao longo da costa portuguesa. Este estudo vem permitir a especulação de como terá sido a forma da antiga igreja e a sua colocação no promontório

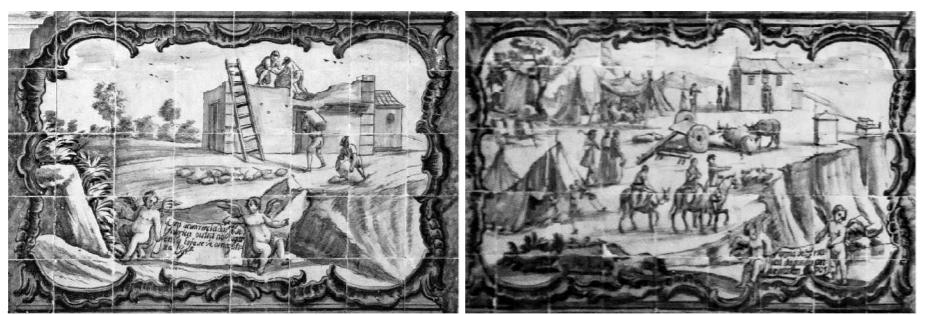


Fig. 51 Gravuras existentes no interior da Ermida da Memória.

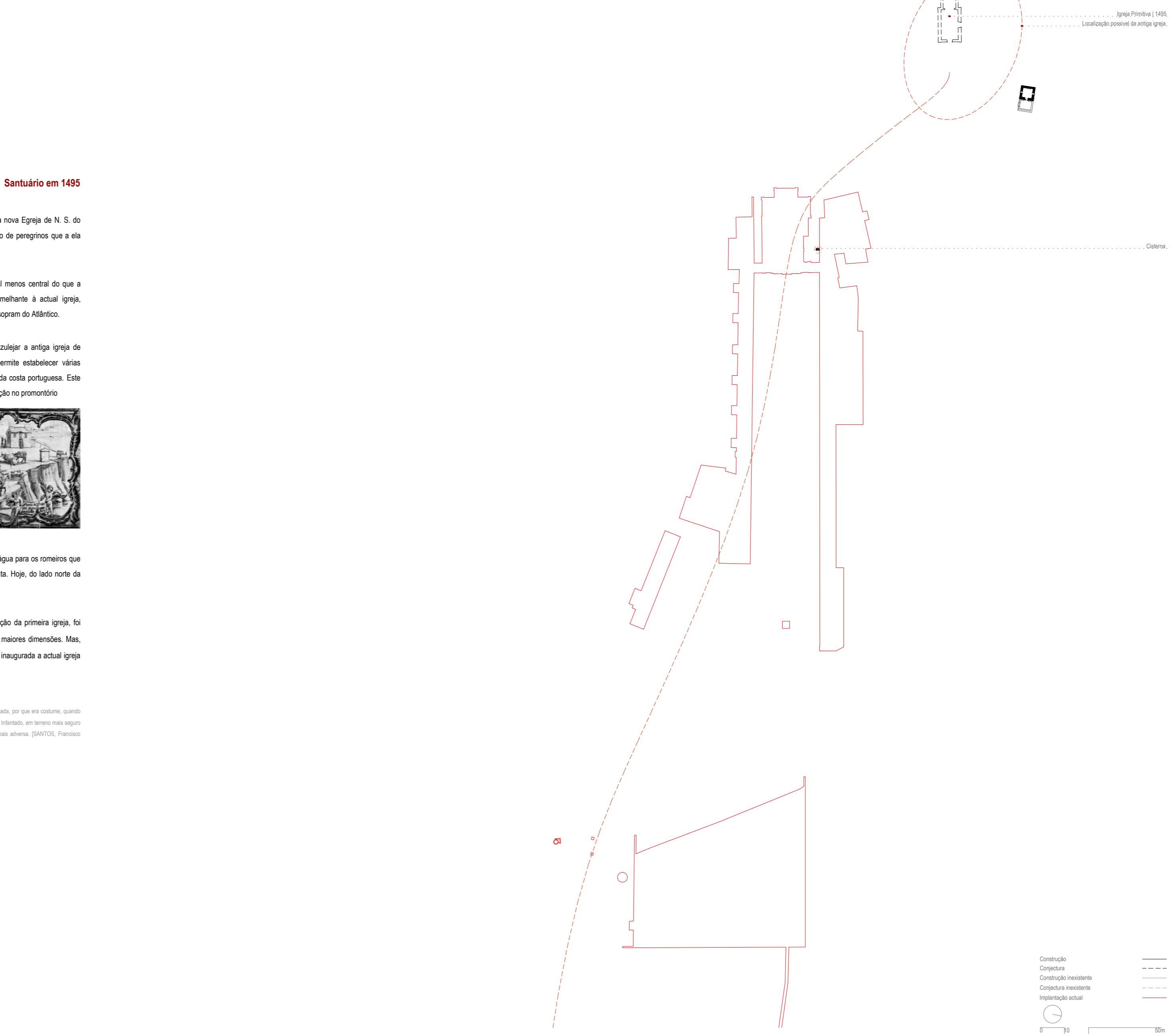
Construindo-se a igreja em 1495, e existindo uma necessidade óbvia de abastecimento de água para os romeiros que por estas bandas se encaminhavam, terá sido construída uma cisterna em torno dessa data. Hoje, do lado norte da igreja, ainda é possível observar o que resta dessa construção.

O culto a Santa Maria do Cabo cresceu de tal modo que, passados 167 anos da construção da primeira igreja, foi solicitado a D. Álvaro Lencastre, terceiro Duque de Aveiro, a construção de um templo de maiores dimensões. Mas, para que a construção se realizasse, foi necessário esperar quase 40 anos. Só em 1707 foi inaugurada a actual igreja de Nossa Senhora do Cabo (52).

(50) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Crt. 15, p. 105.

(51) Posição da antiga igreja: «feita pelos Povos da Freguesias do Termo, antes de formarem os Giros, e devia estar isolada, por que era costume, quando entravam os Giros, rodear o Templo trez vezes antes de entrar», já a actual igreja «foi feita pelos rendimentos da Caza do Infantado, em terreno mais seguro e central do que as outras». Conclui-se que a anterior igreja encontrava-se mais próxima da falésia e numa posição mais adversa. [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Crt. 15, pp. 52 e 53.

(52) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Crt. 15, pp. 53, 104 e 105.



Santuário em 1550

Ao longo de séculos, por todo o país, foram construídos inúmeros santuários de peregrinação. Em torno deles, foram surgindo zonas de alojamento temporário com o objectivo de acomodar os peregrinos. Essas construções denominam-se, mais comumente, hospedarias ou quartéis (53). Na maioria dos casos, a construção dessas hospedarias decorria segundo a disponibilidade financeira das confrarias e irmandades. Essa condição tinha como consequência a não obediência a qualquer regra ou plano prévio e ordenado de construção, conduzindo, por vezes, à criação de núcleos semelhantes a pequenas povoações. A sua edificação ocupava espontaneamente o espaço livre em redor do santuário. Esta realidade ocorreu de forma intensa no promontório do Espichel.

Em 1550, o templo do Espichel deveria encontrar-se rodeado de hospedarias, uma vez que, neste mesmo ano, Francisco Ildefonso dos Santos refere que os romeiros «Augmentarão as Hospedarias, renovárono as antigas» (54). Com a construção de novas hospedarias, «que em círculo formávão hum arraial quase fechado» (55), fundava-se naquele cabo o antigo arraial.

A aproximação à *aldeia* do cabo estava claramente marcada pela colocação de três cruzeiros, igualmente erguidos após a construção da antiga igreja. O objectivo da colocação destes cruzeiros era, de forma clara e intencional, encaminhar os devotos até ao núcleo do arraial e, em sequência, ao interior do templo. Cada cruzeiro desempenhava uma função distinta. O 1º cruzeiro (próximo do poço pequeno aberto em 1550 (56)), o *derradeiro*, marcava de forma clara a entrada no sítio do Cabo. Aqui, todos os romeiros se apearavam e, a partir daí, se deslocavam a pé em direcção ao templo. O 2º cruzeiro, a *Cruz da pregação*, marcava a entrada do antigo arraial. Por último, já no seio da pequena *aldeia* e defronte da igreja de Nossa Senhora do Cabo enaltecedo a sua entrada, erguia-se o 3º cruzeiro (57).

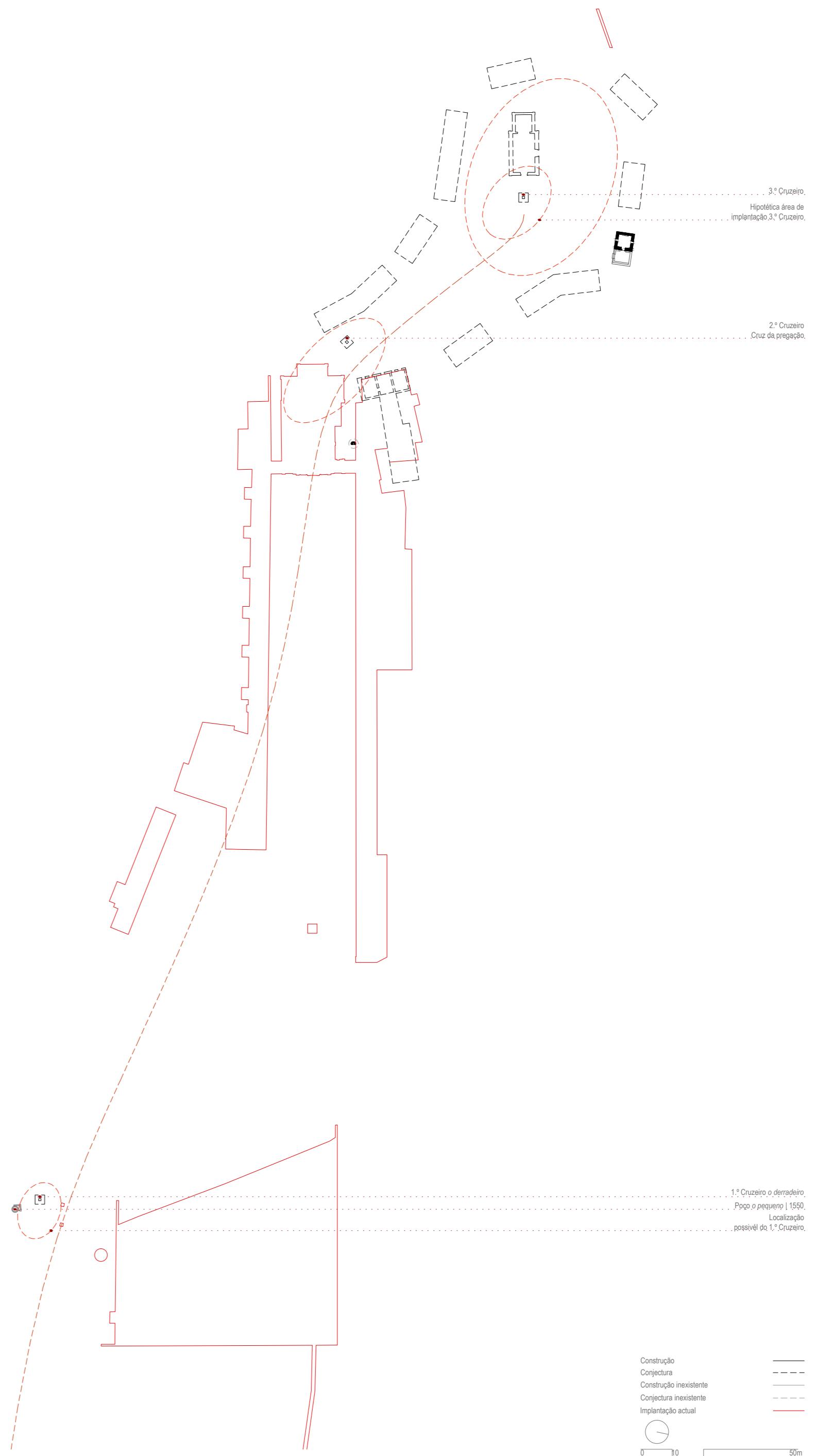
(53) Como exemplos desta realidade, destacam-se: Nossa Senhora da Atalaia (Montijo), Nossa Senhora dos Milagres em Via Galega (Torres Vedras), Nossa Senhora dos Remédios (Peniche), Nossa Senhora da Nazaré (Nazaré), São Julião e Santa Basilissa (Ericeira), Senhor Jesus do Carvalhal (Bombarral), Senhor do Jesus da Pedra (Óbidos), entre outros.

(54) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... C. 15, p. 112.

(55) Idem, p. 120.

(56) Idem, p. 112.

(57) Idem, p. 52.



Santuário em 1700

Aquele que um dia foi deserto e despovoado, de falésias incríveis e mortais, que é aclamado por ventos fortes e vegetação rasteira, aquele que, pelas suas características, se considerou ser o *Barbarium Promontorium*, apresentava-se em 1700 ocupado pelo Homem. Desafiando a Natureza e toda a sua bravura, ao longo de três séculos, o Homem ergueu no promontório do Espichel aquela que em tempos foi designada, por Thomas Cox, como a «aldeia do Cabo» (58).

Referindo-se ao ano de 1610, Francisco Ildefonso dos Santos relata que «Fizerão-se os reparos necessários, no Templo, e nas hospedarias, que em círculo formavão hum arraial quase fechado» (59).

Reforçando a ideia de recinto fechado em torno da igreja é edificado, em 1672, na regência do Infante D. Pedro, próximo da Ermita de que herdou o nome, o Forte de Nossa Senhora do Cabo, mandado reconstruir em 1708 por D. João V, sendo nessa altura melhorado o equipamento militar da fortificação (60). A construção do forte teve origem na necessidade de proteção da costa marítima, a propósito das guerras da Restauração (61).

Thomas Cox, em visita ao Santuário, descreve nos seus apontamentos, vários aspectos importantes (62). Retrata a «aldeia do Cabo», afirmando que «toda a aldeia pertence à senhora daquele lugar». Narra as actividades religiosas, procissões e missas (63), assim como as de índole pagã, como as peças teatrais e as touradas (64).

Sem qualquer datação atribuída e apenas mencionada como *garagem* (65) para a berlinda processional, existe actualmente, no topo da ala Sul das hospedarias, uma construção que se assemelha ao que em tempos poderá ter sido uma capela. Voltada, à semelhança da igreja, a nascente, formada por uma nave e uma porta alta em arco de volta perfeita, localizando-se numa posição intermédia entre o apeamento dos romeiros e o inicio do antigo arraial, tudo indica que a sua construção terá antecedido o actual arraial. Verifique-se de igual modo, que, analisando a planta actual do Santuário, facilmente se depreende que são as hospedarias que se adócam a esta construção e não o oposto. Não existindo mais informação sobre este elemento, entendeu-se que a sua datação poderá ser atribuída a um ano próximo ao de 1700 (66).

(58) Um testemunho desta situação surge em forma de manuscrito, escrito pelo topógrafo e eclesiástico inglês Thomas Cox, redactado aquando da sua estada em Portugal ao longo de largos meses, no ano de 1701, devendo-se a ele, uma das mais antigas relações de um estrangeiro sobre o Reino de Portugal antes do terramoto de 1755. O manuscrito em questão não tem título original, mas encontra-se referenciado no catálogo da British Library com a seguinte descrição: Add 23.726. ACCOUNT of Kingdom of Portugal, by Thomas Cox, circa 1701. Autograph; with additions by the author's cousin, Rev. Cox Macro, D.D. Paper; XVIIIth cent. Small Quarto. Este manuscrito constitui a primeira descrição literária sobre o culto prestado à Nossa Senhora do Cabo, fornecendo informações preciosas sobre esta devção secular.

(59) SANTOS, Francisco Ildefonso dos - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 120.

(60) LEAL, Pinho - Portugal Antigo e Moderno. Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Matos Moreira, 1873-1890, p. 272.

(61) O forte integrava a linha de Defesa da Arrábida e das baras de Setúbal e Lisboa. Segundo Gustavo Portocarrero, a verdadeira razão da sua construção podia constituir uma tentativa «por parte da Coroa de usar um sistema de defesa costeira para melhor controlar a actividade religiosa [...]», uma forma de melhor controlar as acções de um grupo social da élite - Igreja - a qual era encarada como uma ameaça ao processo de centralização do Estado, e que, para «melhor mascarar as suas verdadeiras intenções» o forte «foi chamado de Nossa Senhora do Cabo Espichel». Ver: PORTOCARRERO, Gustavo - Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social , Lisboa: Colibri, 2003, p. 71.

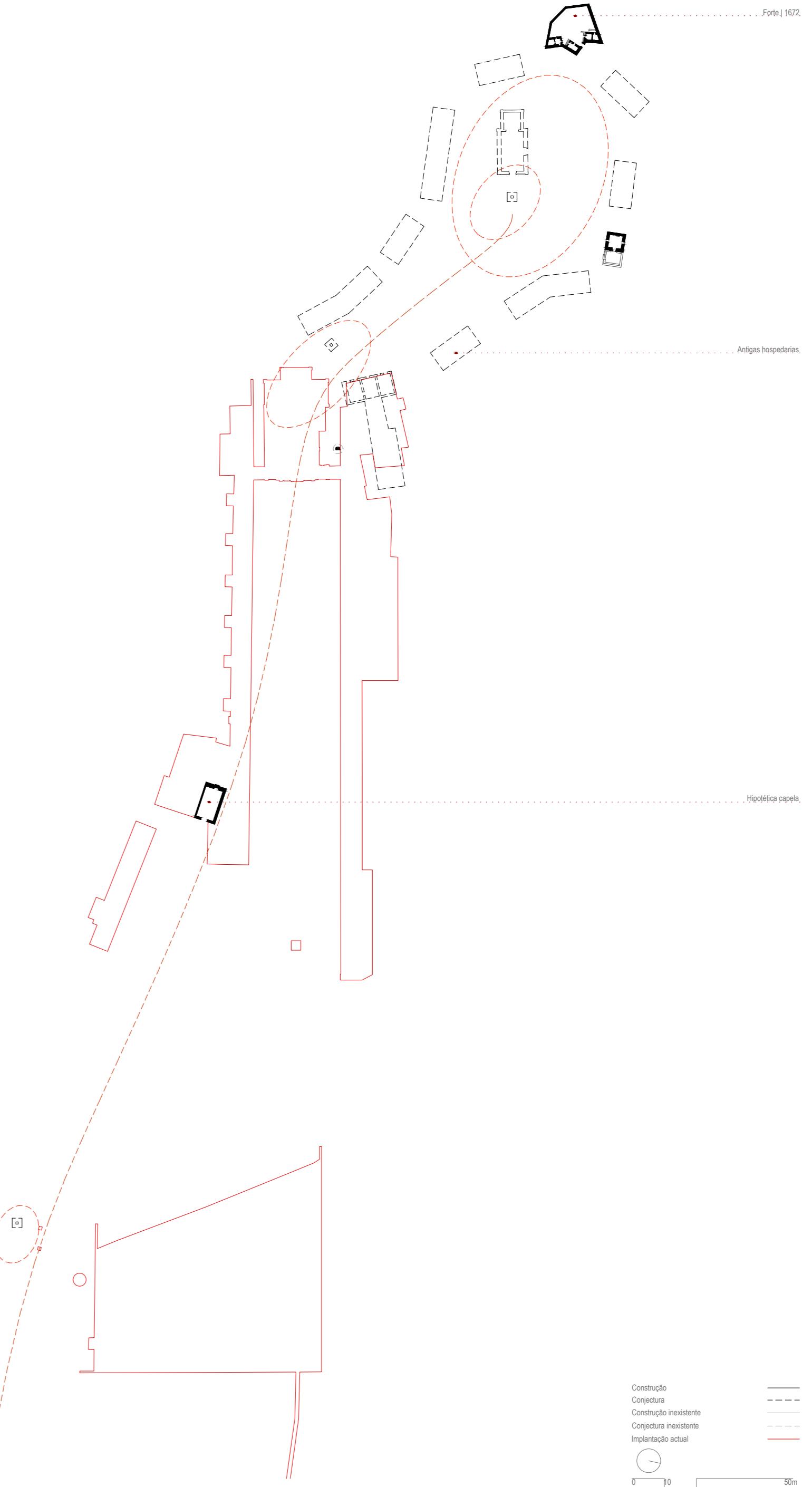
(62) A visita de Thomas Cox ao Santuário ocorreu em 1701 mas, segundo se pode apurar pela leitura do seu manuscrito, a construção da actual igreja da Nossa Senhora do Cabo ainda não estaria a decorrer. Desta modo, Cox terá vivido, na íntegra, o antigo complexo do Santuário.

(63) «Em Julho fui ao cabo (...) Na aldeia do Cabo Espichel (referindo-se certamente ao conjunto de hospedarias existentes no promontório), existe um pequeno forte com quatro canhões (...) Toda a aldeia pertence à Senhora do lugar (...) Havia uma procissão, e num carro triunfal, muito mais alto do que os outros, vinha a Senhora do lugar (...) no momento em que passaram pelo forte, dispararam três canhões. Foi-me dito que os fortes e castelos saíram sempre o Sacramento quando passava por eles, como se Nossa Senhor fosse um guerreiro e não o Príncipe da Paz (...) os padres fizeram o que podia para que os distribuíssem num só dia seis vacas, e o fogo de artifício e a corrida de touros é feita à sua custa». Ver: COX, Thomas; COX, Macro - Relação do Reino de Portugal 1701. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007, p. 324.

(64) Thomas Cox descreve as touradas do seguinte modo: «Depois de o local ter sido bem regado, entra a Guarda alinhada em duas filas com o tenente à cabeça e o capitão na retaguarda. Os dois fazem o cumprimento ao Príncipe. Depois soltam um touro, e o cavaleiro faz as suas cortesias e dirige-se para o touro». Thomas Cox relata ainda a realização de comedias - nelas participava o próprio sacerdote, anotando no seu manuscrito: «Tivemos uma comédia, e a parte dela com o padre com quem eu estava a falar, chamada em latim Exordium, terminou em honra da Senhora do lugar. Não compreendi a peça, mas os actores desempenharam os seus papéis tão à vontade quanto se poderia desejar. O ponto falava tão alto quanto os actores, e o meu padre insistia em que era a melhor forma, pois, diz ele, desta forma as pessoas ouvem tudo duas vezes». Ver: COX, Thomas; COX, Macro - Relação do Reino de Portugal 1701. Cit. 63, p. 324.

(65) SANTOS, Francisco Ildefonso dos - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 66.

(66) Outra hipótese colocada neste estudo poderá servir de justificação para a origem desta pequena construção. Para a construção da actual igreja da Nossa Senhora do Cabo, devido à escassez de material de construção no promontório, terá sido desmantelada a anterior igreja, aproveitando o seu material para se construir a nova. Durante esse período, que se estima de 6 anos, garantido, de forma provisória, a realização das cerimónias no Espichel, poderá ter sido construído este elemento curioso que se entende como capela e que mais tarde serviu de acomodação à berlinda processional.



Santuário em 1701

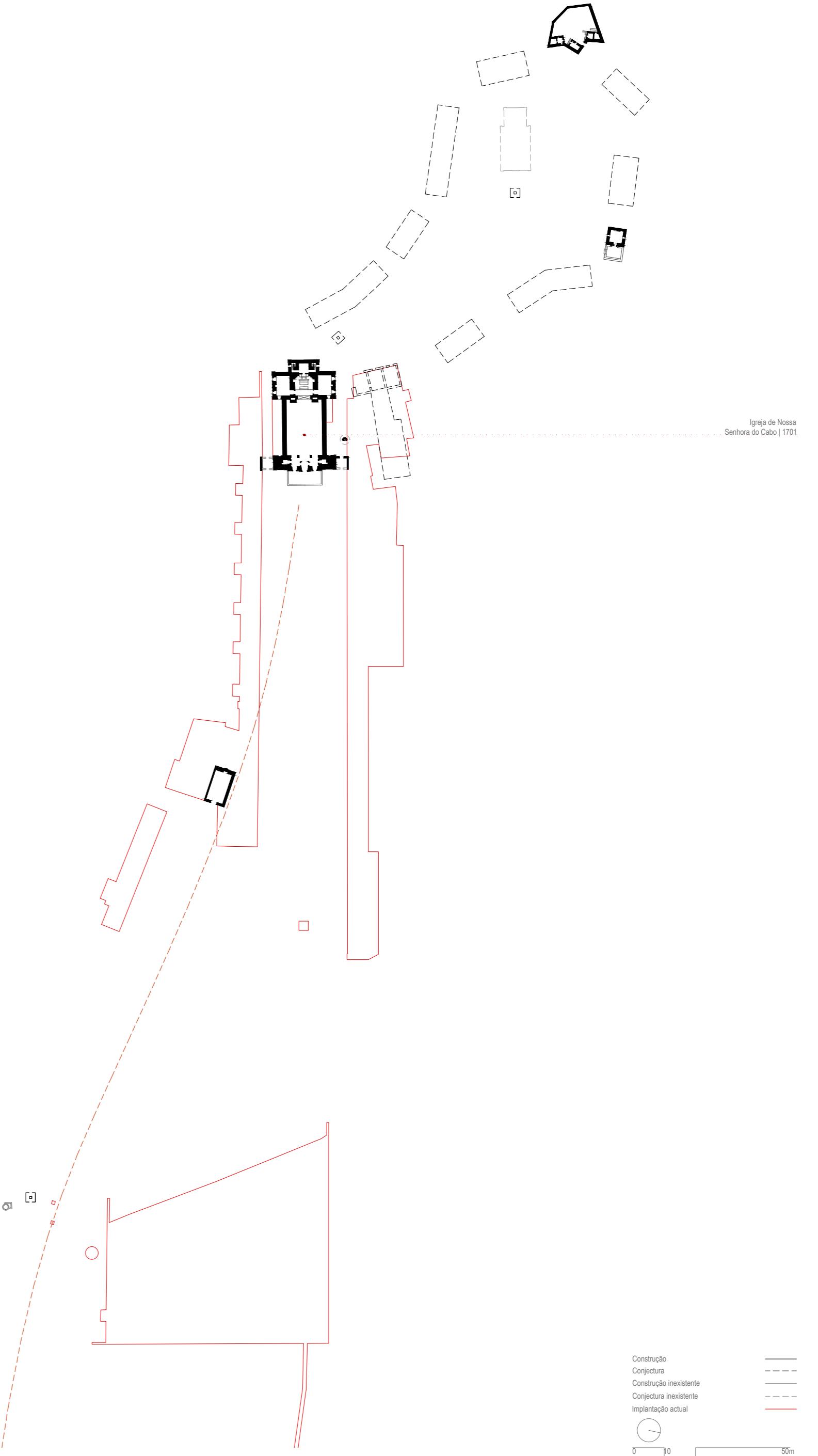
A devoção à Nossa Senhora do Cabo, que originalmente terá sido humilde e popular, compartilhada por apenas algumas dezenas de pessoas ou, talvez, centenas de romeiros, foi, com o passar dos tempos, crescendo, até atingir o seu ponto culminante no séc. XVIII. Foi neste século que os romeiros foram honrados com a participação da Família Real Portuguesa nas romarias ao Santuário, que contribuiu com importantes donativos (67).

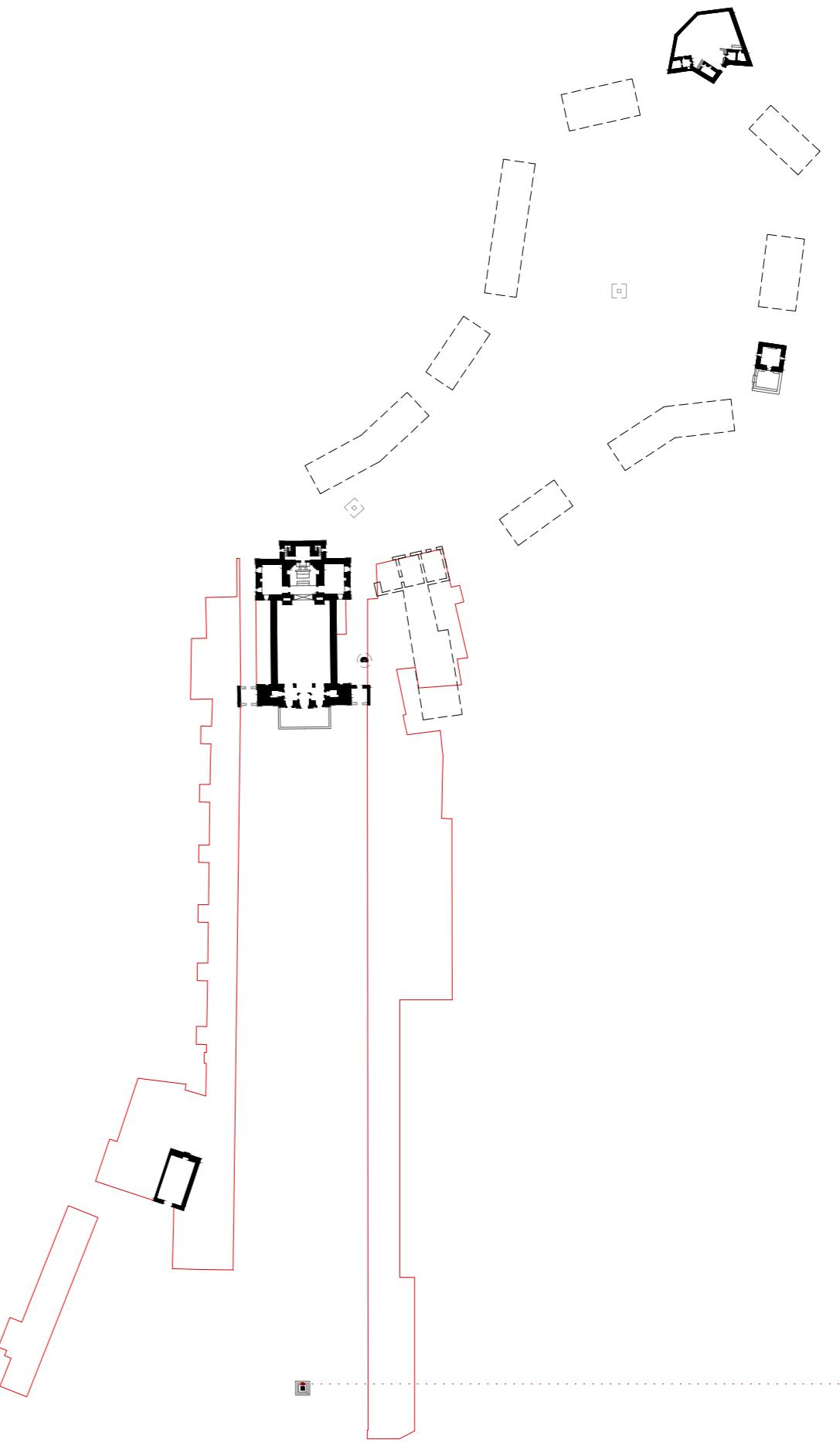
Em 1701, por iniciativa real de D. Pedro II, é principiada a construção de uma nova igreja, que corresponde à que se encontra hoje no Santuário. A nova igreja, construída «pelos rendimentos da Caza do Infantado, em terreno mais seguro e central do que as outras» (68), afasta-se da Ermida da Memória e utiliza as pedras da antiga igreja para a sua construção. Esta altitude, de destruição de uma igreja para a construção de outra, devido à escassez de material e garantindo um rápida construção, vem garantir ao Santuário do Cabo uma possibilidade de crescimento progressivo e ordenado, mais tarde concretizado.

Analisando a planta actual do Santuário, é notória a desordem existente nas construções a Norte da igreja. Tais construções, pelo seu desalinhamento, pela sua orientação em relação com a ermida e pelo seu desenho recortado, aparentam ser de uma época anterior à construção da actual igreja. E, em semelhança com a configuração actual do Santuário (entrada no arraial após a passagem pelo abastecimento de água - chafariz das duas bicas), estas construções, erguidas próximas da cisterna, poderão ter formado a entrada no antigo arraial. Através da hipótese aqui apresentada, e justificando o desenho recortado neste ponto, estas estruturas, com a construção da nova igreja, terão sido, em parte, demolidas. Contribuindo, largamente, para a desordem actual neste ponto do conjunto.

(67) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cíp. 15, p. 155

(68) Idem., p. 53.





Santuário em 1707

A construção da igreja do Cabo realizou-se rapidamente. Em 1707, a imagem, que até então se encontrava protegida na pequena Ermida, foi transladada para a nova Igreja «em os dias 7, 8, e 9 de Julho de 1707 com assistencia do Serinissimo Infante D. Francisco» (69).

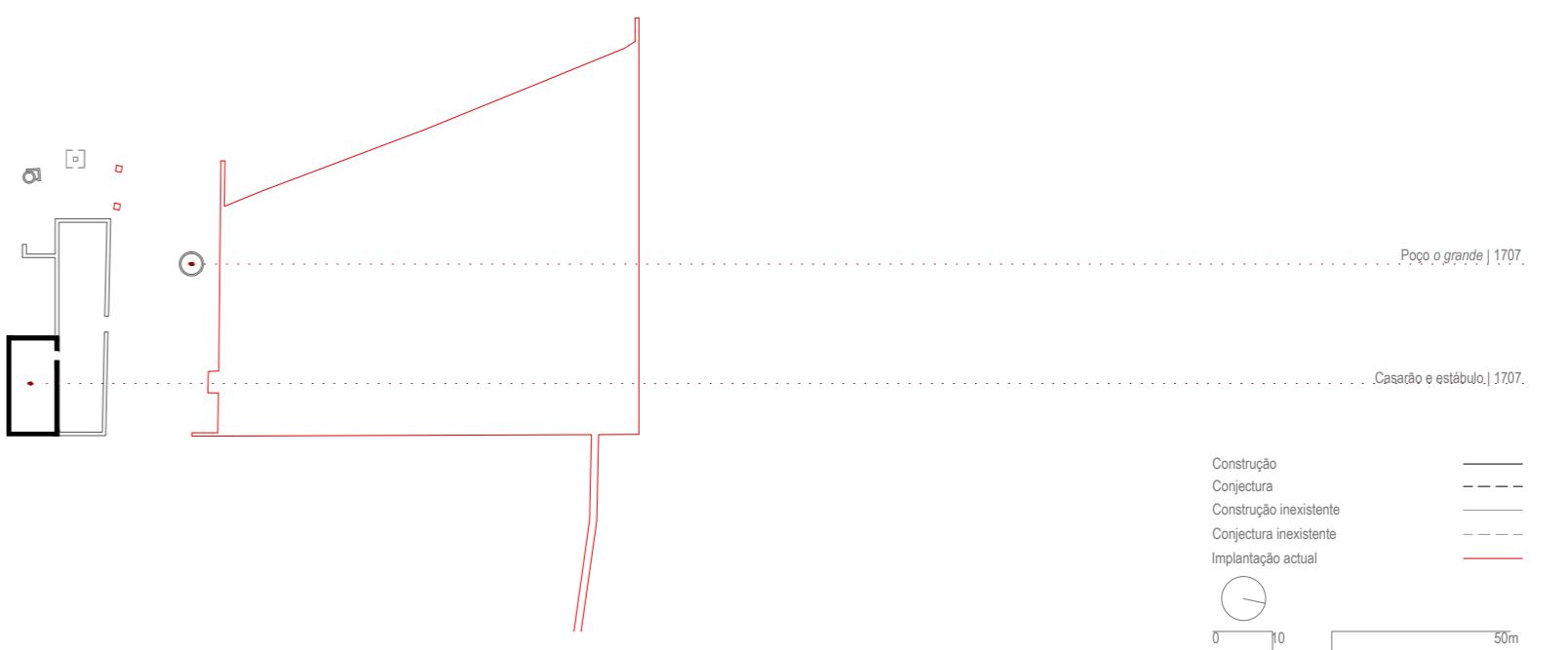
Com a construção da nova igreja, alterou-se a posição dos cruzeiros, coincidindo com a que hoje existe (70). O 1º cruzeiro foi colocado próximo da povoação da Azóia, pouco depois do início do aqueduto. O 2º cruzeiro foi colocado em local alto, pouco antes da Casa da Água, marcando a entrada no sítio do Cabo. O 3º cruzeiro, a nova Cruz da pregação, foi deslocado para o início do novo arraial. Esta colocação reflecte um pouco a expansão do culto deste local, assim como uma vontade de intensificar o processo de entrada no Santuário.

Em 1707 foi construído, na proximidade do poço pequeno, «hum cazarão, estábulo de cavalgaduras». Defronte deste, e realizado no mesmo ano, foi construído o poço grande (71). Com a construção destes novos elementos, foi reforçada a ideia de apeamento dos romeiros a partir deste local. Os animais de transporte ficariam no estábulo e os romeiros seguiriam o restante caminho a pé. O apeamento dos romeiros e a sua relação com o abastecimento de água contribuiu para um claro simbolismo religioso aliado à ideia de purificação.

(69) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 53.

(70) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 52.

(71) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 51.



Poco grande | 1707.

Casarão e estábulo | 1707.

Construção
Conjectura
Construção inexistente
Conjectura inexistente
Implantação actual

0 10 50m

Santuário em 1710

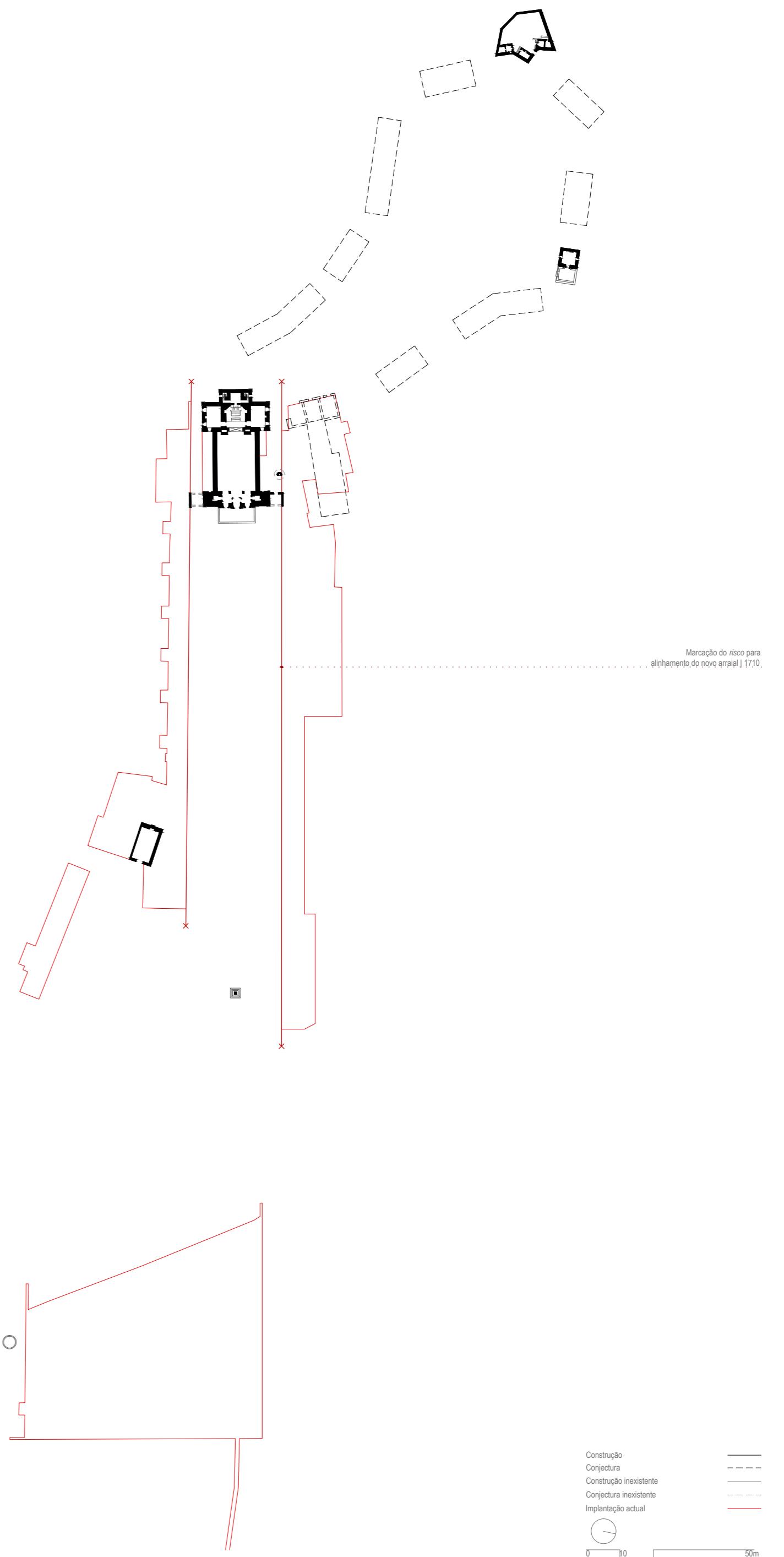
No ano seguinte à finalização da construção da igreja, «Em 1708, sendo o 2º anno do reinado d'El Rei D. João 5º, se mandou renovar [o forte], e concertar os estragos do tempo» (72).

Embora só colocado em prática cinco anos depois, em 1710 é feita a marcação do que viria a ser chamado o *risco* (73). Com esta simples marcação no chão pretendia-se, de forma clara, não só alinhar a nova construção mas, também, acabar com a desordem crescente do antigo arraial.

(72) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... Cil. 15, p. 65.

(73) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memorias sobre a antiguidade das Romarias... Cil. 15, p. 52.

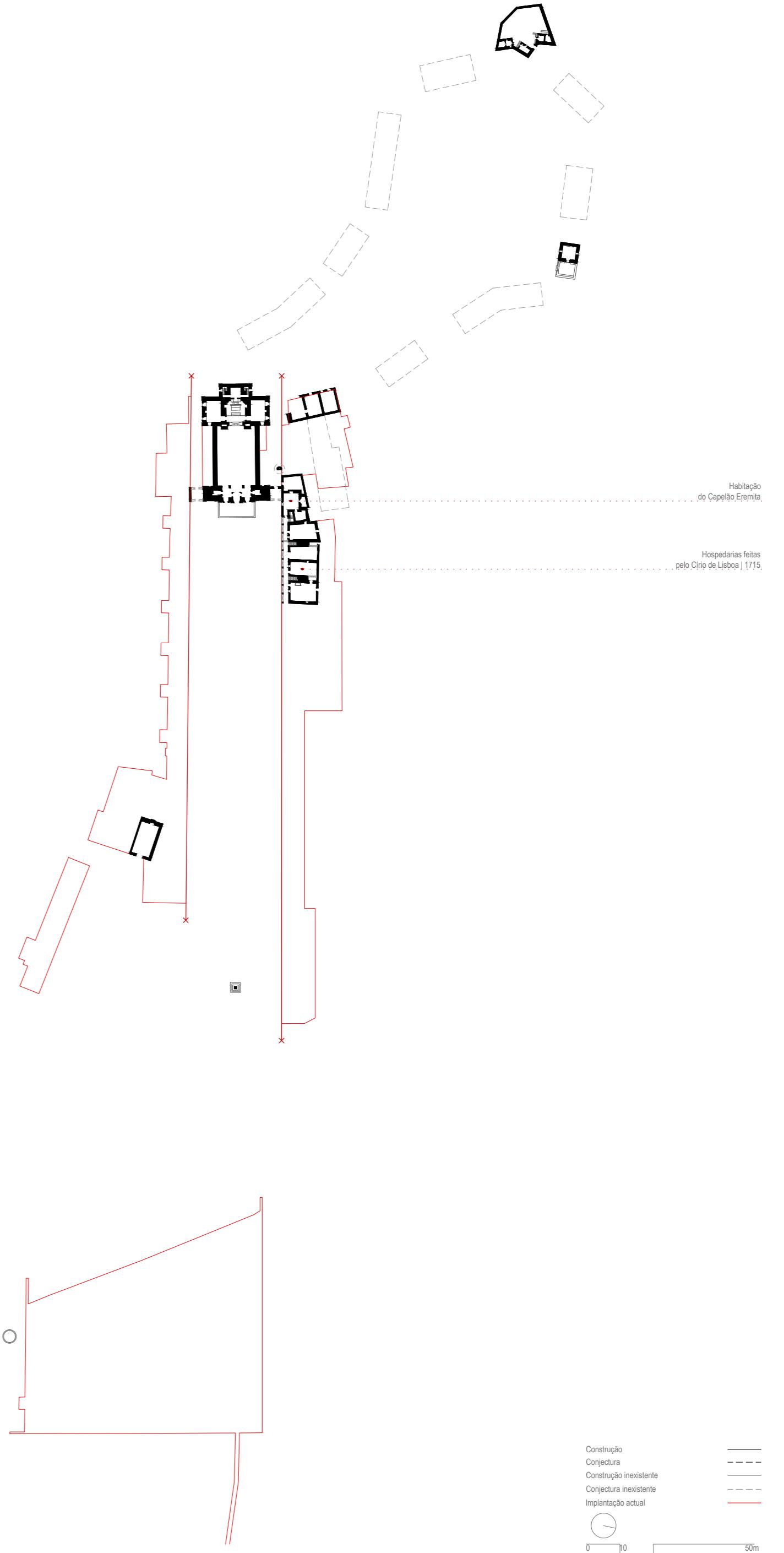
Marcação do *risco* para
alinhamento do novo arraial | 1710.



Santuário em 1715

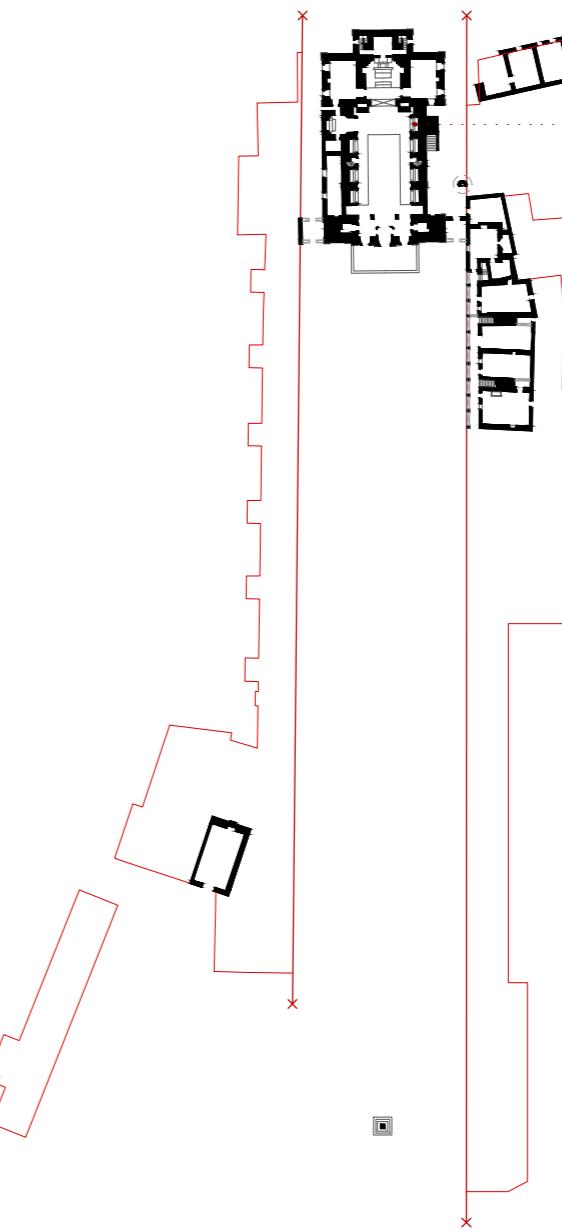
Em 1715, no reinado de D. João V, e por iniciativa do Círio de Lisboa, «foram desmanteladas as antigas hospedarias» e utilizando «muito do antigo», «se fizeram sobrados e loges, segundo o risco» (74). Destinadas a servir de alojamento aos romeiros, as novas hospedarias obedeciam agora a princípios previamente estipulados. Utilizando os materiais das antigas, as novas casas deveriam ser construídas respeitando a marcação do risco, possibilitando a passagem coberta até ao templo, e em dois níveis - loja e sobrado - sendo o primeiro em arcaria. E principiada a ala Norte pela mão dos círios de Lisboa, iniciava-se deste modo, em 1715, a configuração do novo arraial. Embora as novas hospedarias tenham sido adoçadas à nova igreja, a tradição antiga de contornar o templo manteve-se através de duas passagens cobertas que o ladeavam e que ao nível dos sobradinhos estabeleceram a ligação entre a igreja e a habitação do capelão eremita.

(74) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII:
Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, p. 134.





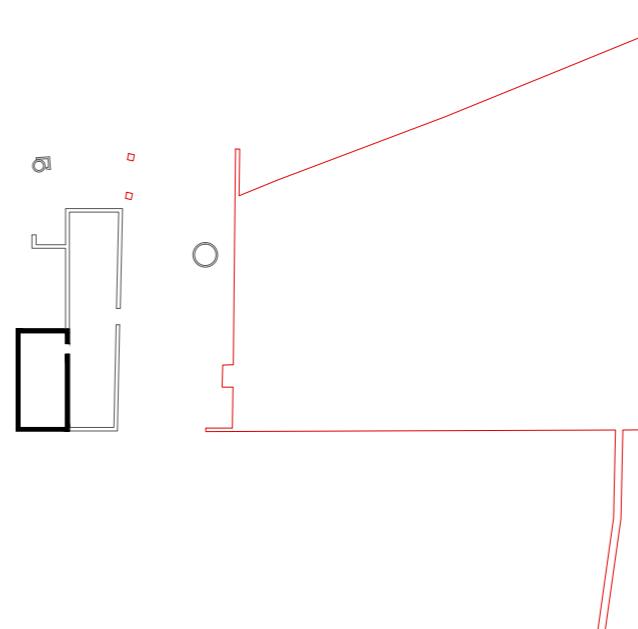
Construção de Altares e Capelas
no interior da igreja | 1718.



Santuário em 1718

Em 1718, demonstrando o seu amor e devocão a Nossa Senhora, os círios iniciam, consoante as suas posses, a construção dos altares laterais no interior da igreja. Todos seriam diferentes, demonstrando as diferentes pretensões e gostos de cada círio, mas em 1770 foram homogeneizados, e transformados de acordo com a sua apresentação actual (75).

(75) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII:
Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889, p. 135.



Construção
Conjectura
Construção inexistente
Conjectura inexistente
Implantação actual



Santuário em [1744]

O culto a Santa Maria do Espichel aumentou drasticamente. Os romeiros viam-se elogiados pela presença da família real nas suas festas. O arraial crescia ano após ano. Para albergue dos romeiros, as novas hospedarias sucediam-se umas às outras, numa tentativa de manter o arraial o mais regular possível.

Em 1727, contribuindo para a grande alegria e segurança dos romeiros, «teve principio a iluminar-se o Arraial todas a noutes que durasse o festejo» (76). Francisco Ildefonso dos Santos refere que «Ao lado da Egreja, e junto a hum poço [cisterna], estão as caças de sobrados e loges, que mandarão fazer á sua custa João Baptista, e Felis Torcate, e João Coelho. Nas loges destas caças se guardão os lampeões com que se alumia o arraial» (77). Com esta afirmação, aliada ao início da iluminação do arraial, é possível atribuir o ano de 1727 para a construção destas casas.

Em 1740, o tecto da igreja foi pintado pelo cenógrafo e pintor Lourenço da Cunha. Esta pintura, sobre a abóbada de berço, representa de forma cenográfica, e em arquitectura perspectivada, a Assunção da Virgem (78).

Intensificando-se os trabalhos realizados no Santuário após o ano de 1744, é provável que a data de construção da casa dos Festeiros e dos padres pregadores seja próxima dessa. Sendo esta a primeira habitação do lado Sul do arraial, terá sido em torno de 1744 que foi iniciado o seu corpo das hospedarias, que equilibrou a composição com as casas já existentes a norte. A casa dos Festeiros, à semelhança da do capelão eremita, tinha acesso privilegiado, pelo sobrado, ao interior da igreja.

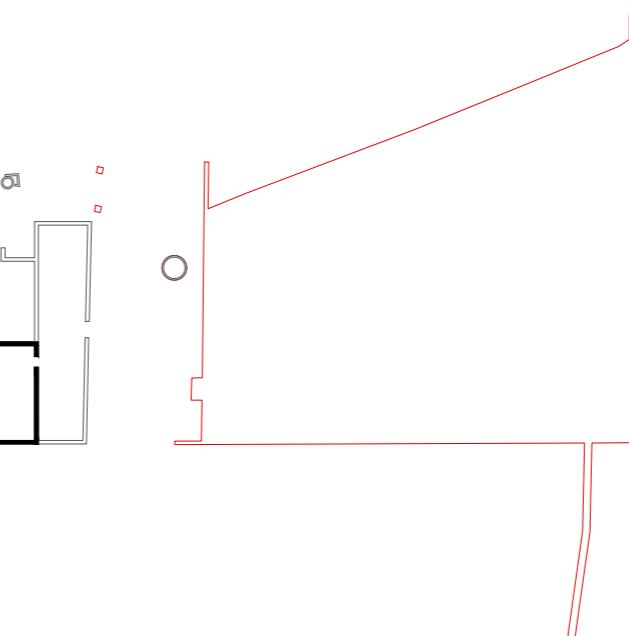
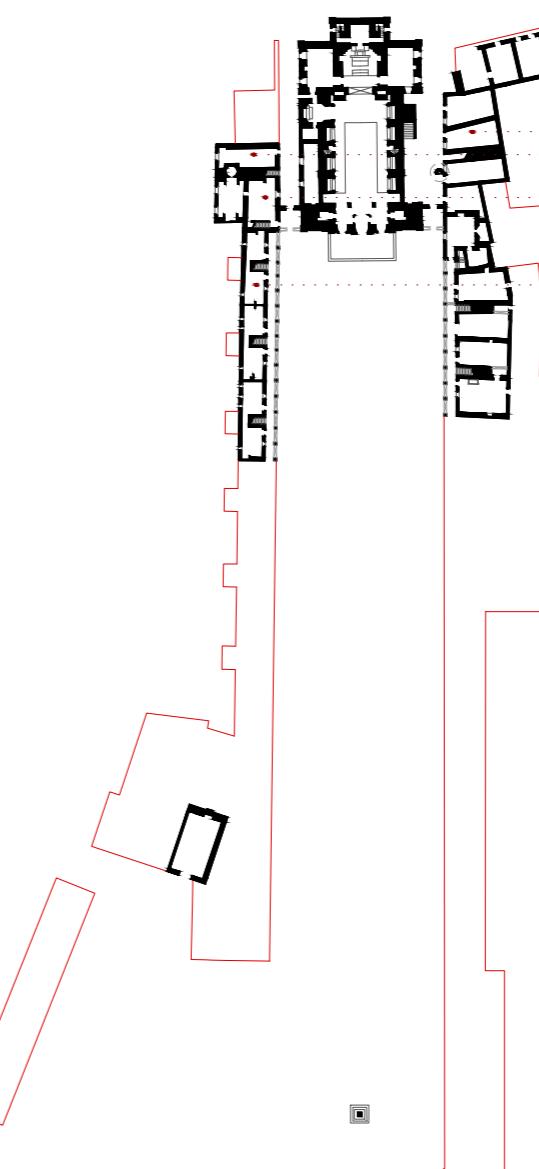
(76) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 136.

(77) *Idem*, p. 165.

(78) A pintura faz parte de uma coleção composta por cerca de vinte exemplares em Portugal. Este exemplar de Lourenço da Cunha é o único que sobreviveu ao terramoto de 1755.

"Loges" para guarda dos
lampiões do arraial [1927]
ados para acomodação da Realeza.
Casa dos Padres pregadores.
Casa e cozinha dos Festeiros

pedarias da Ala Sul.



- Construção
- Conjectura
- Construção inexiste
- Conjectura inexiste
- Implantação actual



Santuário em [1760]

Como já mencionado, as obras realizadas no Santuário intensificaram-se a partir de 1744. Algumas das obras realizadas são mencionadas por Francisco Ildefonso dos Santos. Ele refere que, em «1746 [...] Neste anno se fez mais hum sobrado e loja da parte do Sul do Arraial, e por mão de João Jorge» (79), em «1758 [...] fizerão-se duas moradas de caças novas no Arraial da parte do norte, o que tudo correu por conta de João Jorge» (80) e em «1759 [...] Fizerão-se duas propriedades de caças com os materiaes que tinhão ficado das outras, e o mais que foi preciso, da parte do Sul» (81).

Analisa-se a arcaria que limita o arraial, verifica-se que as trigésimas quintas colunas da ala Sul e Norte se apresentam de um modo distinto das restantes. Esta característica, que neste estudo é atribuída a cerca de 1760, poderá indicar um antigo limite do arraial.

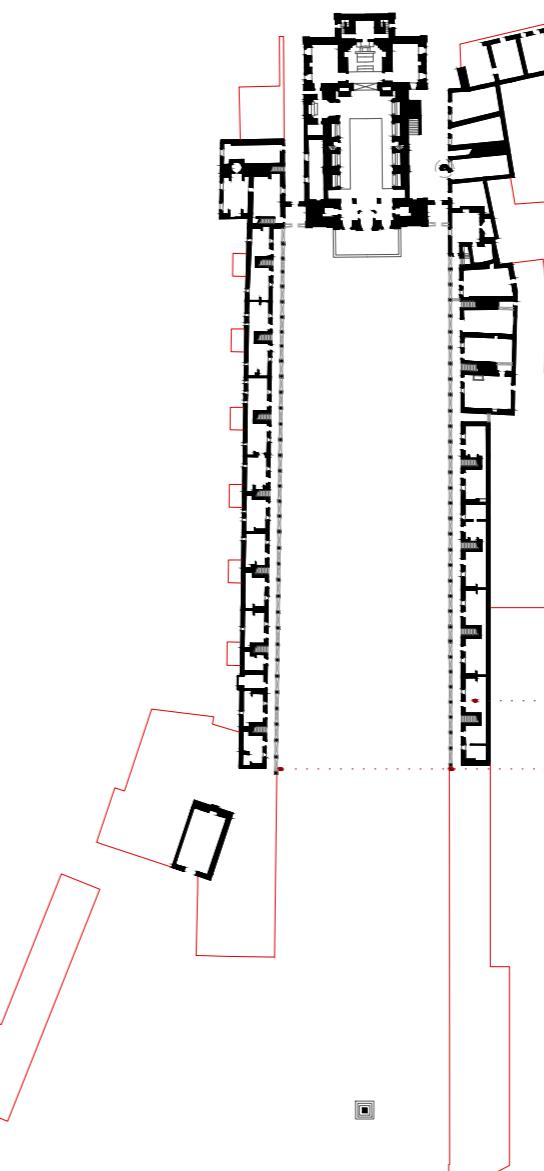


Fig. 52 Trigésimas quintas colunas da ala Sul e Norte.

(79) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memórias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 140.

(80) Idem., p. 150.

(81) Idem., p. 151.

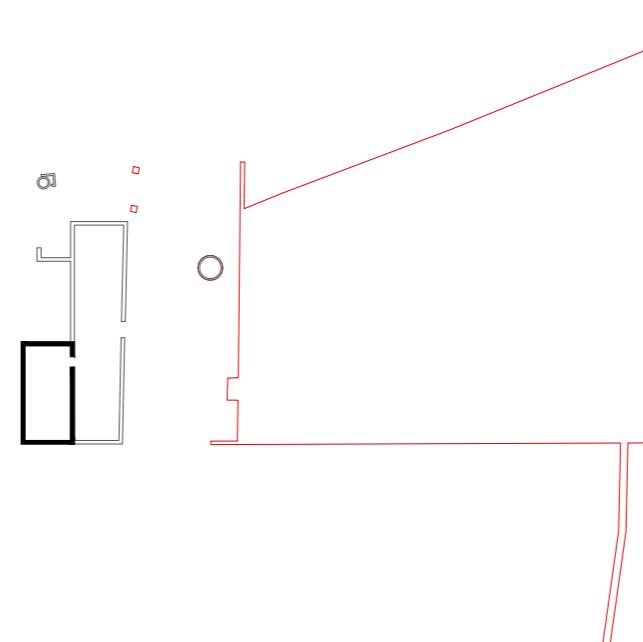


Hospedarias.
Ex. Morfológica.

Colunas atípicas.

PÁGINA 71

Ex. Morfológica.



Construção
Conjectura
Construção inexistente
Conjectura inexistente
Implantação actual

—
—
—
—
—



0

10

50m



Santuário em [1765]

Nos anos seguintes, com a ajuda de financiamentos por parte da Corte Real, o Santuário sofre uma grande evolução. Não só com a criação de novas hospedarias que aumentaram o rectângulo do arraial, mas também, com a criação de novos programas lúdicos.

Erguida pelos círios de Lisboa, com o intuito de albergar as comédias que até então eram realizadas ao ar livre, foi construída, em meados do séc. XVIII (82) um pequeno teatro - a Casa da Ópera.

Este pequeno teatro, adossado às traseiras das hospedarias da ala Norte, era descrito por Francisco Ildefonso dos Santos como tendo «uma ordem de camarotes, e para elles se comunicão as caças dos Festeiros; porem os da plateia tem de vir à porta principal, que está em hum corredor descoberto e muito ventoso» (83). O acesso à plateia era feito por esse corredor que ainda hoje existe. Trespassa o corpo das hospedarias e faz a transição entre o interior resguardado do terreiro e o desabrigado promontório.

A casa da ópera possuía boas instalações e no seu interior realizaram-se inúmeras representações teatrais, desde comédias a musicais encenados pelos próprios círios. Francisco Ildefonso dos Santos refere ainda que, quanto à caixa de palco, «ella ha sufficiently espacosa em largura, e fundo, e boas serventias. Teve em outro tempo o scenario, e vestuario de tal modo, que pela abundancia e diversidade se podia representar qualquer Peça de meio caracter, e tudo em muito boa arrecadação; hoje está em abandono» (84).

Em 1765 é também construída «uma casa para a commodação da Fabrica na parte mais comoda da parte do Sul ao pé da Igreja» (85), que hoje se designa como Casa da Prata. Este espaço servia para guardar os utensílios utilizados pelos círios aquando da realização das festividades, servindo igualmente como sala de reuniões.

(82) A sua construção poderá ter ocorrido em torno da década de 1770, aquando das visitas da família real ao Santuário.

(83) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Cit. 15, p. 66.

(84) Idem, p. 66.

(85) Idem., p. 154.

Casa da Prata | 1765.

Anexos

Casa da Ópera.

Armazém.

Hospedarias.

Armação.

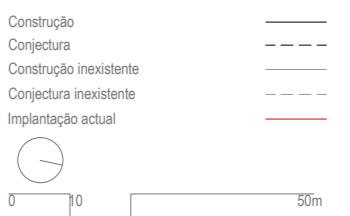
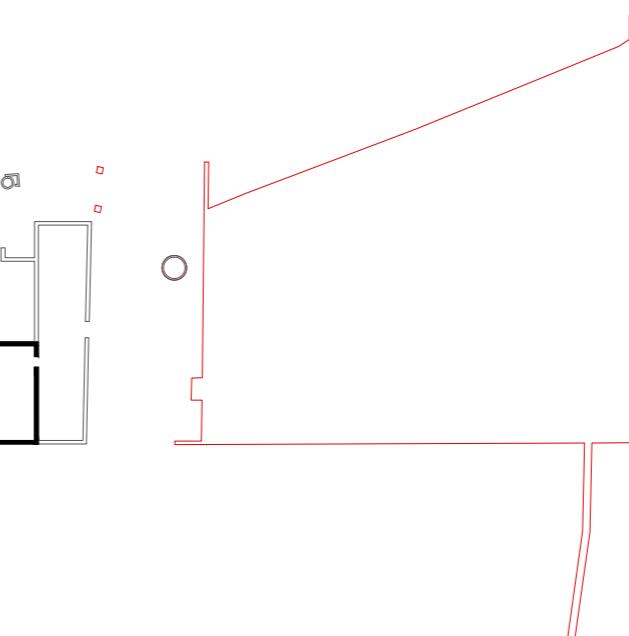
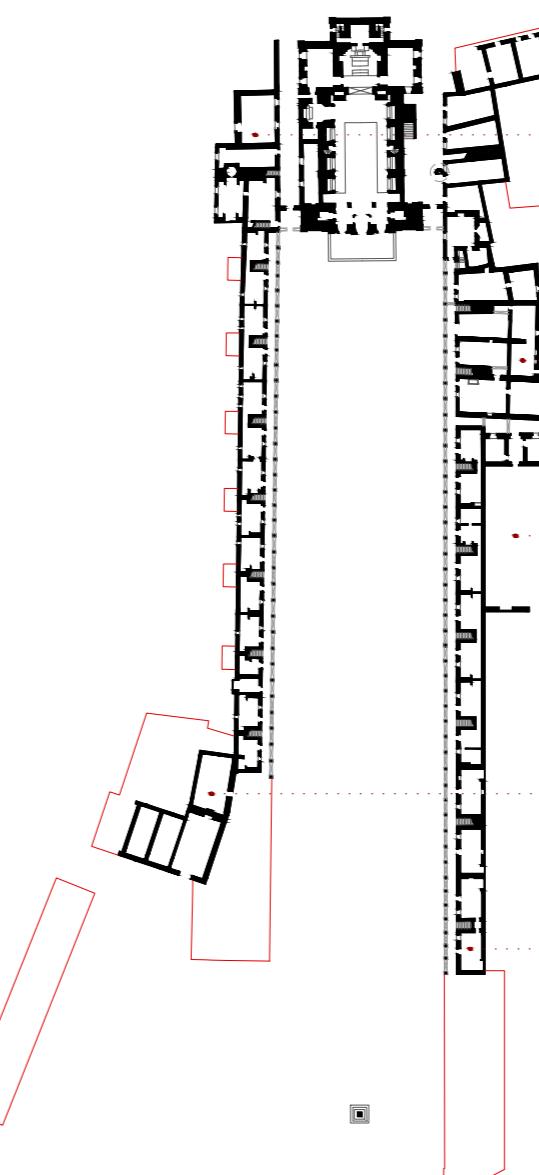
Construção.

Conjectura.

Construção inexistente.

Conjectura inexistente.

Implantação actual.





Santuário em 1770

O Santuário da Nossa Senhora do Cabo atinge neste ano o seu esplendor. O arraial encontra-se regularizado. O Santuário enche-se de devotos e as festas são financiadas pela corte real.

Em deslocação ao santuário, o rei vigente em 1770, D. José I, ordenou que fosse construída uma casa da água, ladeada por uma horta, com o objectivo de melhorar as condições de habitabilidade áqueles que, em dias de celebração de Santa Maria, por ali pernoitavam. Implantando-se a nascente do arraial e no prolongamento do eixo da igreja e do cruzeiro, a Casa da Água emergiu sobre uma acentuada depressão do terreno (86). Coroando todo o recinto a nascente, num diálogo directo e equilibrado entre o poder da Igreja e o poder da Corte, contribuiu para um acréscimo da racionalização de todo o conjunto.

Francisco Ildefonso dos Santos descreve no seu manuscrito:

«Antes de subir-se à Caza d'agoa, ha huma alamêda, cuja entrada he hum portal de pedra lavrada, com sua porta de grades de ferro: tem cinco ruas cobertas de arvoredo, e no fim duas mezas e assentos de pedra, he toda murada, e do lado do Norte tem janellas que deitão para o mar. Neste ameno, e agradavel sitio se entretem huma grande parte do tempo os Romeiros, onde não cessão de haver descantes, e concertos de muzica, que muito convida a atenção, e he para onde concorre tudo que ha de mais brilhante no arraial, a frescura do sitio, o concurso da gente, a armonia das vozes, tudo convida a os Romeiros a disfrutar as áflicias de tão aprazivel local.

No topo deste passeio se acha huma escada de pedra, com cinco lanços, sendo o primeiro, e o ultimo de sete degraus, e os trez de 6. Subindo-se mais dois degraus se entra na Caza chamada da agoa, toda lageada, e de feito oitavada (sextavada e não oitavada), com assentos de pedra ao redor, e fronteiro à entrada da Caza se vé hum bello tanque de marmore aonde cahe a agoa da bôca de huma gorita com seis janellas, por ser sextavada, e por cima dos assentos até meia parede he esta coberta de azulejo com varias pinturas. A Orta fica ao entrar da alamêda da parte direita, he toda murada, e fechada com porta, cuja chave conserva o retelão, o qual dá gratuitamente tudo quanto nella se cria, tem esta orta seus taboleiros com latadas, e ruas de loureiro, bucho, e alecrim; circulão toda ella alegrêtes de flores, e tem janella para a parte do chafariz» (87).

A horta-jardim articulava espaços de diferentes atmosferas, recantos de prazer e áreas de produtividade. Os canteiros de arbustos aromáticos comungavam directamente com a casa de fresco.

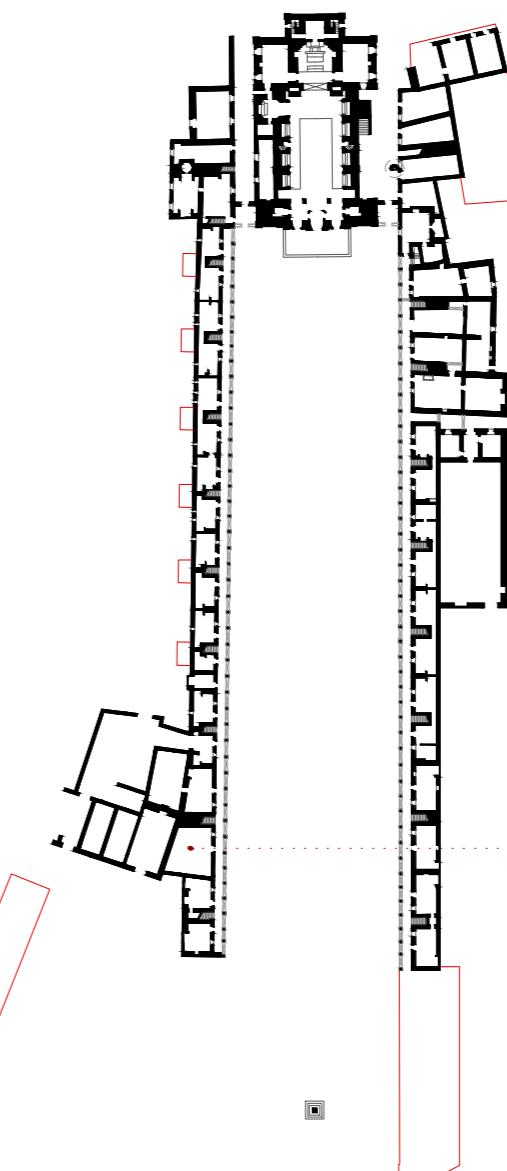
Para fazer chegar a água a este local foi, juntamente com a Casa da Água, mandado construir um aqueduto com aproximadamente 2,5Km, capaz de transportar no seu interior a água proveniente de um ramal de nascentes na povoação da Azóia. A sua principal nascente localiza-se em Casais da Azóia, no chamado poço velho. Aqui salienta-se a presença da mãe d'água, de características próximas à da Casa da Água. No seu interior existe uma escada de 4m que «desce até à conduta que transporta a água até ao santuário» (88). O aqueduto é composto por caixas de visita, numa estrutura enterrada e de troços visíveis assentes em arcaria.

O fornecimento de água ao Santuário fortaleceu a permanência dos romeiros. Trouxe não só a água potável, para beber, mas também a água para o cultivo, essencial em terras tão inóspitas como as deste promontório.

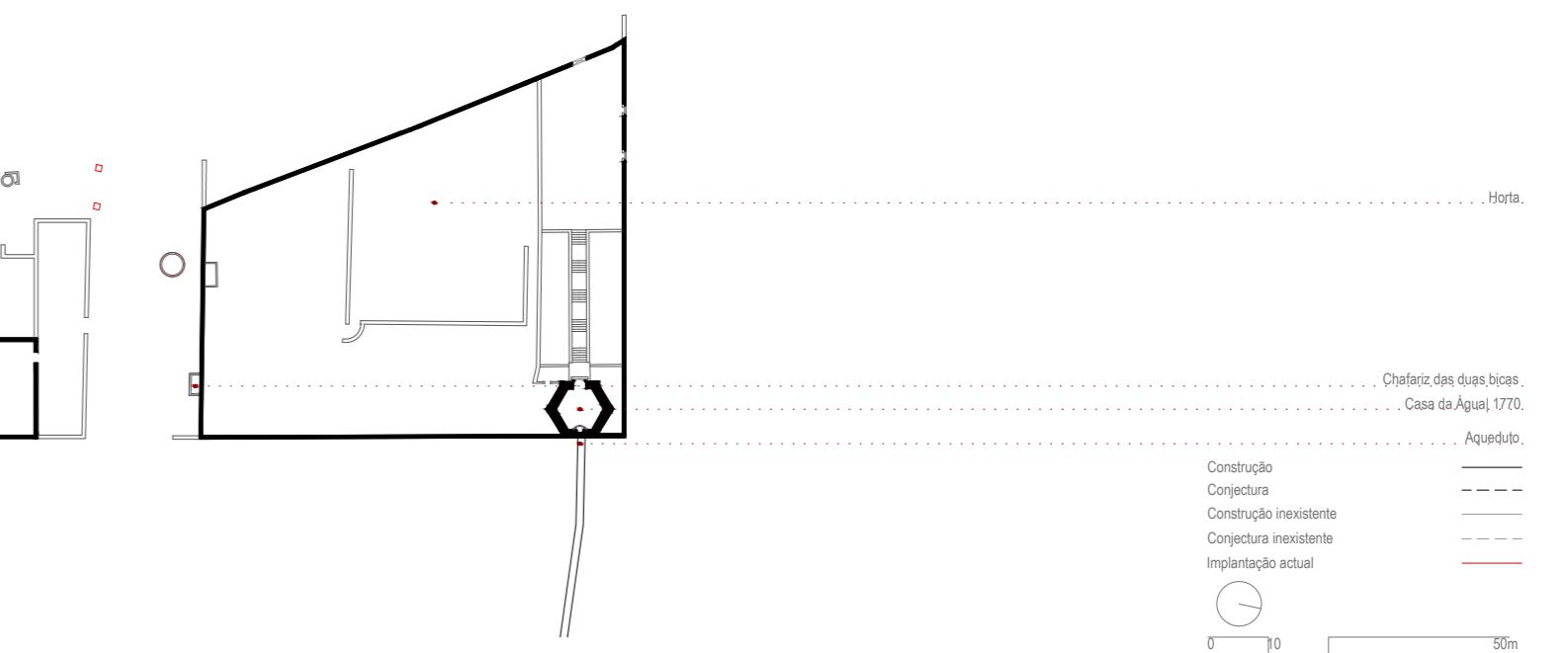
(86) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cít. 15, p. 155.

(87) Idem, p. 67.

(88) PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim... Cít. 4, p. 272.



Novas hospedarias, adossadas à possível capela.





Santuário em 1794

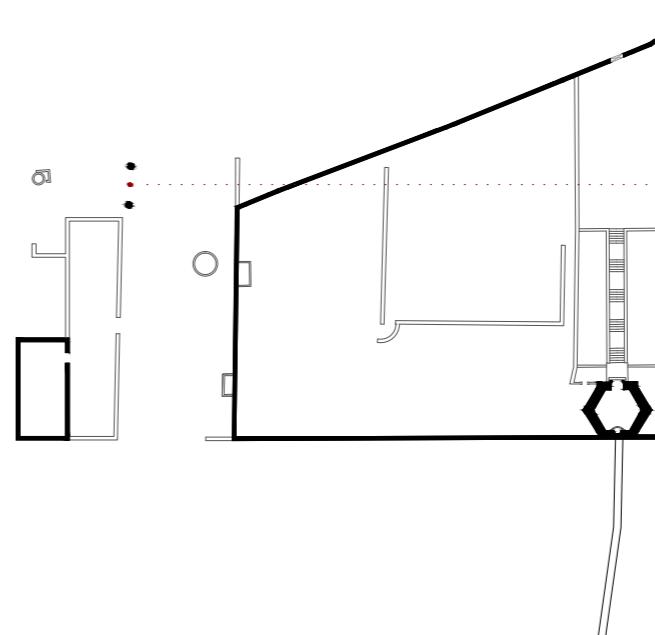
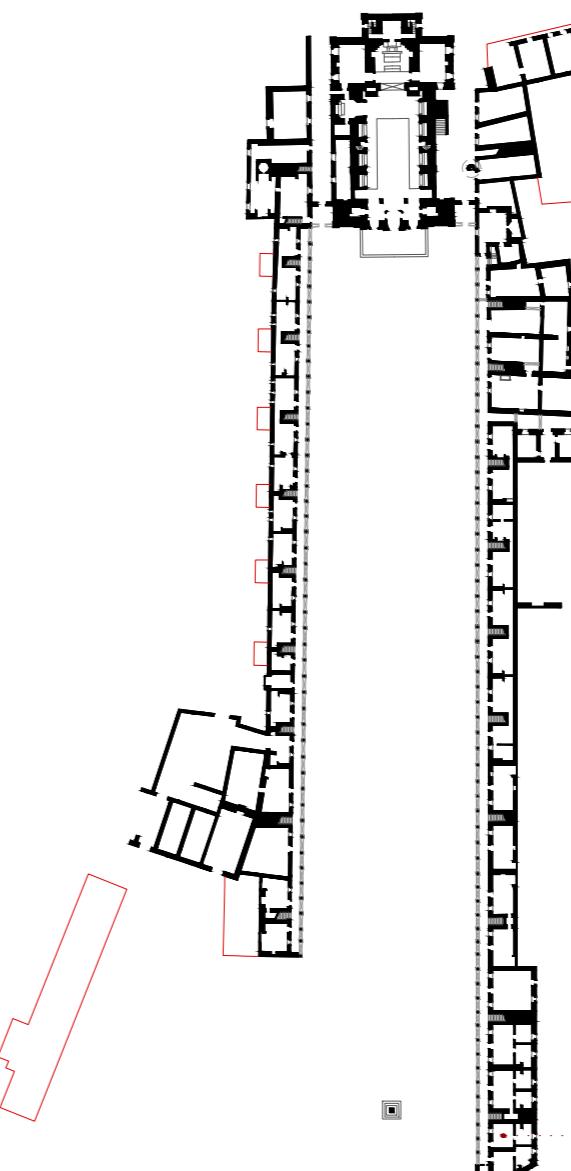
Em 1790, a sul do Santuário, foi construído um farol - o farol do Cabo Espichel (89). O farol «foi feito no anno de 1790, para servir de guia aos Navegantes mostrandolhes os perigos daquella costa que devem acautelar» (90). No início da estrada que lhe dá acesso, próximo do poço pequeno, foi igualmente construído um portão de ferro ladeado por duas colunas.

Em 1794 o Santuário adquire a configuração actual. À ala Norte foram acrescentados os últimos dois módulos de hospedarias (91). O prolongamento desta ala concedeu ao arraial um maior isolamento relativamente som do mar e dos ventos vindos de Norte (que no Espichel são tão característicos), criando uma atmosfera de acalmia e de grande conforto. De igual modo, conferiu ao Santuário um novo sentido de aproximação e entrada.

(89) A preocupação relativa à orientação dos navegadores remonta ao inicio do XVI. Pequenas torres ou o simples uso de foqueras em lugares conspicuos eram mantidas pelas comunidades piscatórias e, mais tarde, pelas irmandades religiosas. A primeira estrutura classificável como um farol só terá sido erguida em 1528 foz do Rio Douro pelo Bispo D. Miguel da Silva. A 1 de Fevereiro de 1758, por alvará do Marquês de Pombal, foi constituído oficialmente o Serviço de Farolagem que consequentemente ordenou a construção de faróis ao longo da costa, principiando o Farol de Nossa Senhora da Luz em 1761. MARINHA - Direcção de Faróis. Direccaofarois.marinha.pt/PT/historia1/Paginas/Historia.aspx. Acesso em 1 de Março de 1013.

(90) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 68.

(91) Idem., p. 167.

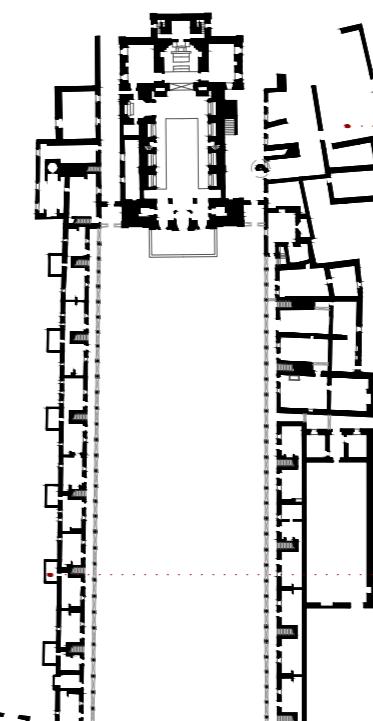




Vestígio do forte



Ruina



Instalações sanitárias [1974 a 97]

Santuário em 2013

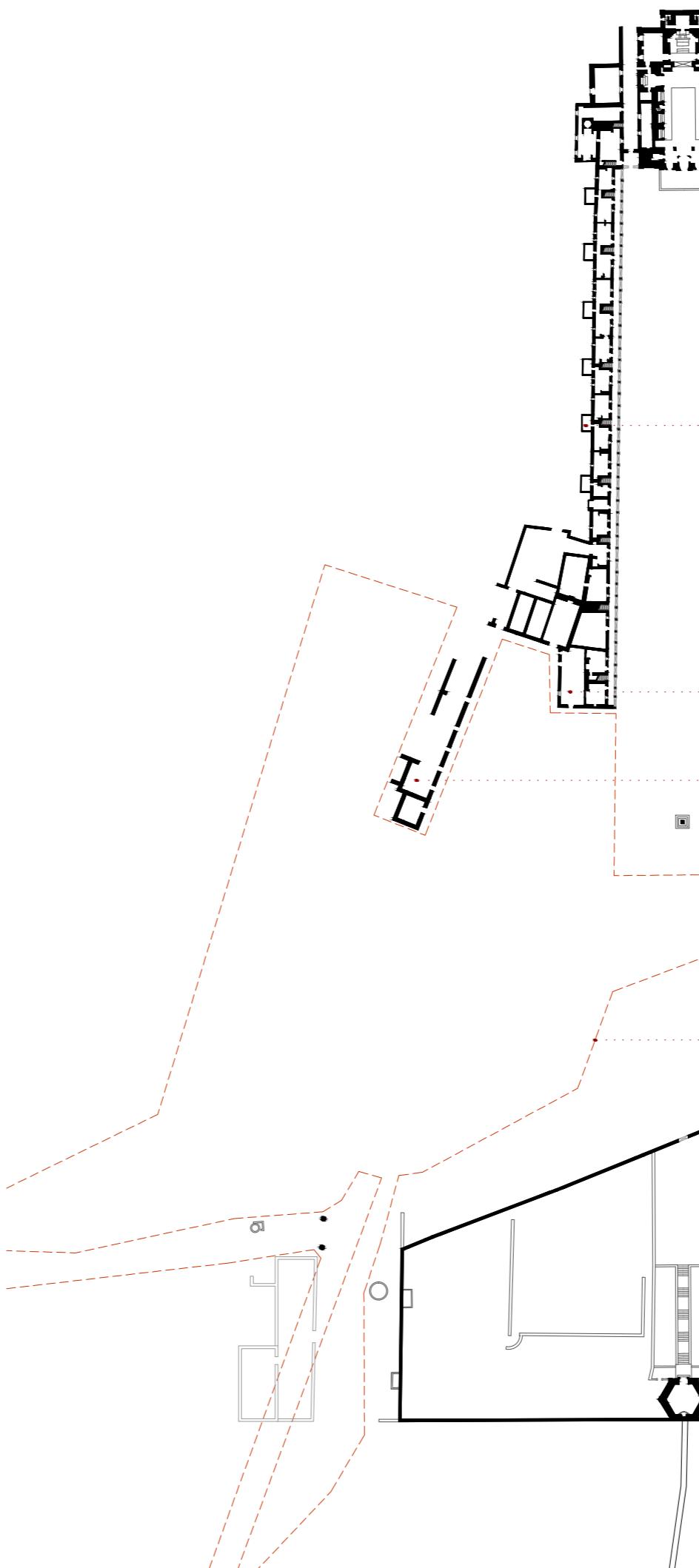
Após 1794, poucas foram as obras realizadas no conjunto. Uma habitação privada foi acoplada à ala sul e, na sua proximidade, outra. Contudo, em meados do século XIX, o Santuário assiste ao abandono das suas gentes, em certo modo proporcionado pela ida da corte para o Brasil. O forte, que em 1800 ainda se mantinha conservado (92), deixa-se levar arriba abaixo. O estábulo próximo da Casa da Água é demolido, as casas dos romeiros arruinaram-se com o tempo, a casa da ópera foi deixada ao abandono. O Santuário entra em decadência.

Em 1974, após a Revolução, o abandono progressivo do conjunto atingiu o seu auge. O santuário foi ilegalmente ocupado por sesimbrenses que se serviram do conjunto durante largos anos como habitação permanente (93). Esta ocupação ilegal levou a que o interior das hospedarias sofresse alterações demasiado intrusivas. De igual modo, no exterior, servindo de instalações sanitárias, foram criados um grande número de anexos.

Hoje, e apesar das obras até então realizadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Câmara Municipal de Sesimbra, o Santuário encontra-se esquecido, desprovido de vida, ignorado e abandonado.

(92) [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - Memórias sobre a antiguidade das Romarias... Cit. 15, p. 65.

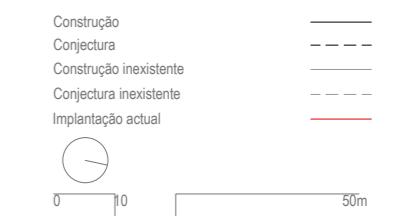
(93) PATO, Heitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim . Cit. 4, p. 304.



Habitação privada

Habitação privada, anexos em ruína

Área utilizada para estacionamento



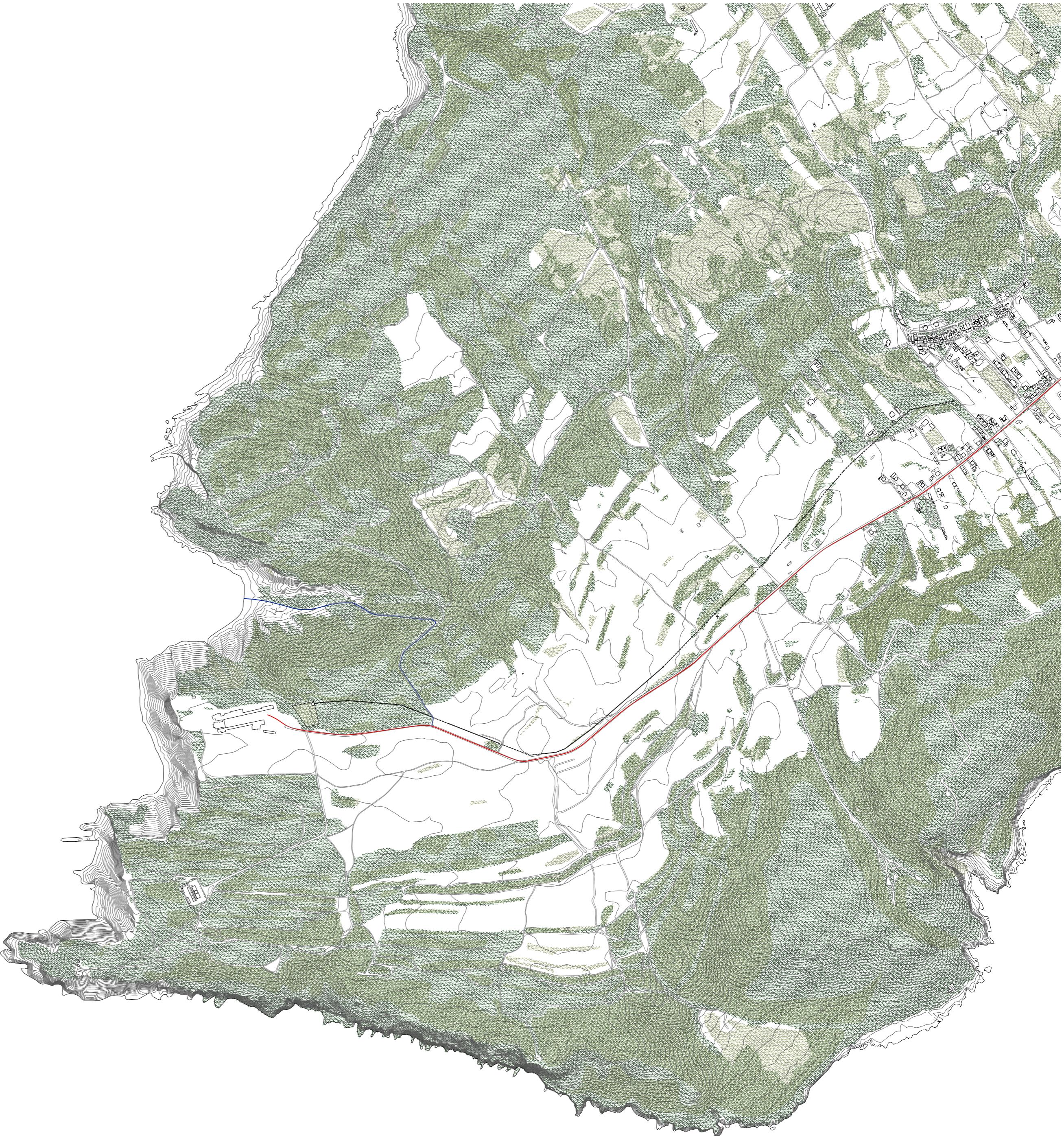
6. RECUPERAÇÃO DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO CABO

Actualmente assiste-se a um novo paradigma na relação com o património e no modo como se pretende que este esteja disponível e acessível. Esta nova perspectiva tem conduzido a uma transformação das suas construções, tornando-o compatível com as necessidades actuais - conforto térmico, iluminação natural e artificial, ventilação, adequação a novos programas, etc.. Esta atitude conduz a uma excessiva pressão sobre os monumentos e a uma manipulação intrusiva nas suas estruturas. Como consequência desta ação verifica-se uma excessiva manipulação do significado dos edifícios, contribuindo largamente para a destruição do que realmente se pretendia recuperar ou conservar.

É no seguimento desta reflexão que se pretende que a intervenção no Santuário da Nossa Senhora do Cabo, aqui apresentada, possa ser lida como um modelo alternativo, cuja metodologia com as devidas adaptações, poderia eventualmente ser aplicada em casos similares.

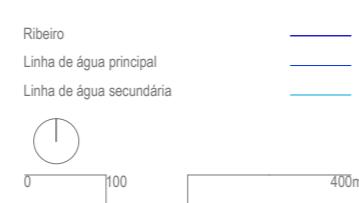
Com a realização deste projecto pretende-se não só restabelecer a vocação primordial de santuário de peregrinação, como também propiciar uma experiência genuína a um turista alternativo. Conjungando o sentido sagrado - vincado pelo culto que ainda hoje se mantém - com o sentido profano - razão pela qual se constituiu neste promontório um grande terreiro designado de arraial -, pretende-se proporcionar ao novo visitante uma experiência autêntica. Deste modo, pretende-se que o projecto de arquitectura de recuperação do conjunto, baseado na evolução morfológica a que o santuário se foi submetendo ao longo dos tempos e no seu uso secular, possa estabelecer uma continuidade em relação ao passado, e um passo em direcção ao futuro. Para tal, deseja-se que a sua condição de permanência temporária seja mantida ao longo de todo o ano, albergando não só os seus devotos, como também outros curiosos que nele entendam pernoitar.

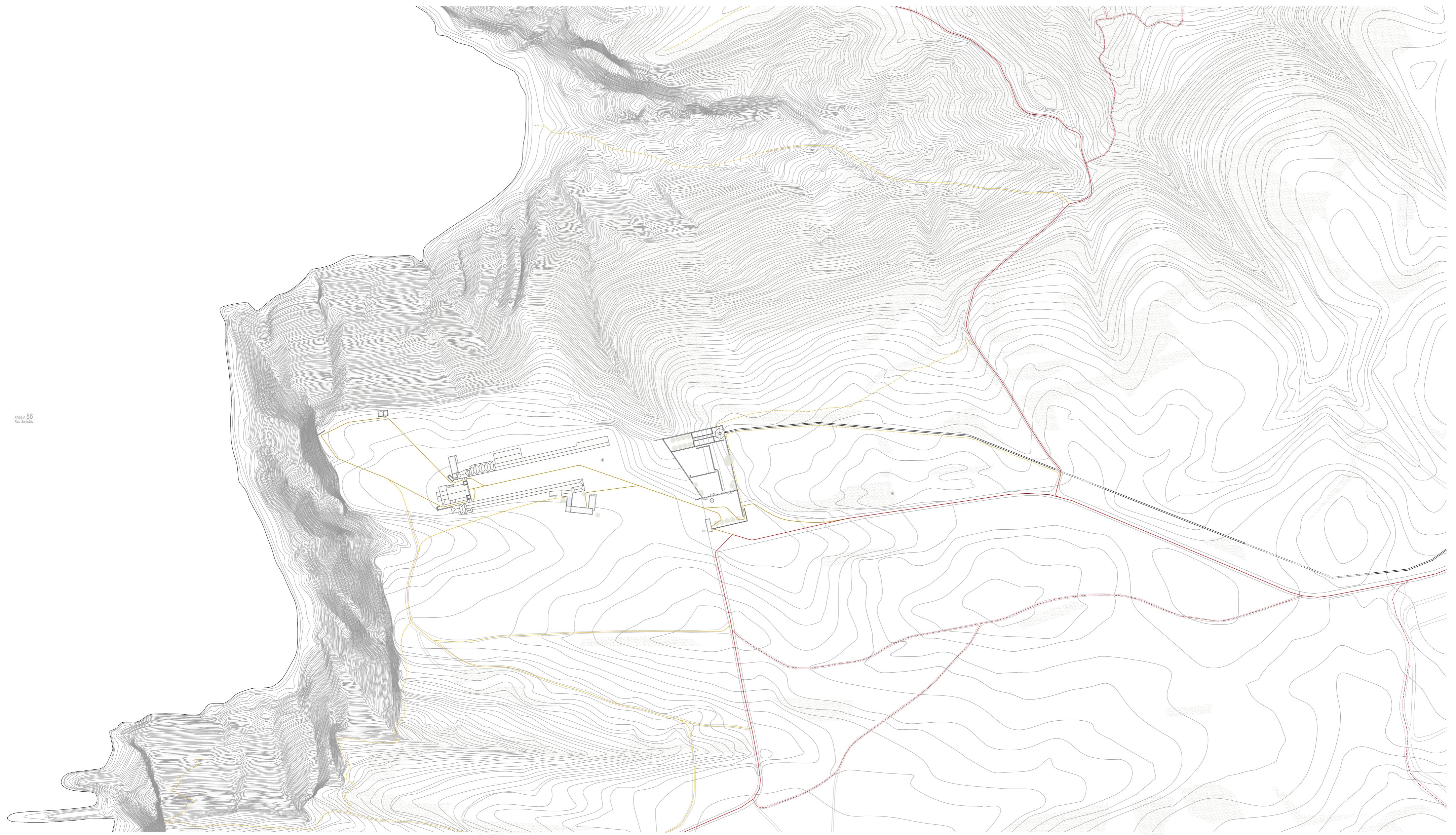
Existente - planta topográfica

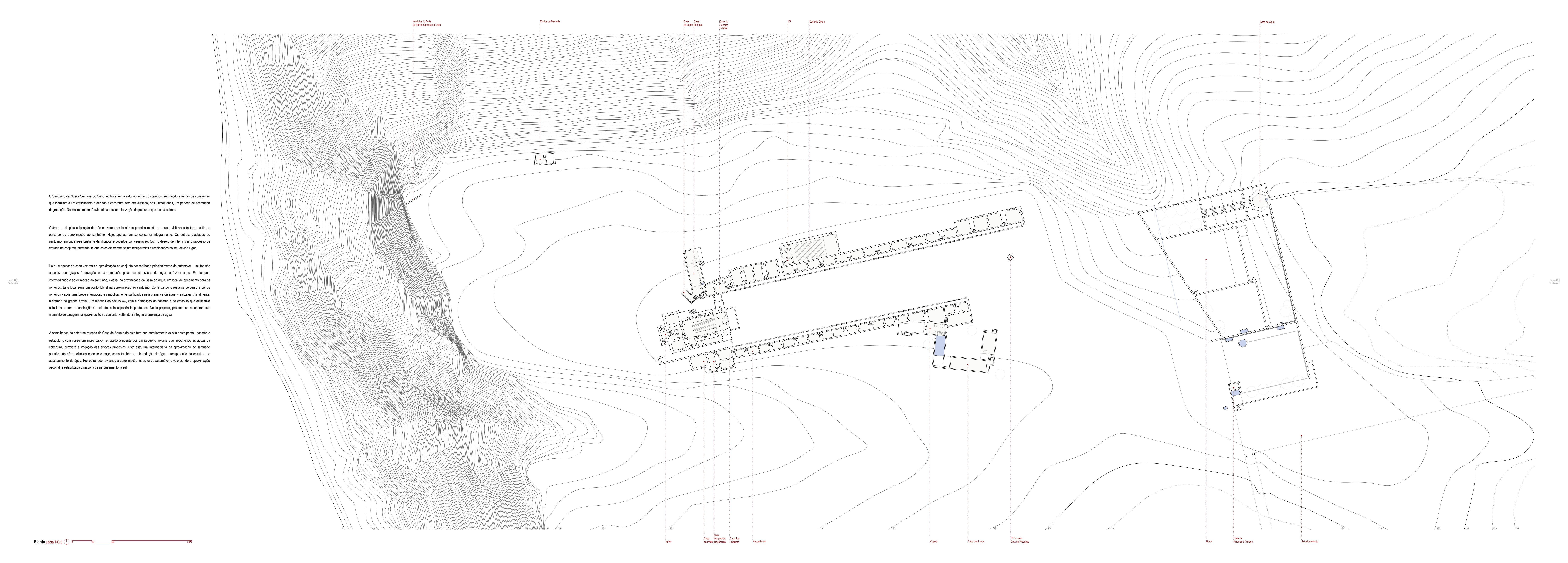


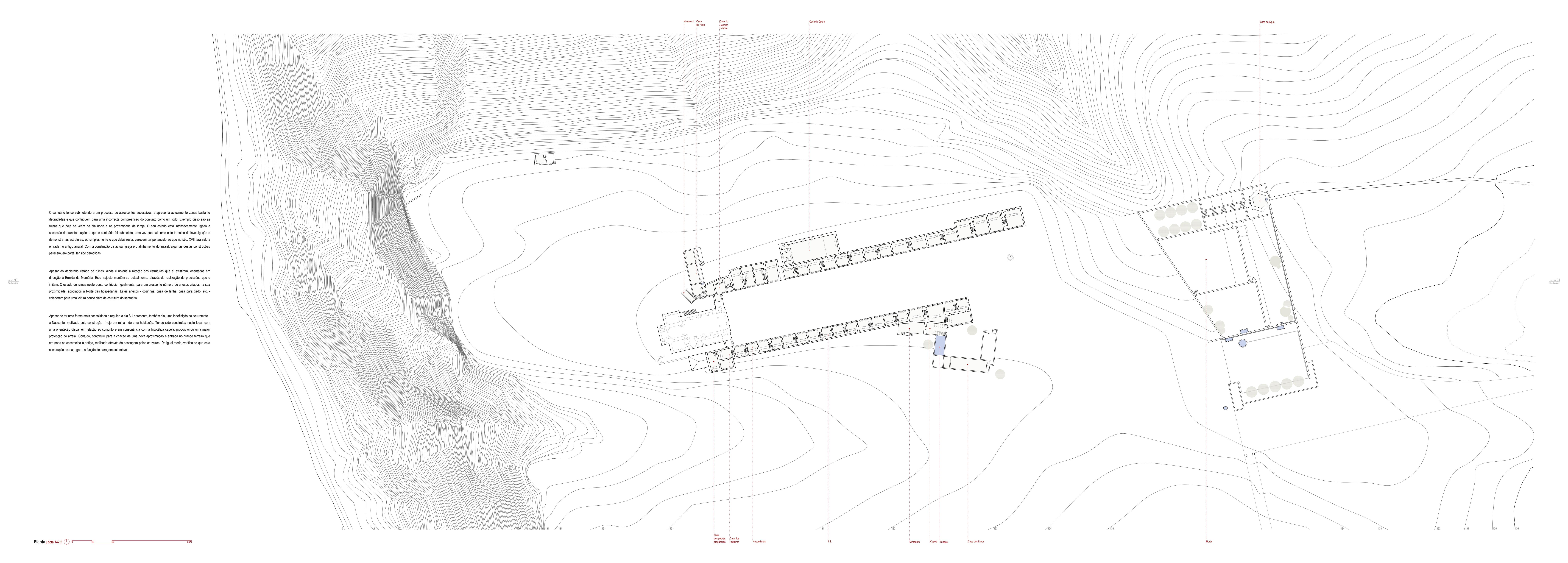
Existente - Sistema hidrográfico

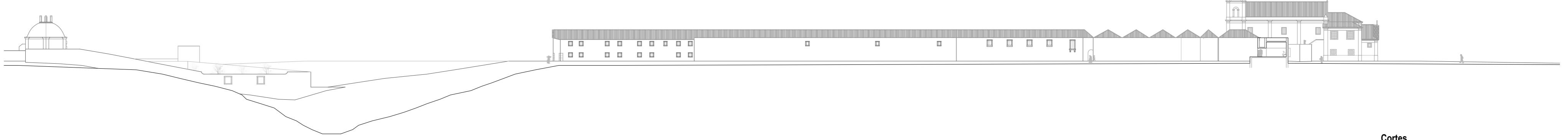
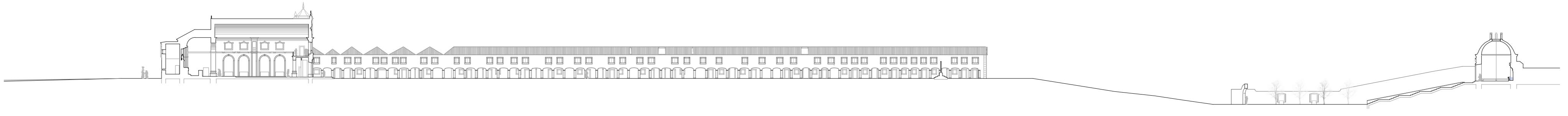
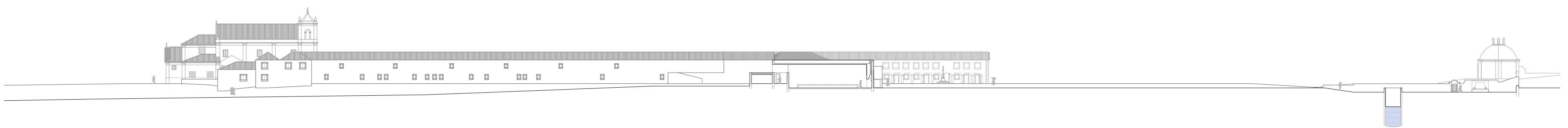
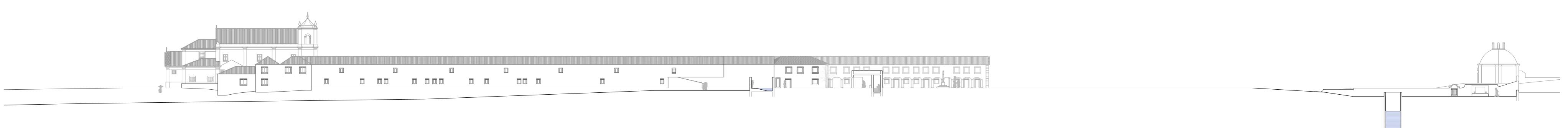
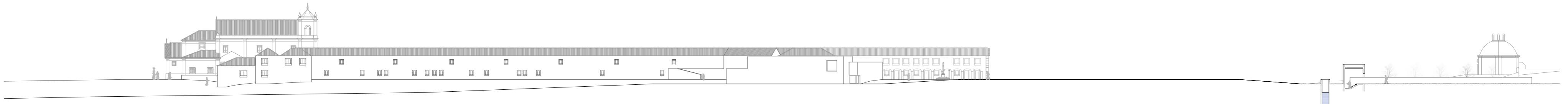
Ribeiro
Linha de água principal
Linha de água secundária





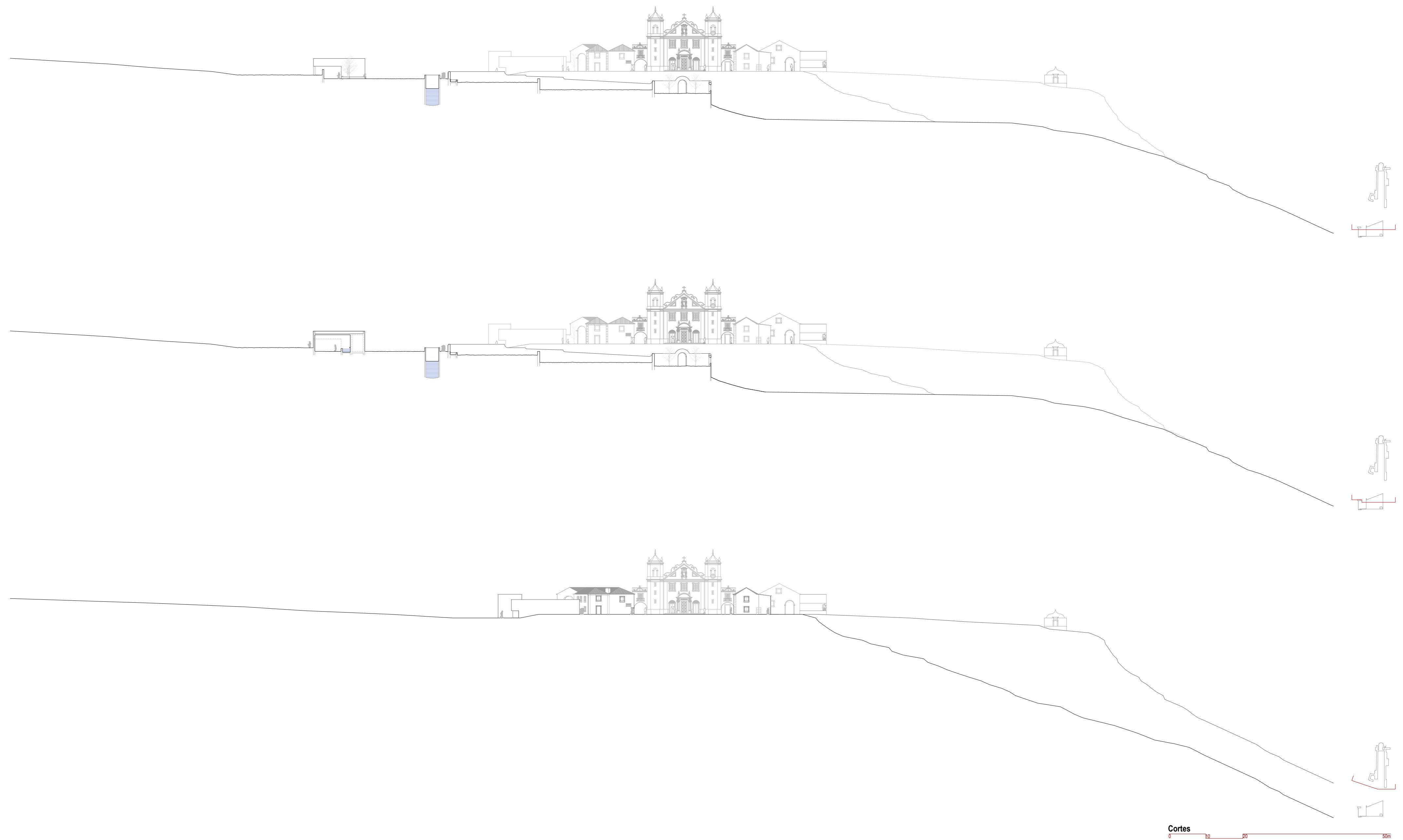


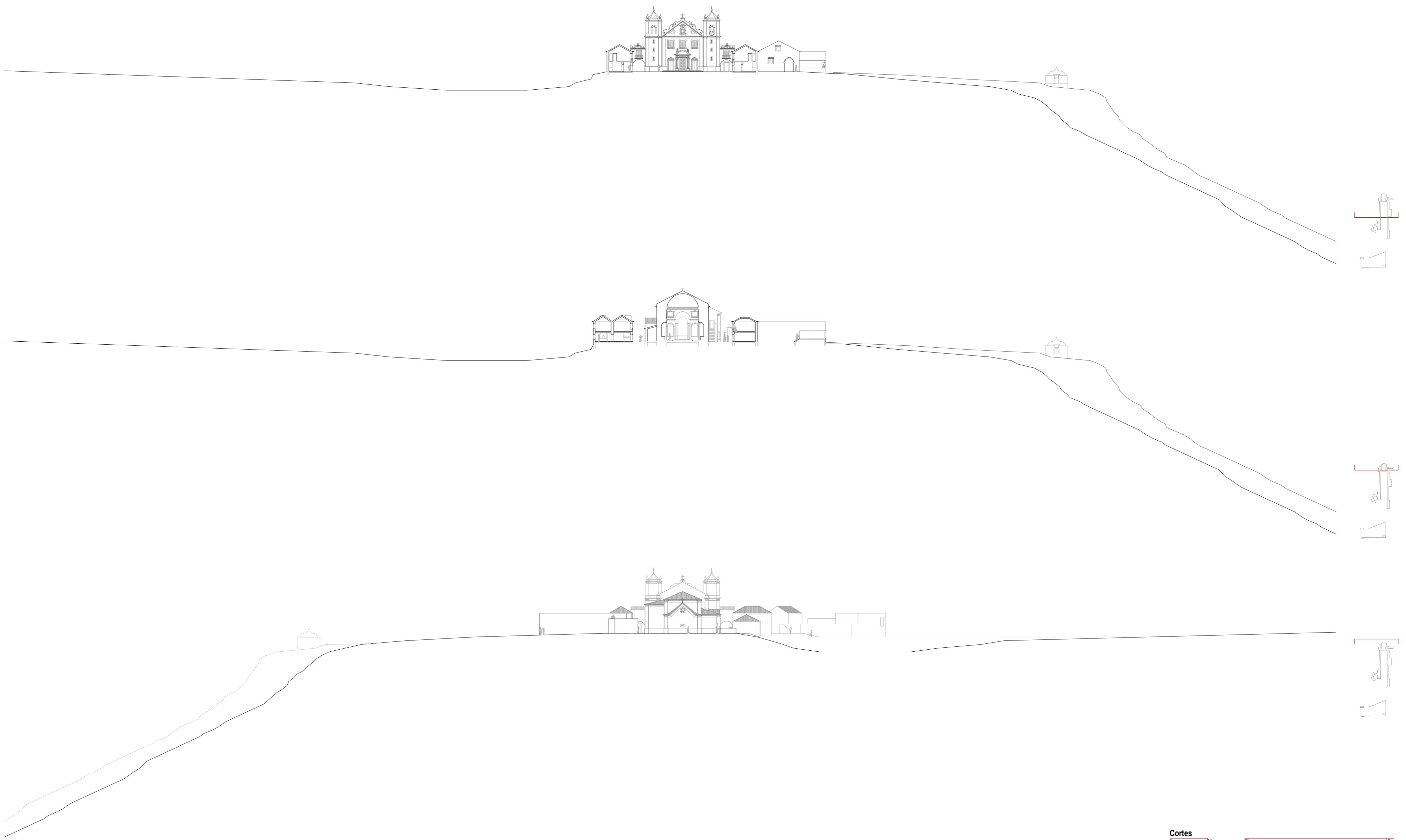


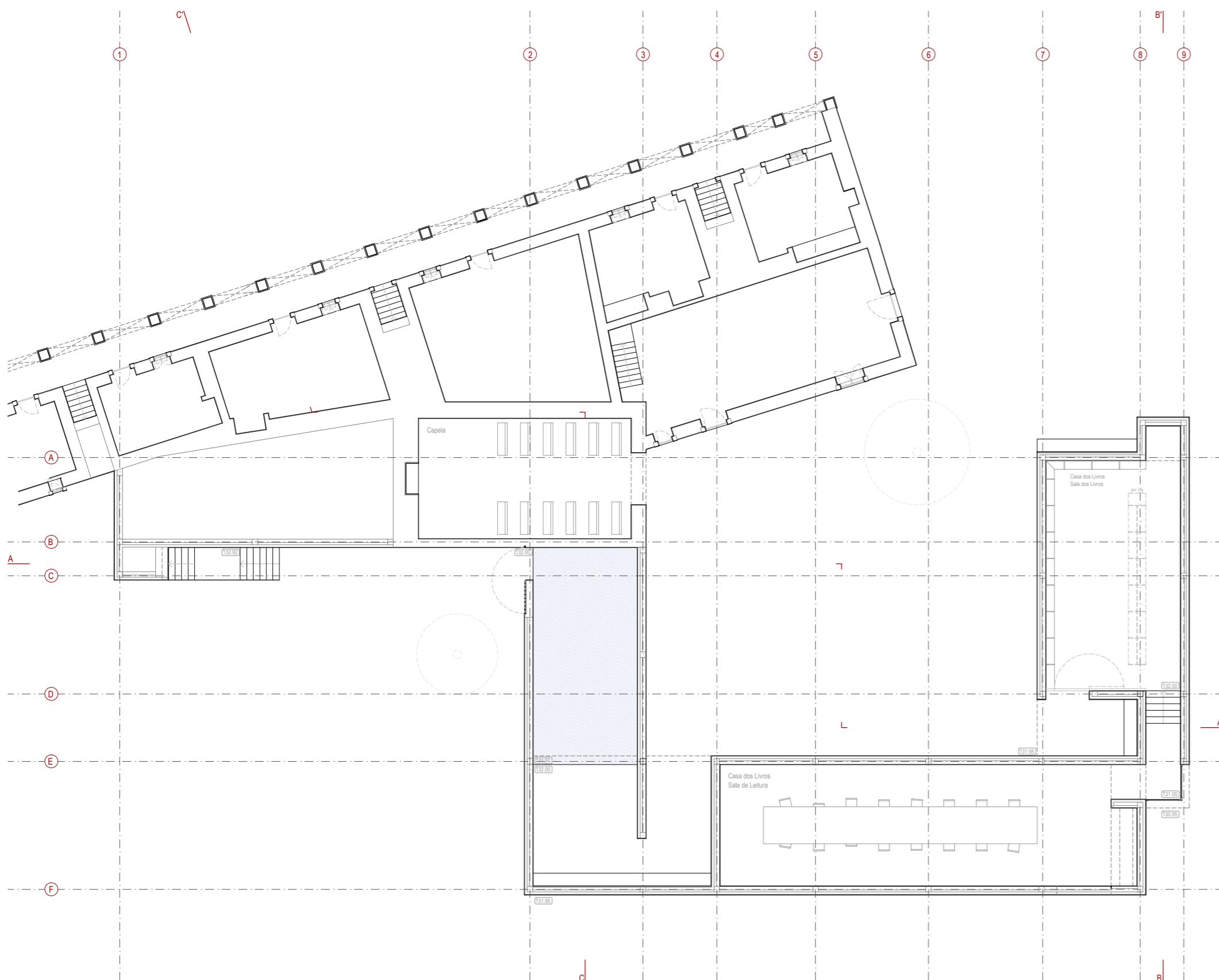


Cortes

0 10 20 50m







Dada a necessidade de corrigir esta situação, há que demolir a ruina aí existente, bem como construir uma nova estrutura que não só defina claramente a entrada do arraial, como também contribua para uma beneficiação da área que envolve a hipotética capela, restituindo-lhe a sua função original. Para tal, e aceitando a rotação que o santuário apresenta relativamente a esta pequena capela, criou-se um adro. Este espaço, delimitado pela estrutura do santuário já existente e pela nova construção - Casa dos Livros -, constitui um ponto de transição em relação ao vasto promontório. Aqui, a passagem é assegurada pela presença de um tanque que, embora contenha água, é passível de ser transposto, por conter, em parte, uma fina camada de água. A paisagem revela-se após a sua passagem, ao que se segue a um pequeno miradouro.

A Casa dos Livros permite acrescentar ao santuário um novo programa que intensifica o seu carácter lúdico - à semelhança do que acontece na ala Norte, com a Casa da Ópera - e reforça o sentido comunitário do conjunto.

A Casa dos Livros divide-se em dois espaços de dimensões e cotas distintas, interligados entre si. O acesso ao seu interior, conduzido pela colocação de uma árvore, é feito através do novo adro, passando por um espaço coberto que contém um banco protegido do sol fustigante. O primeiro espaço considerou-se ser a sala dos livros. É neste espaço que os livros se encontram conservados, prontos a serem lidos pelos curiosos. Descendo umas escadas que revelam o exterior por um vão rasgado, é feita a entrada na sala de leitura. Esta sala, iluminada por vãos que não permitem o contacto com o exterior, apenas se encontra ocupada por uma grande mesa de leitura, algumas cadeiras e uma lareira.

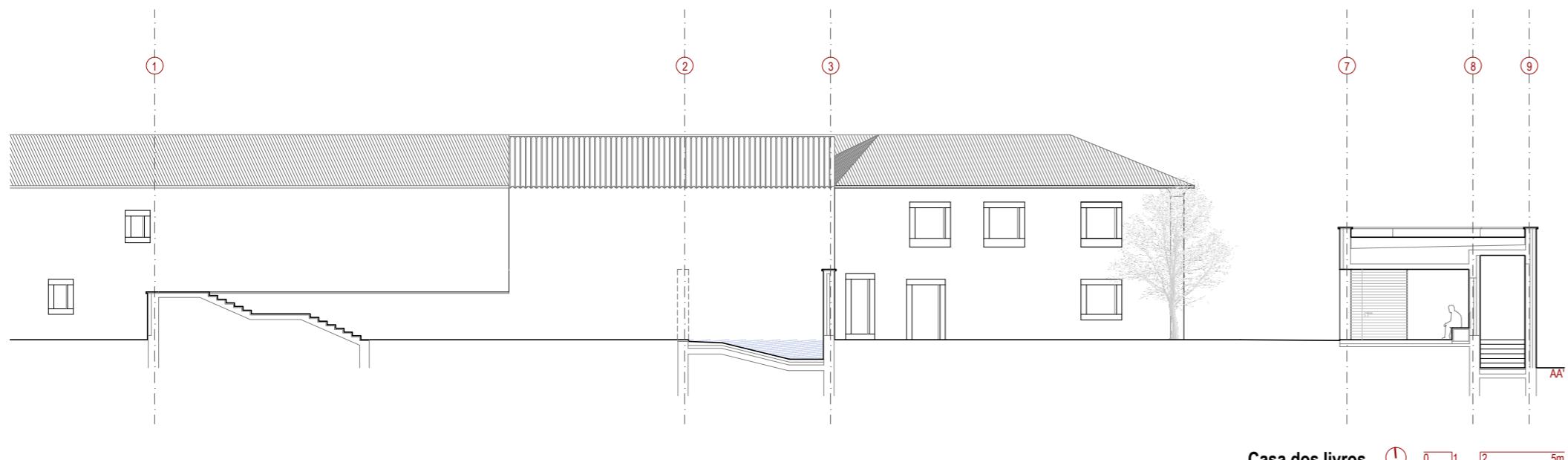




Fig. 53 Fotomontagem - Casa dos Livros e estrutura existente.



Fig. 54 Fotomontagem - Casa dos Livros (sala dos livros).

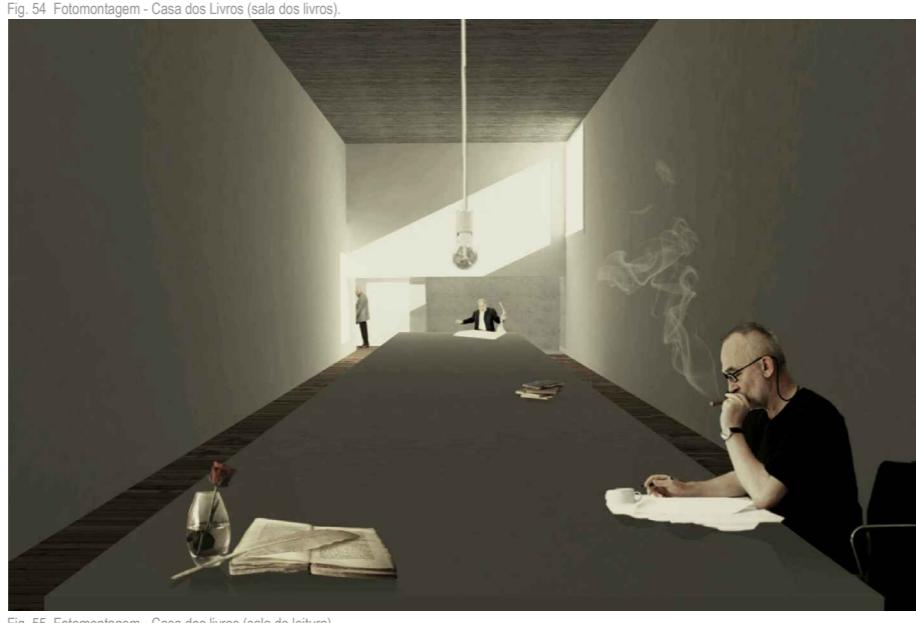
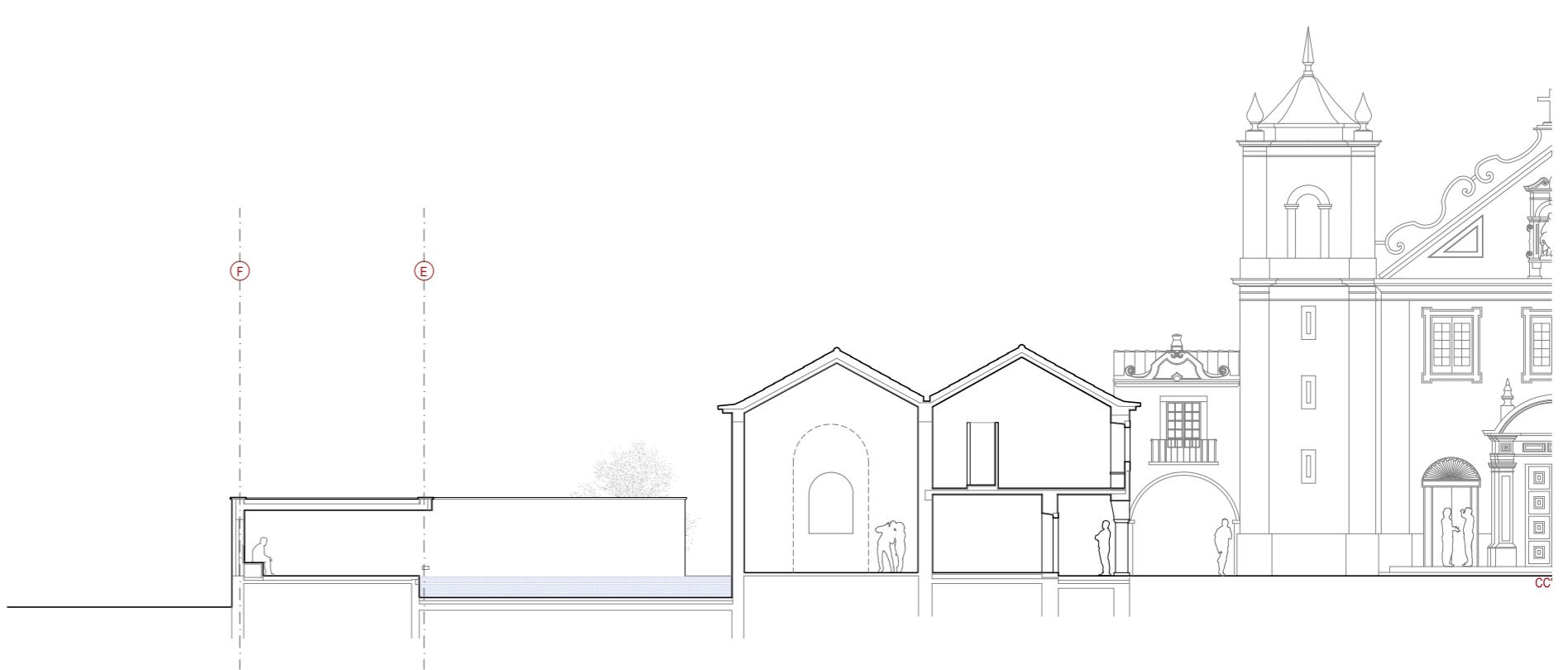
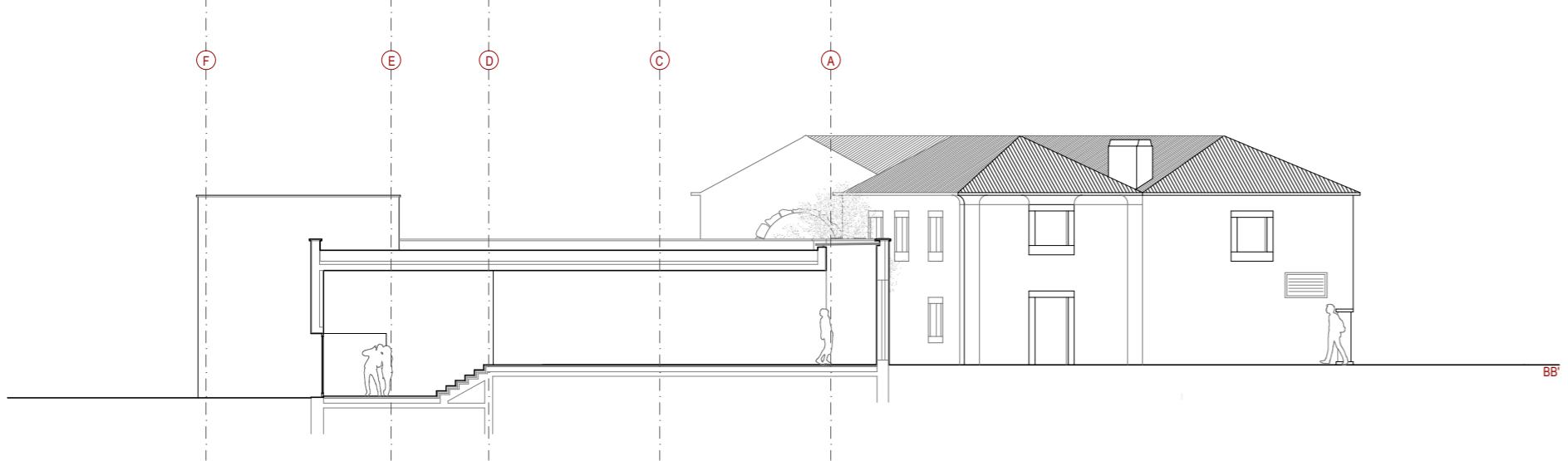
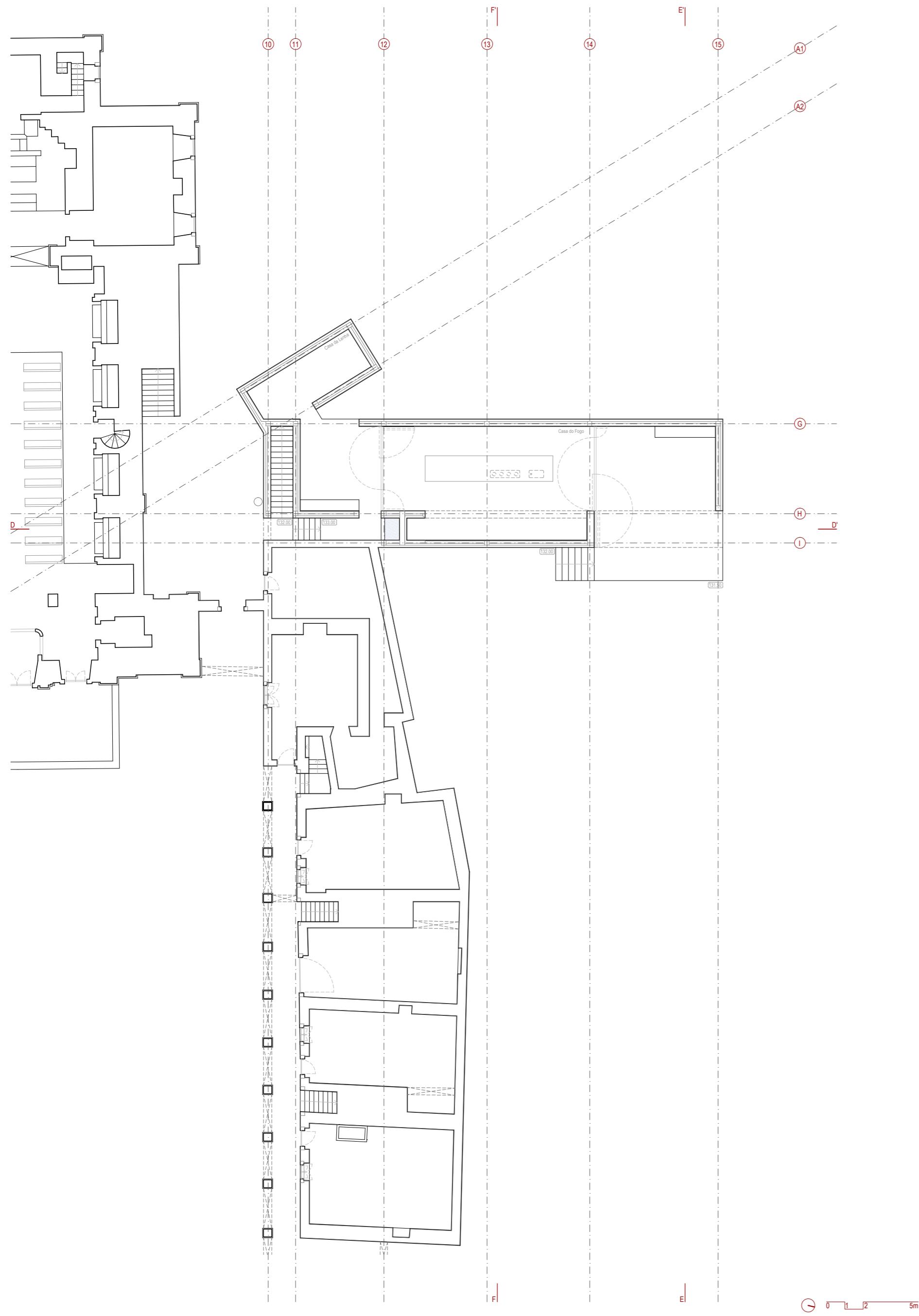


Fig. 55 Fotomontagem - Casa dos livros (sala de leitura).



Fig. 56 Fotomontagem - Tâque.





No topo Poente da ala Norte das hospedarias, são demolidas todas as ruínas e anexos, e é construído um novo volume.

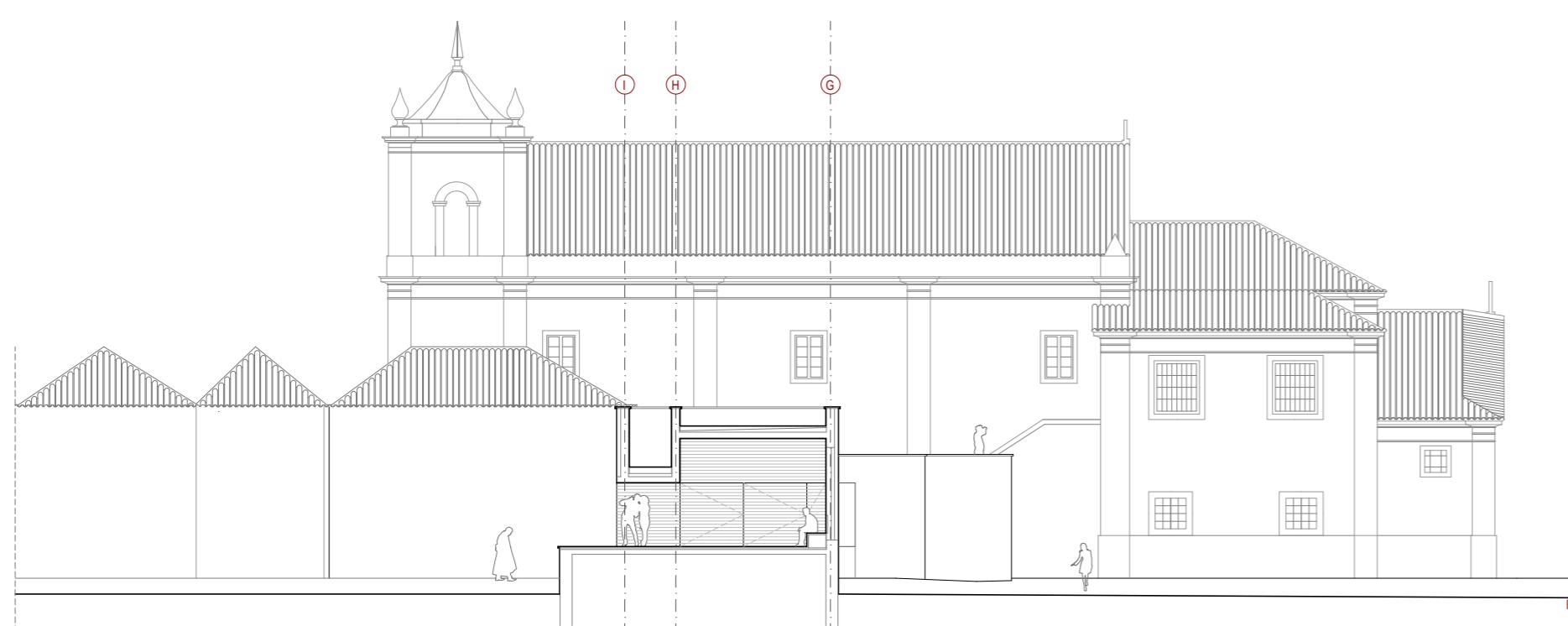
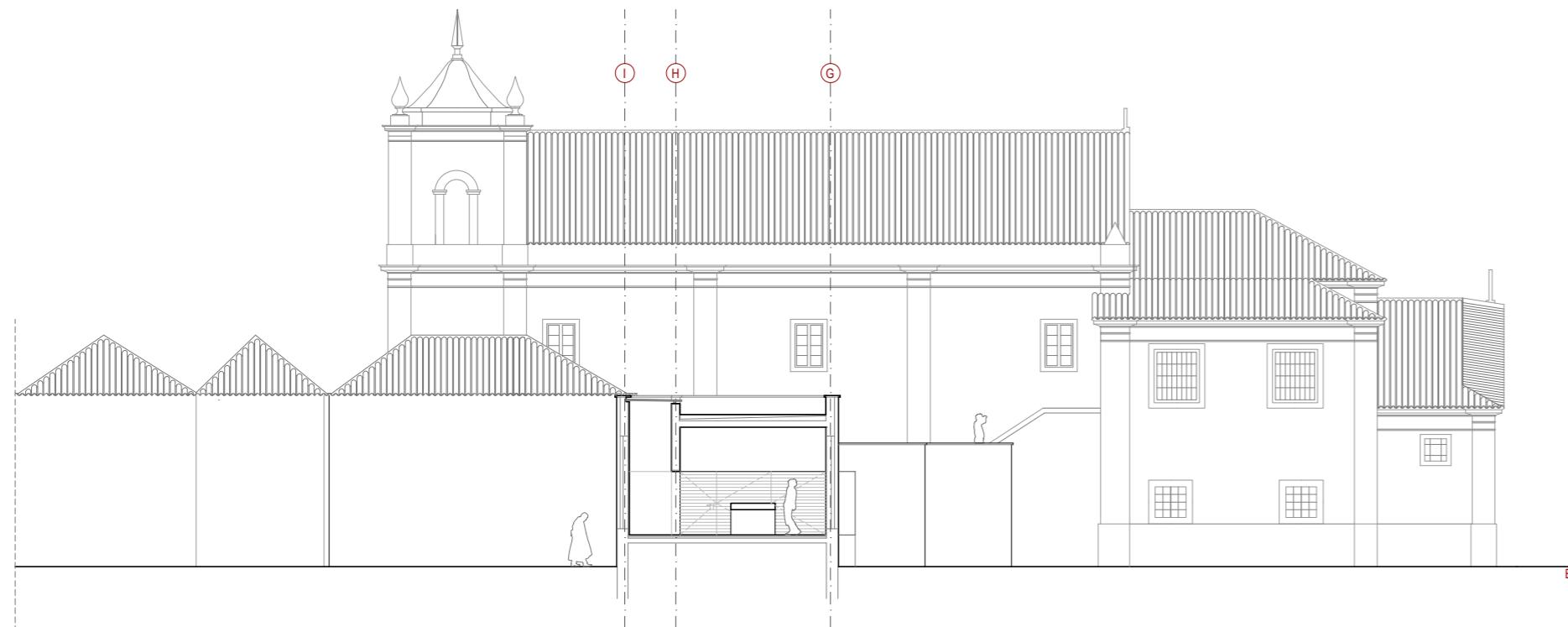
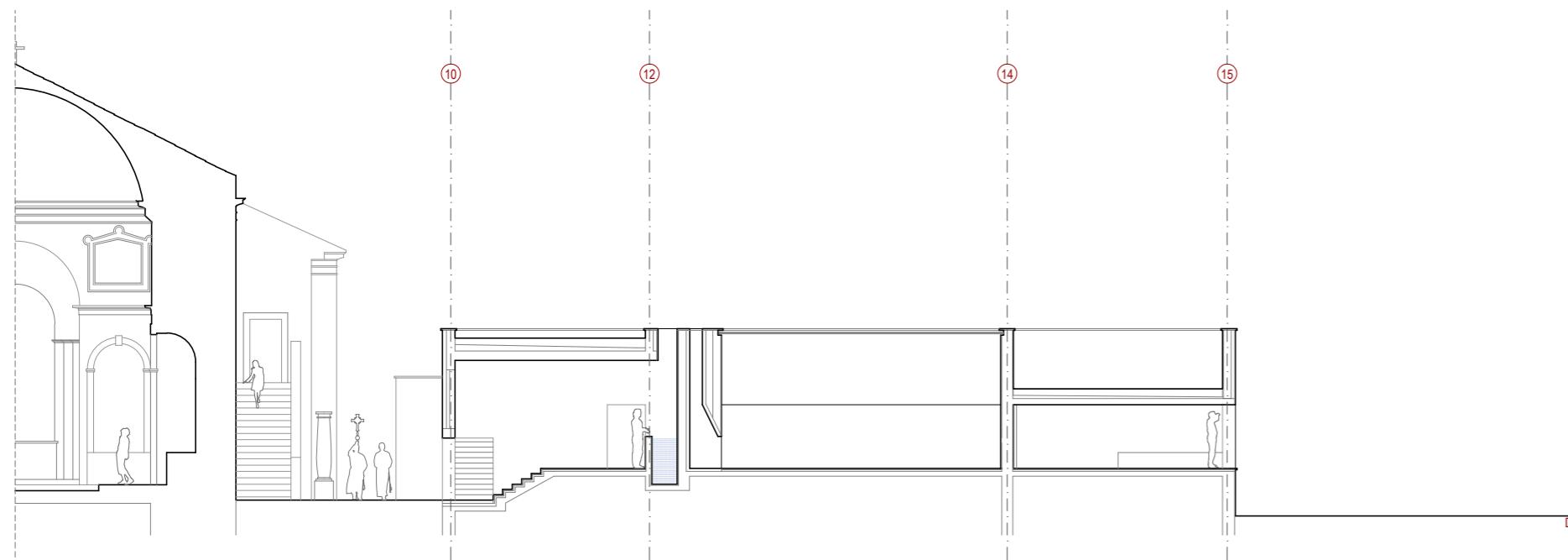
Com a construção deste novo volume - perpendicular à ordem evolutiva do corpo de hospedarias - pretende-se reconfigurar a passagem do interior abrigado do arraial para o desabrigado promontório e, do mesmo modo, redesenhar o movimento natural de encaminhamento em direcção à Ermida da Memória.

Este novo volume adoça-se à Casa do Capelão Eremita - responsável pelo Santuário - e, no seu encosto, é desenhada a sua entrada. Após a subida por uma pequena escada surge, iluminado por uma luz zenital - de onde cai água quando chove - um tanque. Nele se lavam as mãos. Entramos para um pequeno pátio que, por sua vez, serve o espaço da cozinha comunitária. Aqui, todos poderão cozinhar, à semelhança de outros tempos - quer os ingredientes trazidos para o local, quer os cultivados nos terrenos da horta que ladeia a Casa da Água, que também se pretende recuperada.

Este novo corpo permite o acesso directo ao promontório por uma zona coberta, no seu topo Norte, e, de certo modo, indica o acesso à Casa da Ópera e consequentemente o acesso ao interior do arraial pelo túnel. Já a passagem entre a nova construção e a igreja pretende-se intensificadora no que diz respeito à revelação do promontório. Neste sítio é proposto um pequeno miradouro, ao qual se accede por uma escada que, pela sua rotação em relação à estrutura, indica a direcção da ermida, tal como o fazia a construção de outrora.



Fig. 57 Fotomontagem - Casa do Fogo e estrutura existente.



0 1 2 5m



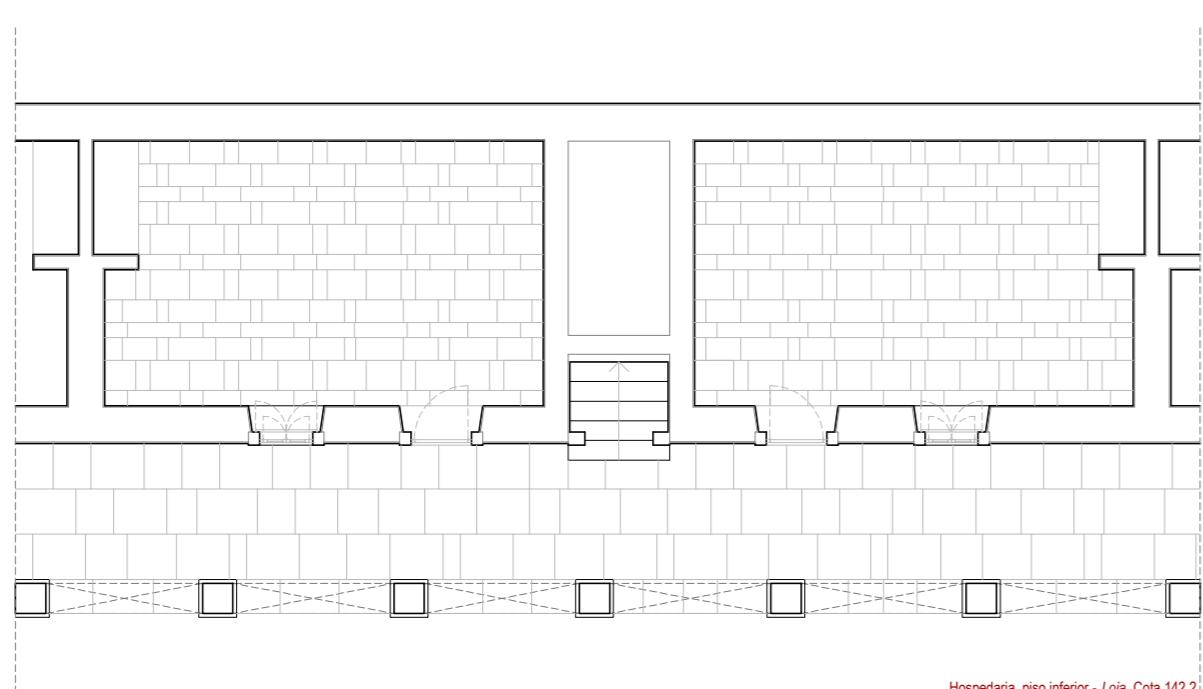
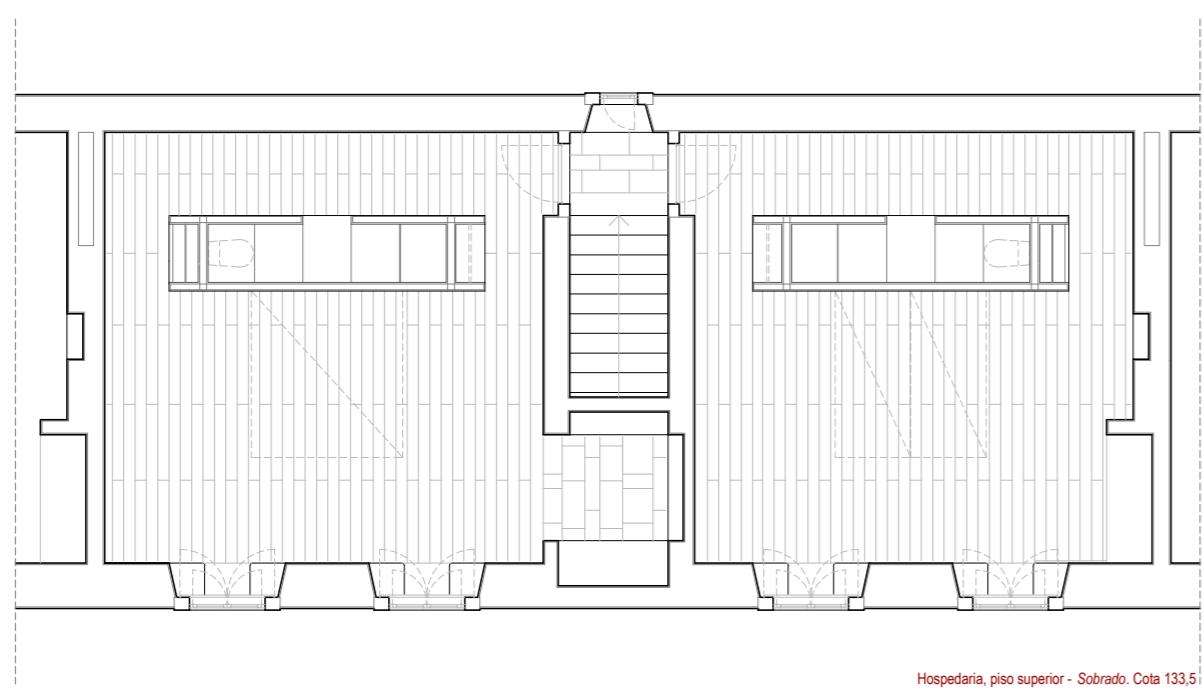
Fig. 58 Fotomontagem - Passagem para o promontório.



Fig. 59 Fotomontagem - Casa do Fogo (miradouro).



Fig. 60 Fotomontagem - Acesso Casa do Fogo.

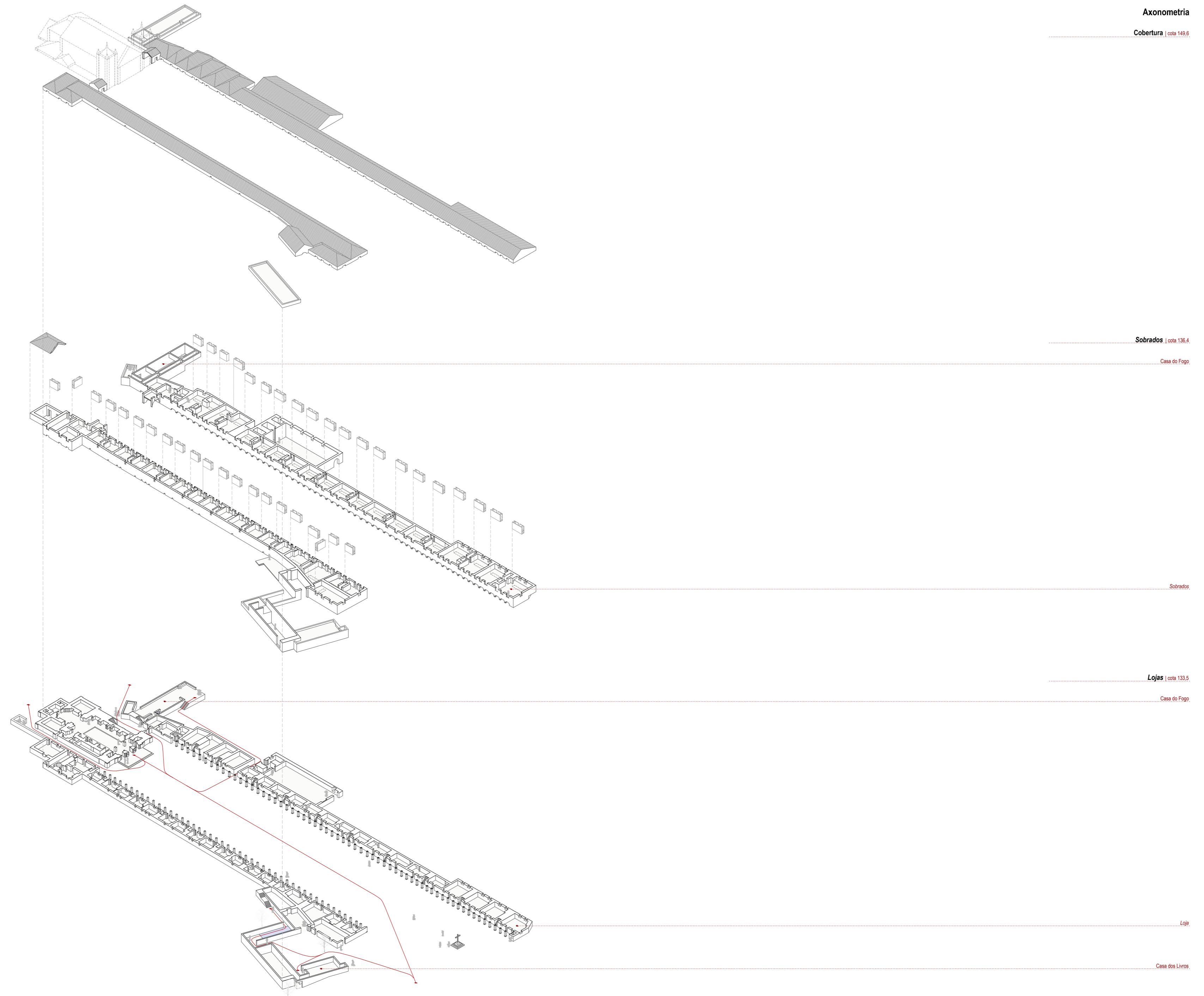


0 1 2 5m

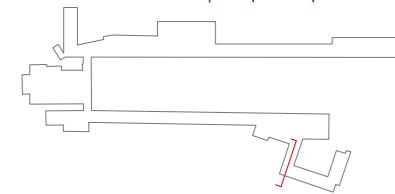
Ao longo do séc. XX, estando o Santuário ocupado, foram-lhe sendo acoplados diversos anexos, utilizados como instalações sanitárias. Estas estruturas, ainda hoje visíveis na ala sul, deverão agora ser demolidas. E, considerando que a cada hospedaria, em conformidade com as habitações de arquitectura popular da região saloia, corresponde uma *loja* - espaço de estar - e um *sobrado* - espaço de dormir -, passa agora a corresponder um módulo de instalação sanitária, no seu interior.

Com a criação deste módulo pretende-se acomodar todas as infra-estruturas necessárias - sistema de abastecimento de água, saneamento e electricidade. Este módulo - construído em alvenaria, caiado pelo exterior e revestido em pedra lioz no seu interior - permite responder às actuais necessidades de higiene, sem que se recorra a uma subdivisão dos espaços - situação que se verifica actualmente como consequência da ocupação ilegal.

En sequência do estudo que permitiu uma compreensão objectiva do programa original deste conjunto, é proposto que muitos dos espaços originais sejam recuperados: Casa do Capelão Eremita (habitação do padre responsável pelo conjunto), Casa da Prata (espaço de reunião para a confraria), Casa dos Padres Pregadores (habitação oferecida aos padres e a outros representantes da igreja que se encaminham com o desejo de pernoitar neste local), Casa dos Festeiros (habitação para os romeiros que organizam as festividades a Nossa Senhora do Cabo), Casa da Ópera (espaço lúdico de representação e reunião), Hospedarias (habitações para os que se encaminham e desejam pernoitar no promontório), Casa da Água e toda a estrutura adjacente.



Corte construtivo | Tanque e capela



7.50
7.10

5.62
5.40

2.50
2.41
2.30
2.10
1.80
1.25
0.98
0.42
0.30
0.00
-0.25
-0.70
-1.00

0
0.5
1
5m

Telhão
Argamassa hidrofugada
Rimante de cumeeira canudo

Telha canudo "CS Telhas"
Subtelha
Ripa apoio subtelha
Tela impermeabilizante
Telha capa bica 65 canudo "CS Telhas"
Telha bica 65 "CS Telhas"
Beton
Alvenaria de pedra irregular
Cal séries como ligante natural
hidrofugado tipo Cal Aérea Hidrofuga
em Pasta D Fradique da Fradical,
acabamento em cal branca

Portão em ferro, perfis de 1cm

Pavimento em pedra Lioz
Terra compactada

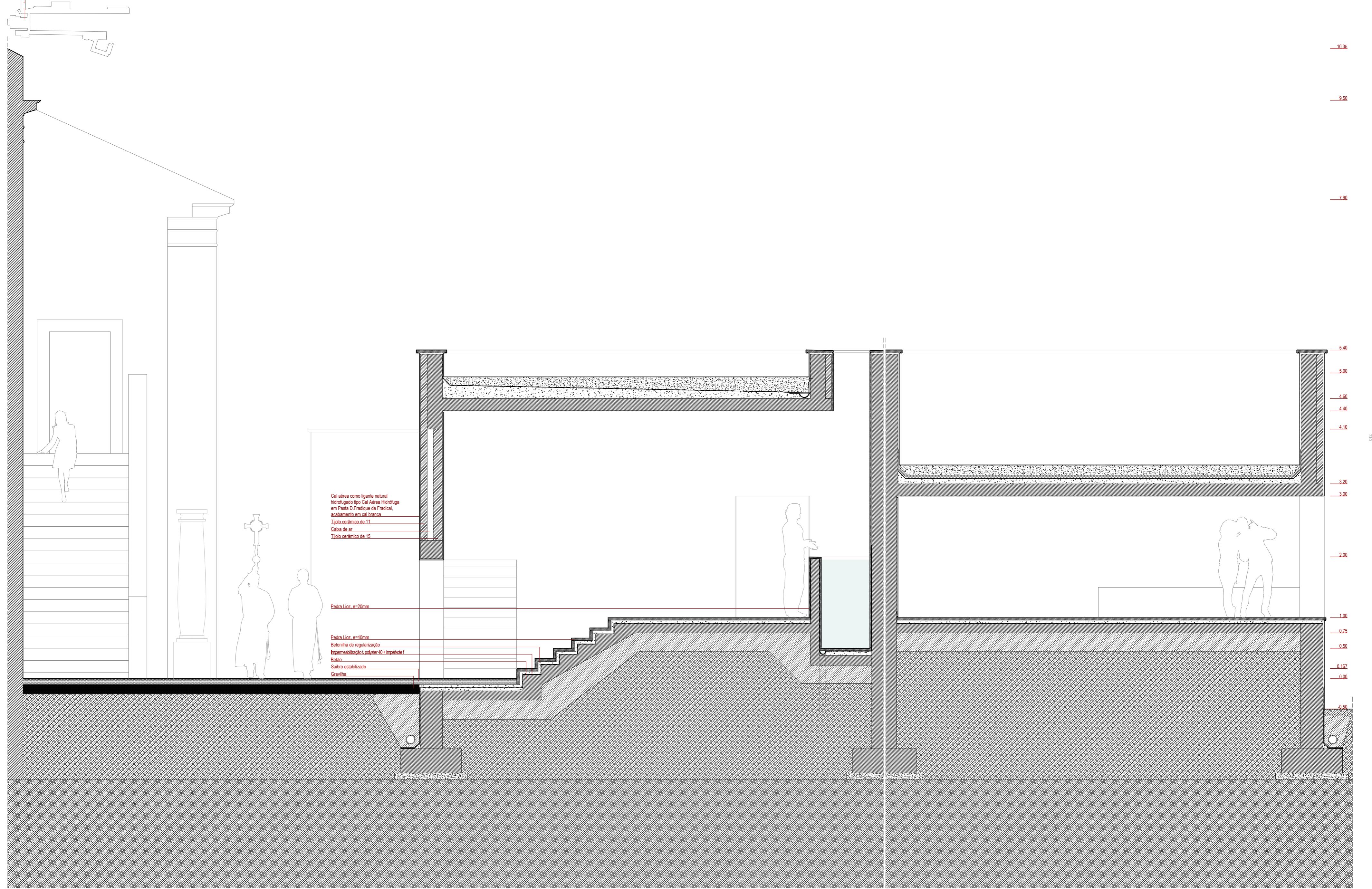
Alvenaria de tijolo cerâmico de 11
Perfil metálico
Betonilha de regularização c/ pendente 2%
Impermeabilização tipo polylas 30 + polyster 40 + pintura betuminosa tipo imperkote I.
Beton desactivado com inerte visível de Lioz.

Saída de água das coberturas
Perfil metálico
Compósito vegetal
Tela de impermeabilização
Betonilha de regularização

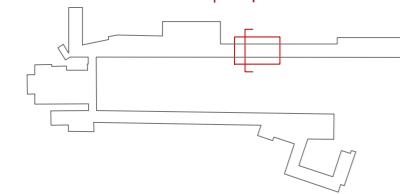
Capeamento em pedra Lioz e=5cm
Beton
Canal de ventilação
caixa de ar em tubo de pvc
Alvenaria em tijolo cerâmico de 15
Caixa de ar
Alvenaria em tijolo cerâmico de 11
Cal aérea como ligante natural
hidrofugado tipo Cal Aérea Hidrofuga
em Pasta D Fradique da Fradical,
acabamento em cal branca
Pedra Lioz e=5cm

Saião
Betonilha de regularização
Encravamento
Tela de Impermeabilização tipo polyster 40
Camada drenante tipo Aquadrain Geo
Geotext em Polipropileno Impersp 150
Encravamento
Tubo drenante tipo Impedreno
Beton de ligação

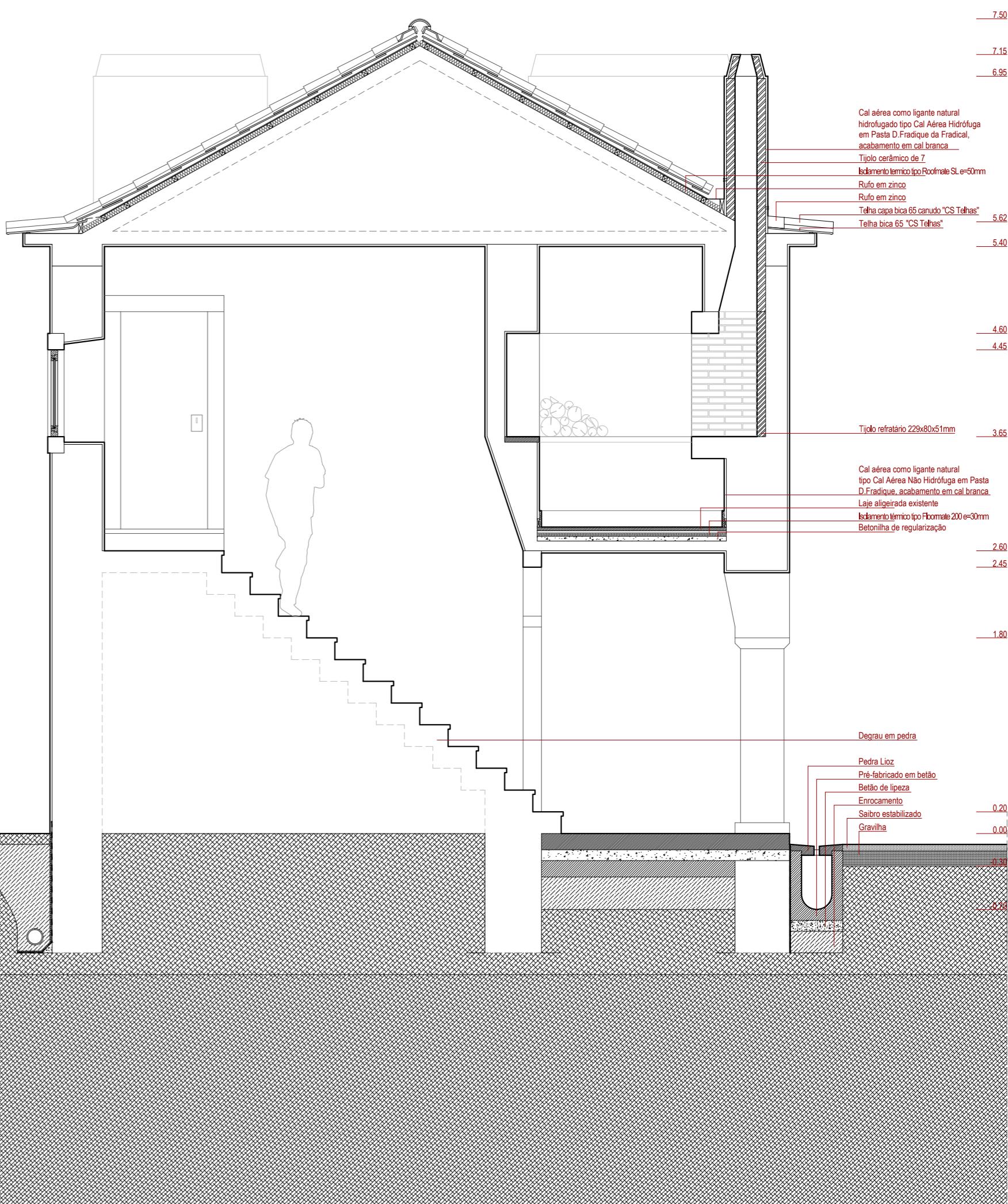
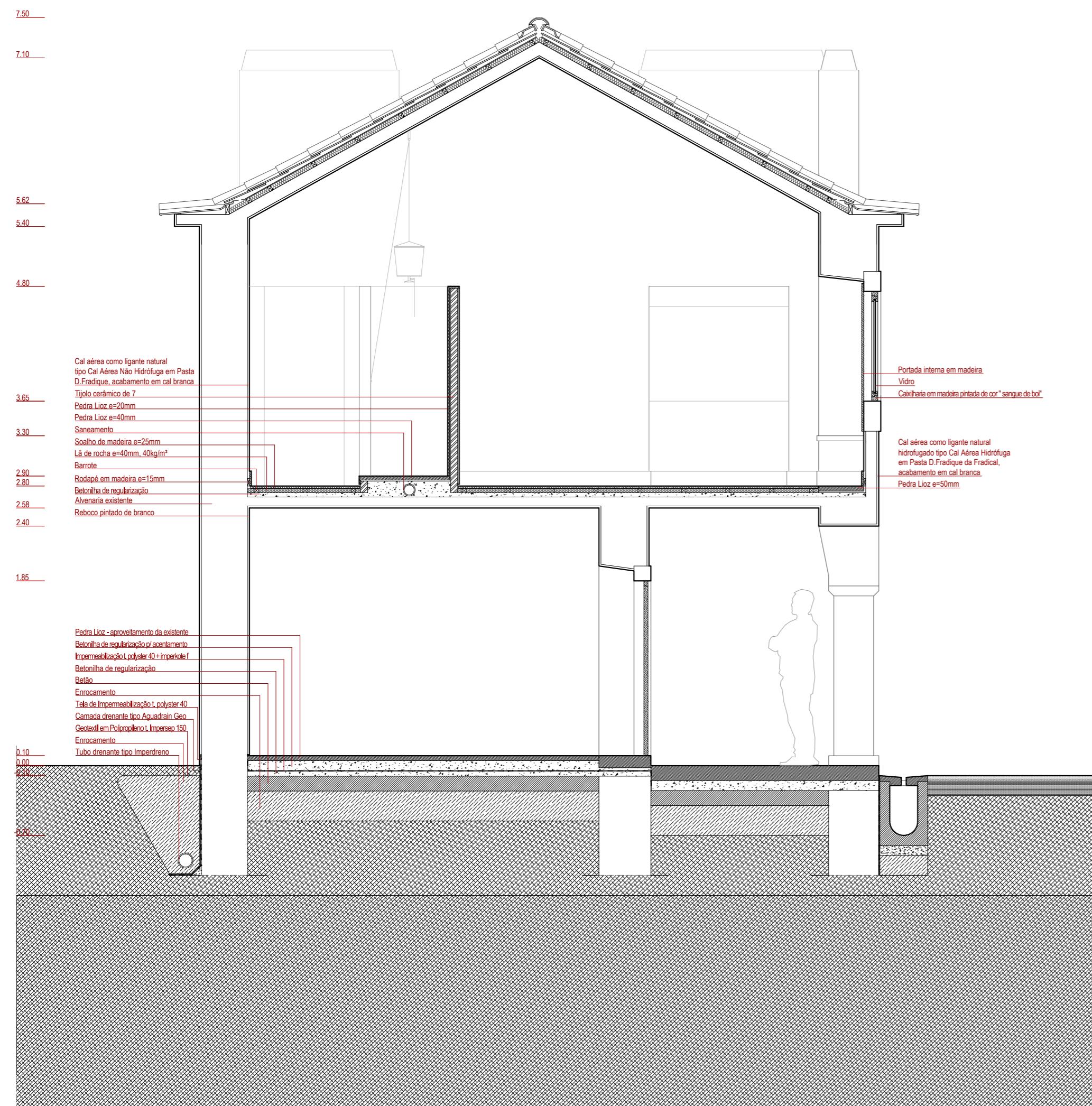
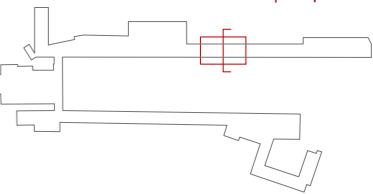
Corte construtivo | Casa do Fogo



Corte construtivo | Hospedaria



Corte construtivo | Hospedaria



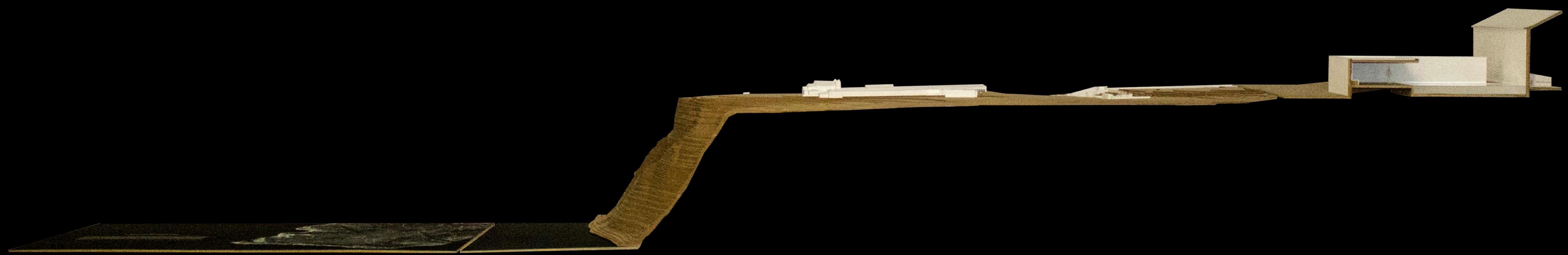


Fig. 61. Maquetes (ortofotomap, maquete 1:200 e maquete 1:20).



Fig. 62. Maquetes (ortofotomap, maquete 1:200 e maquete 1:20).

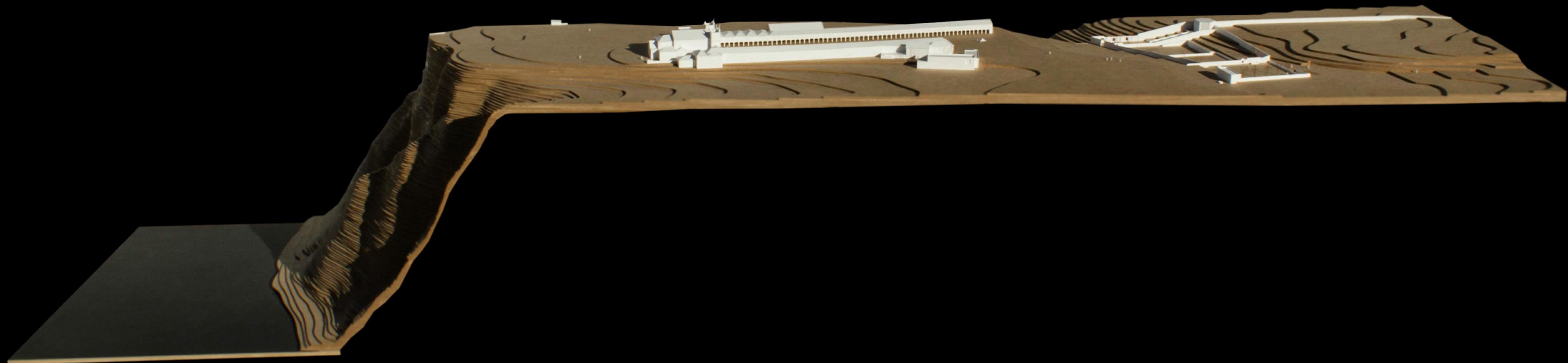
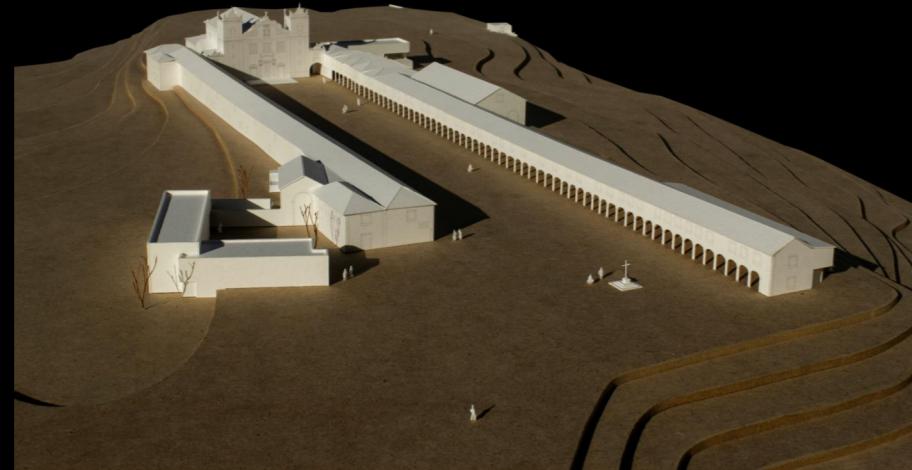
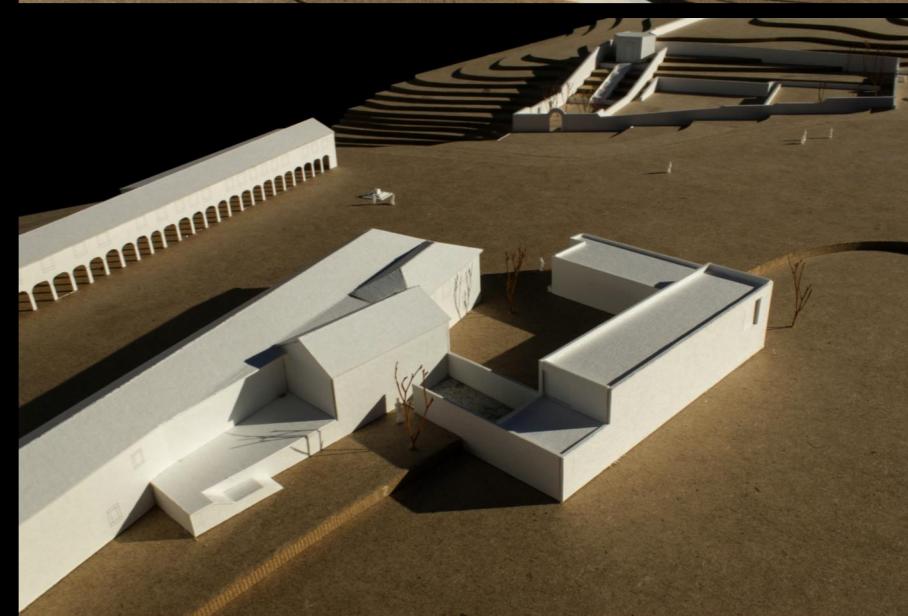
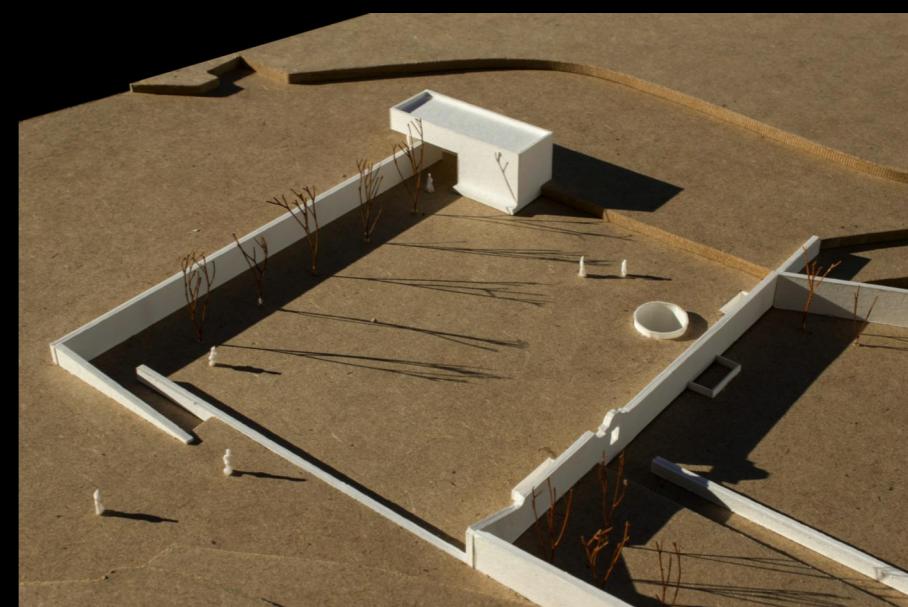


Fig. 63. Maqueta 1/200.



Figuras 64, 65 e 66 Maquete 1/200.



Figuras 67, 68 e 69 Maquete 1/200.



Fig. 70 Maqueta 1:20.

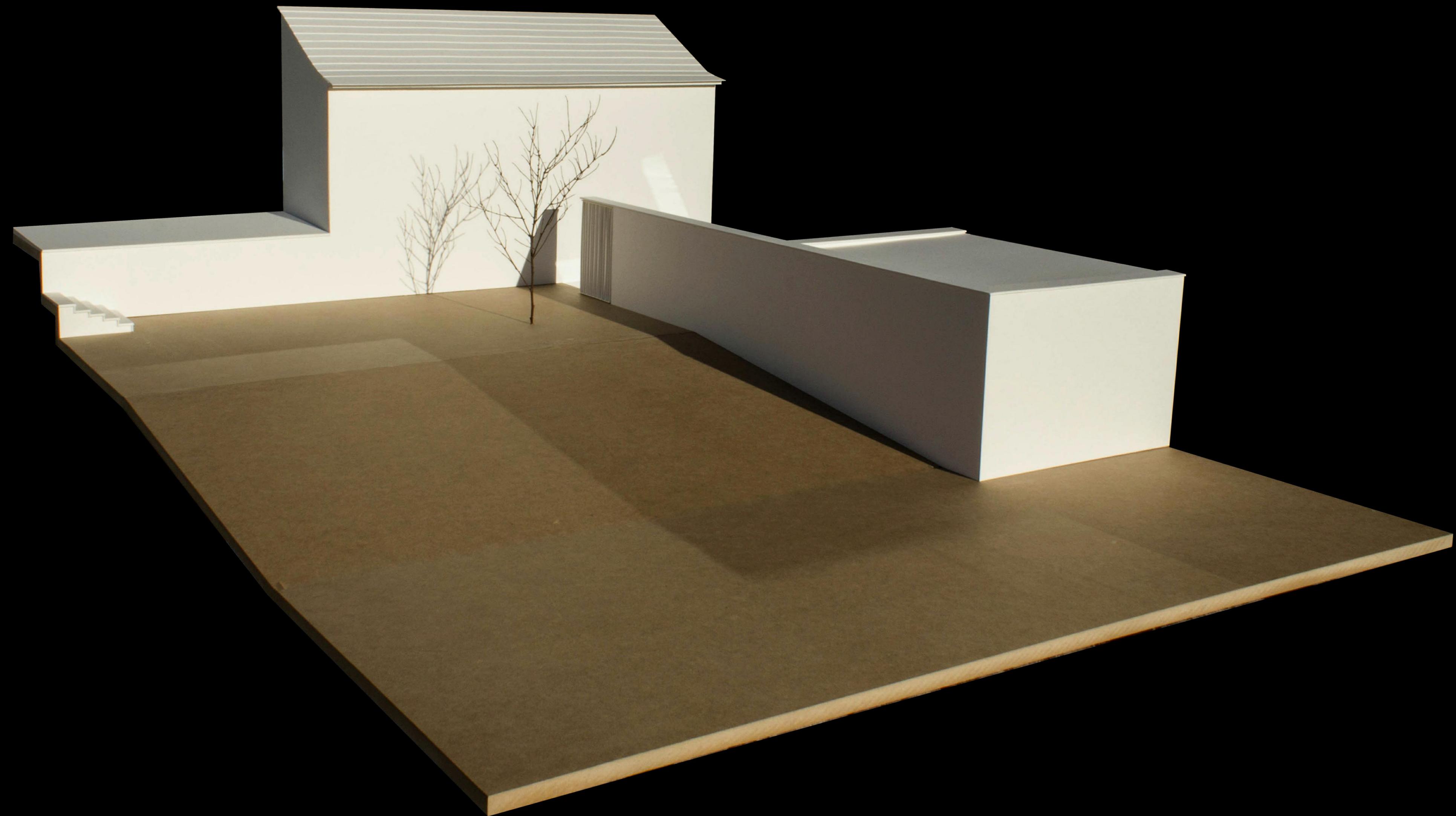
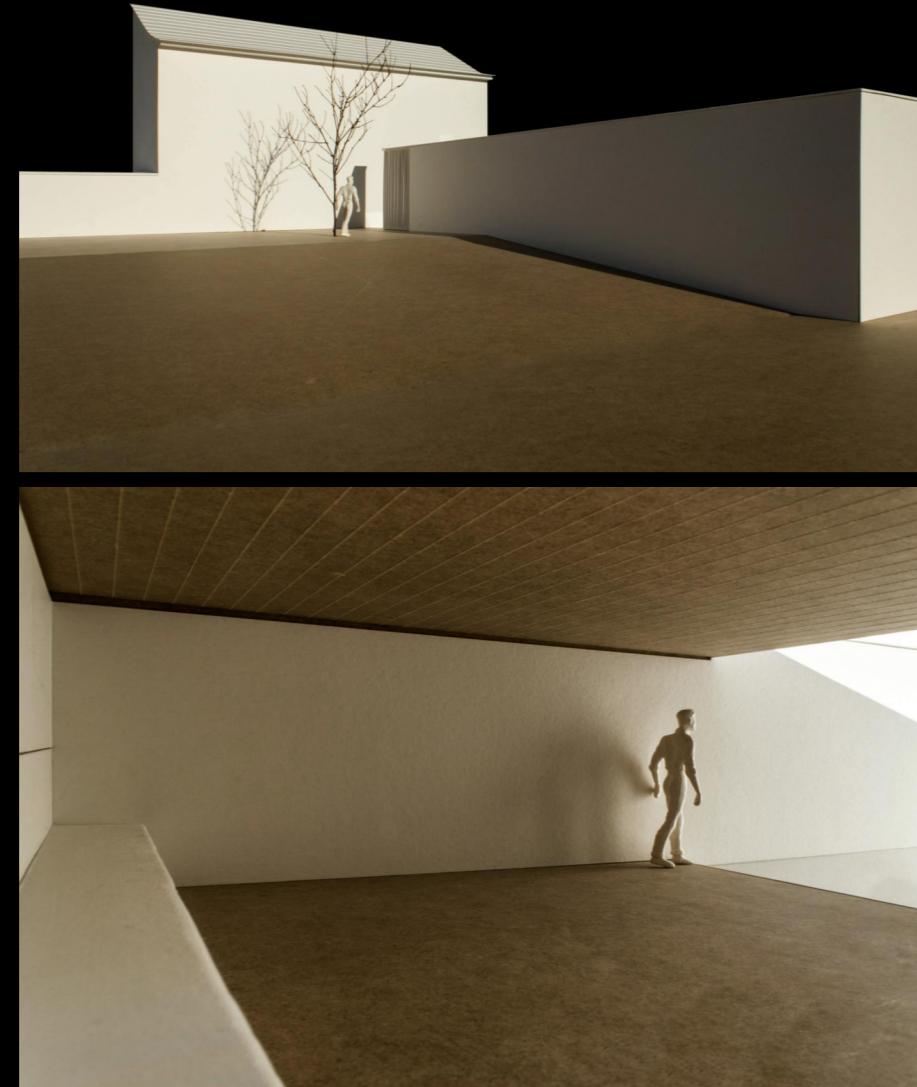


Fig. 71 Maqueta 1:20.



BIBLIOGRAFIA

Monografias

- ARSÉNIO, José - *Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 2008.
- AVIENO, Rúlio Festo - *Orla Marítima*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Agosto de 1985.
- CÁCEGAS, Frei Luís de - *Da história de S. Domingo: particular do reino e conquistas de Portugal por Luiz Cacegas da mesma ordem e província...* 3^ª ed. Lisboa: Typ. Panorama, 1866.
- COSTA, Diogo Francisco da Piedade e - *A luz de Portugal: História de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: 1899.
- COX, Thomas; COX, Macro - *Relação do Reino de Portugal 1701*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.
- FONTES, Joaquim - *Aspectos populares do culto de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: 1955.
- GULBENKIAN, Fundação Calouste - *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*. Lisboa: 1964.
- GOMES, Padre Agostinho - *Santuário Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra; 2009.
- GRANDA, Manuel J. - *Círio de Nossa Senhora do Cabo Espichel - Aspectos mítico-simbólicos*. São Martinho: Comissão das Festas de Nossa Senhora do Cabo Espichel, 2004.
- GUIMARÃES, J. Ribeiro - *Summario de varia historia*. Vol. 1. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872.
- HOLLIS, Edward - *La vida secreta de los edificios - Del Partenón a Las Vegas en trece historias*. 1^ª ed. Ediciones Siruela, 2012.
- JORGE, Virgolino Ferreira - *Cultura e Património*. 1^ª ed. Lisboa: Edições Colibri / C. M. de Portel, 2005.
- LEAL, Pinho - *Portugal Antigo e Moderno*. Vol.9. Lisboa: Livr. Ed. de Mattos Moreira, 1873-1890.
- MADEIRA, José; ARSÉNIO, José - *Imagens de fé - Gentes do Concelho de Sesimbra*. Sesimbra: José Arsenio, 2005.
- MARQUES, Luís - *O Paraíso no «fim do mundo» - O culto de Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Sextante, 2007.
- MARTINS, Maria Fernanda Catarino - *Roteiro monográfico dos círios a Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: 2007.
- MUSEU NACIONAL DOS COCHES - *Museu Nacional dos Coches: Berlinda Processional*. Lisboa: Santa Maria de Belém
- NUNES, Abreu - *Romaria a Nossa Senhora do Cabo*. Lisboa: Ed. Junta de Turismo de Cascais, 1952.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 5^ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003.
- ORLANDO, Ribeiro - *A Arrábida - Espaço Geográfico*. [S.I.] Fundação Oriente e Câmara Municipal de Sesimbra, 2004.
- ORDEM DOS ARQUITECTOS - *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.
- PATO, Heitor Baptista - *Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim*. Lisboa: Argusnauta, 2008.
- PORTOCARRERO, Gustavo - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna: uma visão social*. Lisboa: Colibri, 2003.
- PROENÇA, António - *Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra
- RUDOFSKY, Bernard - *Architecture without architects*. New York: Museum of Modern Art, 1964.
- SANTOS, Ana Isabel Palma - *O Giro de Nossa Senhora do Cabo e as Berlindas Processionais*. Lisboa: Instituto de Museus e Conservação, 2007.
- SERRÃO, Eduardo da Cunha; SERRÃO, Vitor - *Sesimbra Monumental e Artística*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 1997.
- S.TA ANNA, Frei Joseph Pereira de - *Chrónica dos Carmelitas da antigua, e regular observância nestas reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Lisboa: Of. Herdeiros de António Pedrozo Galram, 1745 e 1751.
- VASCONCELOS, António de - *Anacephalaeoses id est, summa capita actorum Regum Lusitaniae*. Antuerpiae: apud Petrum & Ioannem Belleros, 1621.

Periódicos

- JUNQUEIRA 220 - «Igreja do Cabo Espichel: recuperação de um interior», in *Monumentos*. N.º16. Lisboa: Março de 2002.
- Occidente - *Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro* ; 3^º Anno, Vol.3, N.º58 e 59. Lisboa: 1880.
- MARTIN, John H. - «The Sanctuary of our Lady of the Cape», in *Portuguese studies review*. Vol. 3, N.º 1. New Hampshire: International Conference Group on Portugal, 1993.
- FREITAS, António - *Arquitectura, «O conjunto da Senhora do Cabo no Espichel»*. n.º 70; Lisboa: Março 1961.

Manuscritos

- [SANTOS, Francisco Ildefonso dos] - *Memorias sobre a antiguidade das Romarias...* Manuscrito PBA. 98, constante do Inventário [da] secção XIII: Manuscritos: Coleção Pombalina. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1889.

Sítios da Internet

- PATO, Heitor Baptista - *O Culto dos Promontórios em Portugal*. Celtiberia.net, 2007, disponível em: <<http://celtiberia.net/articulo.asp?id=293>>. Acesso em 28 de Dezembro de 2012.
- PEDROSA, Fernando Gomes - *A origem dos topónimos "Espichel" e "Sesimbra"*. Nautical-archaeology.com; Projecto Tratados, Nomenclaturas Náuticas e Construções Navais Europeias -Centro de Investigação e Desenvolvimento do Mar da UAL. 2011. Disponível em <<http://nautical-archaeology.com>>, acesso em 28 de Dezembro de 2012.
- D. Filipa de Lencastre. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2013, disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$d-filipa-de-lencastre](http://www.infopedia.pt/$d-filipa-de-lencastre)>. Acesso em 21 de Janeiro de 2013.
- MARINHA - *Direcção de Faróis*. Direccaofarois.marinha.pt, 2012, disponível em: <<http://direccaofarois.marinha.pt/PT/historia1/Paginas/Historia.aspx>>. Acesso em 1 de Março de 2013.

CRÉDITOS DE IMAGENS

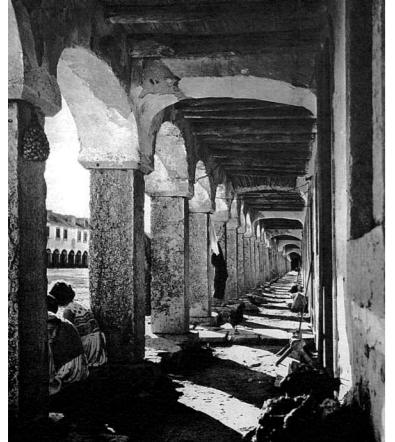


Fig. 1 Nossa Senhora do Cabo, Cabo Espichel, década de 60.
Fonte: [ORDEM DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal](#).
Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 2 Promontório do Cabo Espichel, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 3 Ermida da Memória, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 4 «Carte chorographique des environs de Lisbonne», Harvard Map Collection, 1821.
Fonte: [Harvard Map Collection - Digital Maps](#).
<http://vc.lib.harvard.edu/ctcdliver/~maps/011301983>



Fig. 5 Promontório do Cabo Espichel, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 6 Santuário da Nossa Senhora do Cabo, 2010.
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alvorada_no_Cabo_Espichel.jpg



Fig. 7 Capela da Boa Nova, Leça da Palmeira, Séc. XVIII.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 7 Capela do Senhor da Pedra, Miramar, séc. XVII. Fonte:
<http://vercomlight.blogspot.pt/2011/11/capela-do-senhor-da-pedra-miramar.html>



Fig. 7 Ermida da Memória, Nazaré, 1182. Fonte:
http://porenrentesvalves.blogspot.pt/2008_06_01_archive.html



Fig. 7 Cabo Carvoeiro, sem data.
Fonte: <http://cabocarvoeiro.blogspot.pt/>



Fig. 7 Capela de São Sebastião, Ericeira, séc. XVII...
Autor: Aires dos Santos.
Fonte: <http://www.trekearth.com/gallery/Europe/Portugal/South/Lisboa/Ericeira/photo1192352.htm>



Fig. 7 Nossa Senhora do Cabo, Cabo Espichel, séc. XIV.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 7 Capela Bom Jesus da Arrábida, Arrábida, séc XVII.
Autor: Abel Simões, 2011.
Fonte: <http://olares.sapo.pt/bom-jesus-da-arrabida-foto4599063.htm>



Fig. 7 Capela de Nossa Senhora do Mar, Zambujeira do Mar, sem data.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#).
<http://monumentos.pt>



Fig. 7 Capela de S. Catarina, Fortaleza de Beliche, Sagres, [séc. XVI].
Fonte: http://www.javierelucassfotografia.com/Todasasfotos/Otros-formatos/15818283_16WPS01191056250_daP2d#i=1191056196&h=Lvp345



Fig. 7 Igreja da Nossa Senhora da Graça, Fortaleza de Sagres, Sagres, séc.XVI.
Fonte: http://voyagevirtuel.com/portugal/photo/sagres_815.php



Fig. 7 Capela e Forte de Nossa Senhora da Rocha, Peniche, [séc. VIII - XII].
Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Capela_de_Nossa_Senhora_da_Rocha.jpg



Fig. 8 "Barbarum Promontorium" - Cabo Espichel, 2012.
Autor: Mariano Silva
Fonte: <http://www.ipa.univ.pt/finisterra/index2.php?i=1>



Fig. 9 Mapa "Ancient Spain & Portugal, Hispania or Iberia" de 1838 em que o Cabo Espichel é apelidado de Barbarum Promontorium.
Fonte: [www.davidrumsey.com](http://davidrumsey.com)

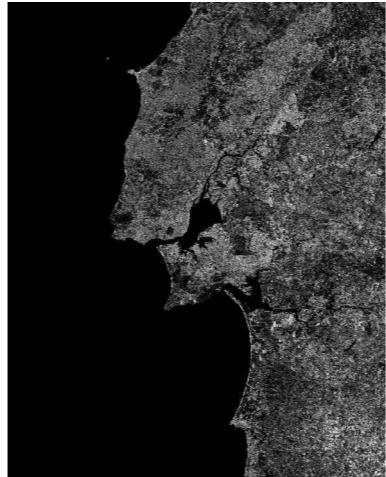


Fig. 10 Ortofotomapa manipulado pelo autor.
Fonte: <http://www.bing.com/maps/>

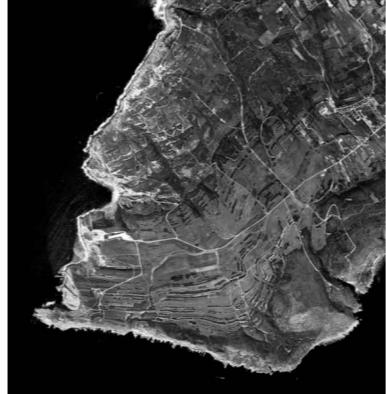


Fig.11 Ortofotomapa manipulado pelo autor.
Fonte: <http://www.bing.com/maps/>



Fig.12 Cabo Espichel.
Fonte: [JORGE, Filipe - Portugal visto do céu. Argumentum, 2009.](#)

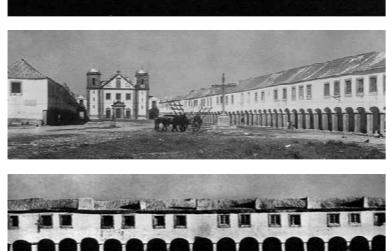


Fig. 13 Santuário da Nossa Senhora do Cabo, década de 60.
Autor: António Ángelo do Couto
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#).
<http://monumentos.pt>



Fig. 14 Hospedarias, década de 60.
Fonte: [ORDEM DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal](#).
Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 16 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: [Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel](#). Lisboa, 1964.



Fig. 17 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: [Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel](#). Lisboa, 1964.



Fig. 18 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#).
<http://monumentos.pt>



Fig. 19 Interior das Hospedarias, década de 60.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#).
<http://monumentos.pt>



Fig. 20 Casa da Água, década de 60.
Fonte: [Fundação Calouste Gulbenkian, O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel](#). Lisboa, 1964.



Fig. 21 Vista do interior do Arraial com Casa da Água ao centro, 1958.
Fonte: [Sistema de Informação para o Património Arquitectónico \(SIPA\)](#).
<http://monumentos.pt>



Fig. 22 Complexo da Casa da Água, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 23 Ilustração do interior da Casa da Água, 1880.
Fonte: [Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro](#), 3º Ano, Vol.3, N.º58 e 59. Lisboa: 1880. <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>



Fig. 24 Tanque das duas bicas, 2012.
Fotografia do autor, 2012.

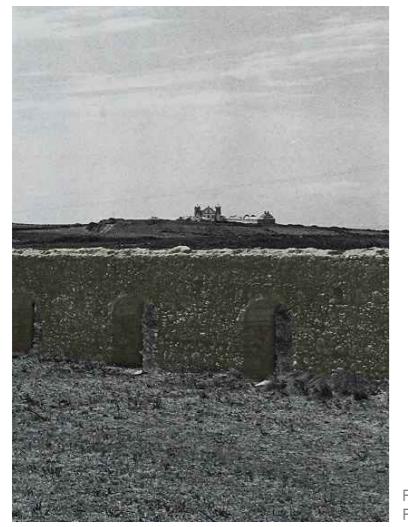


Fig. 25 Aqueduto, sem data.
Fonte: Arquivo fotográfico de Sesimbra.

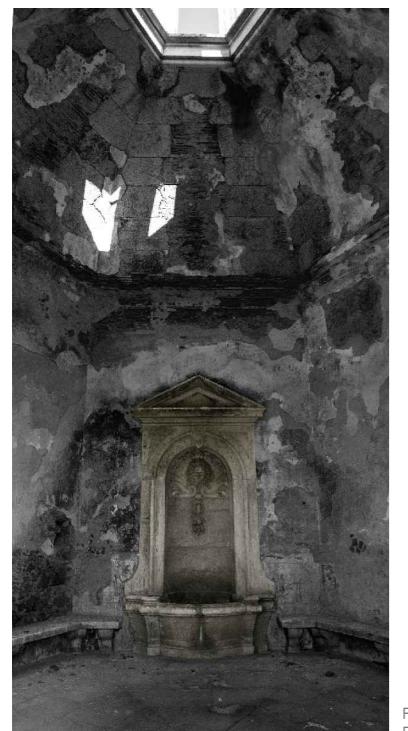


Fig. 26 Fonte rocalha, 2012.
Fotografia do autor, 2012.

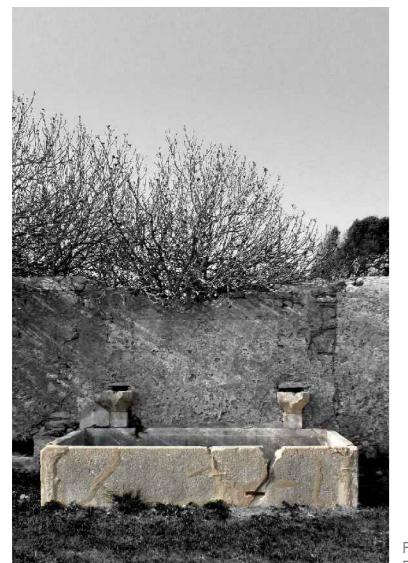


Fig. 27 Tanque das duas bicas, 2012.
Fotografia do autor, 2012.

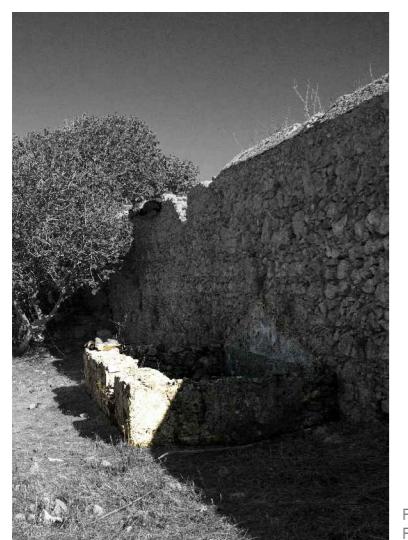


Fig. 28 Tanque para regadio, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 29 Bebedouro para animais, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 30 Poco e grande.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 31 Horta, 2012.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 32 Ermida da Memória, década de 60.
Fonte: ORDEM DOS ARQUITECTOS - Arquitectura Popular em Portugal. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.



Fig. 34 Santuário rodeado por veículos, 2012.
Autor: Mariano Silva.
Fonte: <http://www.ipa.univ.pt/finisterra/index2.php?i=1>



Fig. 34 Santuário rodeado por veículos.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 35 Cabo Espichel, 2012.
Autor: Mariano Silva.
Fonte: <http://ipa.univ.pt/finisterra/index2.php>

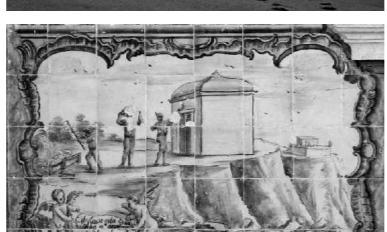


Fig. 36 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 37 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.

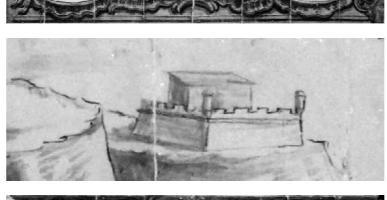


Fig. 38 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 39 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 40 Painel azulejar no interior da Ermida da Memória.
Fotografia do autor, 2012.



Fig. 41 Hospedarias em ruina, década de 60.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>

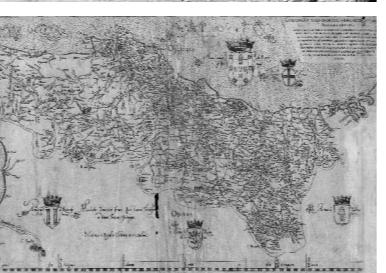


Fig. 42 Mapa «Portugal Delitado», 1561.
Autor: Fernando Álvares Seco.
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. <http://purl.pt>



Fig. 43 Anacephaloeses...
Autor: António de Vasconcelos, 1621.
Fonte: <http://www.bnportugal.pt>

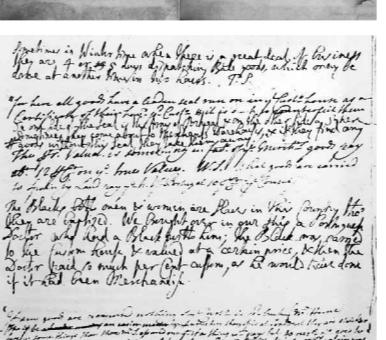


Fig. 44 Manuscrito de Thomas Cox.
Autor: Thomas Cox, 1701.
Fonte: COX, Thomas; COX, Macro - Relação do Reino de Portugal 1701.
Lisboa: Biblioteca Nacional, 2007.



Fig. 45 Santuário Mariano de Frei Agostinho de Santa Maria.
Autor: Frei Agostinho de Santa Maria, 1707.
Fonte: <http://www.bnportugal.pt>



Fig. 46 Berlinda processional.
Fonte: PATO, Héitor Baptista - Nossa Senhora do Cabo - Um culto nas terras do fim. Lisboa: Argusauta, 2008.

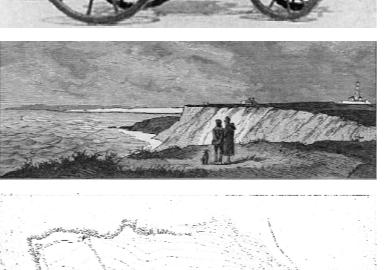


Fig. 47 Ilustração do conjunto do Cabo Espichel.
Fonte: OCIDENTE - Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro; 3º Anno, Vol.3, N.º58 e 59. Lisboa: 1880.

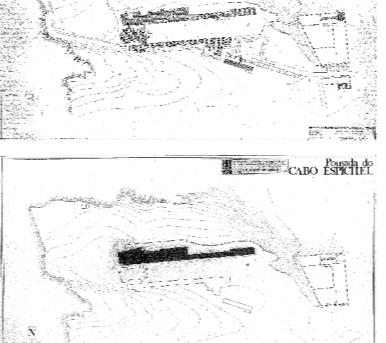


Fig. 48 Projeto de arquitectura de Francisco Keil do Amaral.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>



Fig. 49 Projeto de arquitectura de Ana Rosa de Freitas e de Fernando Canas.
Fonte: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA).
IPA.00006165. <http://monumentos.pt>

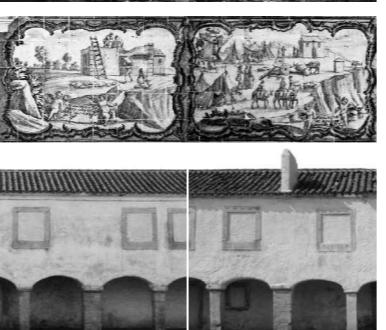


Fig. 50 Segundo cruzeiro e Santuário, sem data.
Fonte: Arquivo fotográfico de Sesimbra.



Fig. 51 Gravuras existentes no interior da Ermida da Memória.
Fotografias do autor, 2012.



Fig. 52 Trigésimas quintas colunas da ala Sul e Norte.
Fotografias do autor, 2012.



Fig. 53 Fotomontagem - Casa dos Livros e estrutura existente.
Fotomontagem do autor.



Fig. 54 Fotomontagem - Casa dos Livros (sala dos livros).
Fotomontagem do autor.



Fig. 55 Fotomontagem - Casa dos livros (sala de leitura).
Fotomontagem do autor.



Fig. 56 Fotomontagem - Tanque.
Fotomontagem do autor.



Fig. 57 Fotomontagem - Casa do Fogo e estrutura existente.
Fotomontagem do autor.



Fig. 58 Fotomontagem - Passagem para o promontório.
Fotomontagem do autor.



Fig. 59 Fotomontagem - Casa do Fogo (miradouro).
Fotomontagem do autor.



Fig. 60 Fotomontagem - Acesso Casa do Fogo.
Fotomontagem do autor.

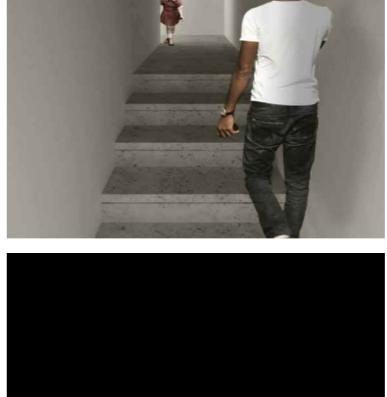


Fig. 61 Maquetes (ortofotomap, maquete 1/200 e maquete 1/20).
Maquete do autor.



Fig. 62 Maquetes (ortofotomap, maquete 1/200 e maquete 1/20).
Maquete do autor.



Fig. 63 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 64 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 65 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 66 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 67 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 68 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 69 Maquete 1/200.
Maquete do autor.



Fig. 70 Maquete 1/20.
Maquete do autor.

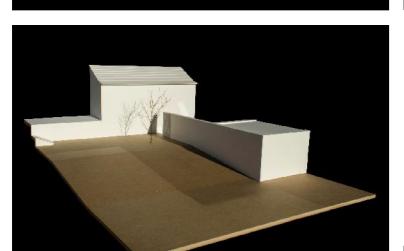


Fig. 71 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 72 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 73 Maquete 1/20.
Maquete do autor.



Fig. 64 Maquette 1/200.
Maquette do autor.



Fig. 74 Maquette 1/20.
Maquette do autor.

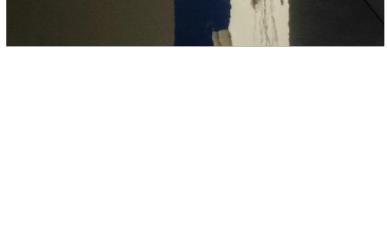


Fig. 75 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



Fig. 76 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



Fig. 77 Maquette 1/20.
Maquette do autor.

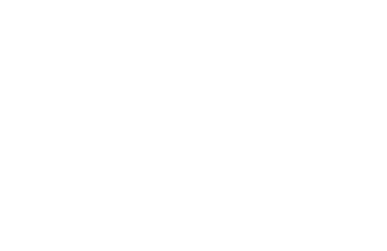


Fig. 78 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



Fig. 79 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



Fig. 80 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



Fig. 81 Maquette 1/20.
Maquette do autor.



«Não existem, neste país, muitos conjuntos arquitectónicos tão acentuadamente de cá, em que a marca de uma região se imponha com aquela sóbria e sábia evidência.

Há em Portugal, é claro, edificações de outro vulto, de outra riqueza, de outra erudição estilística. Mas não são tão nossas, tão enraizadas nas realidades físicas e espirituais inerentes a uma região, à gente que nela vive e que no seu contacto diário se afeiçoou, dando-lhe feição».

Keil do Amaral in *O Santuário da Senhora do Cabo no Espichel*